

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

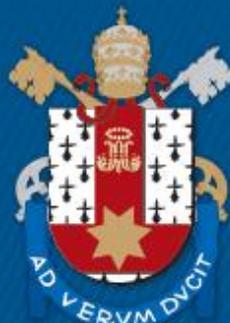
LARISSA CALDEIRA DE FRAGA

O BRASIL NO IMAGINÁRIO COLETIVO
A COBERTURA DOS TELEJORNAIS CNN NEWSROOM E BBC NEWS NA COPA DO MUNDO
DE 2014

Linha: Práticas Culturais nas Mídias, Comportamentos e Imaginários da Sociedade da Comunicação

Porto Alegre
2016

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LARISSA CALDEIRA DE FRAGA

**O BRASIL NO IMAGINÁRIO COLETIVO
A COBERTURA DOS TELEJORNAIS CNN NEWSROOM E BBC NEWS NA
COPA DO MUNDO DE 2014**

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção de título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dr^a Juliana Tonin

Porto Alegre

2016

Ficha Catalográfica

F811b Fraga, Larissa Caldeira de

O Brasil no Imaginário Coletivo : A Cobertura dos Telejornais
CNN Newsroom e BBC News na Copa do Mundo de 2014 / Larissa
Caldeira de Fraga . – 2016.

222 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Tonin.

1. comunicação. 2. imaginário. 3. telejornalismo. 4. Brasil. 5.
tecnologias do imaginário. I. Tonin, Juliana. II. Título.

LARISSA CALDEIRA DE FRAGA

O BRASIL NO IMAGINÁRIO COLETIVO
A COBERTURA DOS TELEJORNAIS CNN NEWSROOM E BBC NEWS NA
COPA DO MUNDO DE 2014

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção de título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Profª Drª Cárilda Emerim

Profª Drª Juliana Tonin

Porto Alegre

2016

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo apoio em todos os momentos da minha vida.

À minha “fada madrinha” (como não chamar assim quem se dedica aos estudos dos contos de fada), Juliana Tonin, por toda paciência e dedicação ao me mostrar o caminho para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada por tudo!

Ao professor Juremir Machado da Silva por ser exemplo como docente e de humildade, raramente presente no meio acadêmico.

À professora Cárilda Emerim pelas contribuições feitas a este trabalho na banca de qualificação.

À Maria Helena Steffens de Castro, que proporcionou a minha primeira oportunidade no mundo da pesquisa, me selecionando como bolsista de iniciação científica ainda no primeiro semestre da graduação.

Aos professores que me inspiram e incentivaram de alguma maneira, em especial Cristiane Finger, André Pase, Cláudio Mércio e Eduardo Pellanda, minha eterna gratidão.

Aos meus amigos, por suportarem as minhas lamentações e me apoiarem nesses dois anos, que estavam comigo, nas discussões sobre imaginário, revisando, traduzindo entrevistas e no infinito apoio moral. Obrigada Luciana Souza, Mariana Severo, Gabriela Kurtz, Valéria Machado, Otávio Daros, Bruno Maya e Roberta Simon.

Ao Grupo Imagem e Imaginários por oportunizar experiência nas pesquisas e estudos sobre imaginário.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão de bolsa parcial.

À todas as pessoas que cruzaram o meu caminho e que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui. Carrego comigo um pouco de cada um.

“Le véritable voyage de découverte ne consiste pas à chercher de nouveaux paysages, mais à avoir de nouveaux yeux.”

Marcel Proust

“Os anos passam sem parar e não temos uma solução
Só vemos promessas de um futuro que não passa de ilusão
E a esperança do povo vem da humildade dos seus corações
Que jogam suas vidas, seu destino, nas garras de famintos
leões

Deixa o menino jogar, ô iaiá

Deixa o menino aprender, ô iaiá

Que a saúde do povo daqui é o medo dos homens de lá

Sabedoria do povo daqui é o medo dos homens de lá

A consciência do povo daqui é o medo dos homens de lá”

Deixa o menino jogar - Natiruts

RESUMO

O objetivo deste trabalho é desvelar o imaginário sobre o Brasil, dinamizado pelo telejornalismo internacional. O objeto de estudo é a cobertura da Copa do Mundo de 2014 realizada pelos noticiários *CNN Newsroom* e *BBC News*. A pesquisa é fundamentada, principalmente, a partir da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand e dos estudos sobre Tecnologias do Imaginário de Juremir Machado da Silva. Para desvendar os mitos e o simbólico das reportagens veiculadas, será feita uma adaptação da mitocrítica de Durand. Nesta pesquisa, foram destacados cinco imaginários brasileiros: do descobrimento, futebol, da festa, do jeitinho e malandro, e da violência. Depois da passagem do mito do futuro ao presente, vivemos hoje o mito da mudança.

Palavras-chave: comunicação; imaginário; telejornalismo; Brasil; tecnologias do imaginário.

ABSTRACT

This work's aim is to unveil the imaginary about Brazil, boosted by international broadcast journalism. The object of study is the 2014 FIFA World Cup coverage broadcasted by the news programs CNN Newsroom and BBC News. The research is mainly based on Gilbert Durand's General Theory of Imaginary and Juremir Machado da Silva's studies about Imaginary Technologies. To unveil the stories' myths and symbolic, it will be made an adaptation of Gilbert Durand's mythocritic. In this research, five Brazilians imaginaries were highlighted: discovery, soccer, party, "jeitinho" and "malandro", and violence. After the passage of the future's myth to the present, we live today the myth of the change.

Keywords: Communication; imaginary; broadcast journalism; Brazil; Imaginary's Technologies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do Jornal Extra.....	14
Figura 2 – Momentos antes do segundo avião atingir a Torre Sul do World Trade Center.....	35
Figura 3 – Tirinha Snoopy sobre televisão.....	43
Figura 4 – Primeira imagem transmitida pela televisão	54
Figura 5 – Zé Carioca. O Malandro da Disney.....	73
Figura 6 - Constelação do Referencial Teórico.....	99
Figura 7 – Constelação Brasil – Reportagens BBC.....	104
Figura 8 – Crítica ao dinheiro gasto com a Copa do Mundo nas ruas do Rio de Janeiro.....	106
Figura 9 – Mesmo depois de imobilizado, manifestante é atingido por gás de pimenta.....	107
Figura 10 – Escada feita com andaimes de forma improvisada na entrada do Estádio Maracanã.....	108
Figura 11 – Constelação Outros – Reportagens BBC.....	109
Figura 12 – Indiana mostra como faz para economizar com a alimentação durante a Copa.....	110
Figura 13 – Constelação Brasil – Reportagens BBC.....	112
Figura 14 – Polícia Usa bomba de gás lacrimogênio em protesto em São Paulo.....	114
Figura 15 – Equipe da CNN fica ferida em protesto em São Paulo.....	115
Figura 16 – Repórter da CNN comemora com torcedores a vitória do Brasil nas quartas-de-final.....	116
Figura 17 – Constelação Outros – Reportagem CNN.....	118
Figura 18 – Jogador colombiano é morto ao voltar ao seu país após fazer um gol contra na Copa de 1994.....	118
Figura 19 – Governo Colombiano faz campanha para celebrar a paz durante os jogos.....	119
Figura 20 - Constelação do Referencial Teórico.....	120
Figura 21 – Constelação Brasil – Reportagens BBC.....	120

Figura 22 – Constelação Brasil – Reportagens CNN.....	121
Figura 23 – Paul, a tartaruga que “adivinha” qual time vai ganhar os jogos...	122
Figura 24 – Praia do Forte, na Bahia.....	122
Figura 25 – Entrevista com Eduardo Paes com a praia de Copacabana ao fundo.....	123
Figura 26 – Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro.....	124
Figura 27 – Escada Improvisada no Estádio Maracanã.....	126
Figura 28 – Rostos de Jogadores esculpidos em melancias.....	127
Figura 29 – Torcedores Festejam Fan Fest.....	128
Figura 30 – Caipirinha, a bebida brasileira.....	129
Figura 31 – Problemas que o país enfrenta apontados pela BBC. Ao fundo, imagem da praia de Ipanema, no Rio de Janeiro.....	129

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 IMAGINÁRIO	21
2.1 A TEORIA DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND.....	26
2.2 O PENSAMENTO SIMBÓLICO.....	31
2.3 AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO	38
3 TELEVISÃO E IMAGINÁRIO	42
3.1 O PAPEL DA TELEVISÃO.....	48
3.2 A TELEVISÃO NOS ESTADOS UNIDOS.....	54
3.3 A TELEVISÃO BRITÂNICA	59
3.4 JORNALISMO INTERNACIONAL E O OLHAR PARA O OUTRO.....	64
4 IMAGINÁRIO BRASILEIRO	68
4.1 O BRASIL DAS COPAS.....	80
4.2 O SURGIMENTO DA COPA DO MUNDO.....	82
4.3 A PRIMEIRA COPA DO BRASIL	84
4.4 A COPA DE 2014.....	87
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	94
5.1 ADAPTAÇÃO DA MITOCRÍTICA.....	97
5.2 CONSTELAÇÃO REFERENCIAL TEÓRICO.....	100
5.3 CONSTELAÇÃO BBC	105
5.4 CONSTELAÇÃO CNN.....	113
5.5 O BRASIL NO IMAGINÁRIO COLETIVO.....	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
7 REFERÊNCIAS.....	143

1 Introdução

Brasil, um país amado e odiado. Amado pela alegria e hospitalidade. Odiado pela violência e corrupção. Pode não ser o único país do mundo com essas características, mas é reconhecido por elas. São recorrentes os discursos que enfatizam que nada “dá” certo no país. Há uma constante afirmação da Teoria da Falta (SILVA, 1996), em que se destacam os problemas. Muitas vezes é reforçado o complexo de vira-lata (RODRIGUES, 2013), que promove a ideia de inferioridade do país. Com isso, fica a reflexão sobre o papel do telejornalismo internacional no reforço dessas teorias. Assim, é iniciado o questionamento: Como o país é visto? Como é o olhar do outro sobre o país? O país será lembrado pelas faltas ou pelas virtudes? Que imaginário é dinamizado sobre o Brasil?

O momento vivido e o período da realização Copa do Mundo de 2014 pedem uma análise simbólica, já que os fatos clamam uma interpretação mais profunda. O papel arraigado do símbolo é “a confirmação de um sentido para uma liberdade pessoal. É por isso que o símbolo não pode ser explicitado” (DURAND, 1988, p. 37). A sua força poética define melhor a autonomia humana do que qualquer especulação filosófica. É a poética da transcendência do assunto mais objetivo, mais engajado. É o motor da simbólica. É a epifania de um mistério, algo a ser desvendado, além da explicação racional.

Busca-se, neste trabalho, desvelar o imaginário sobre o Brasil, dinamizado pelo telejornalismo, durante o mês da realização da Copa do Mundo de 2014. O imaginário é fluido. É dinâmico. Se transforma a cada instante. Influencia e sofre influência. Está em constante movimento e transformação, mas o conteúdo disseminado durante a competição reflete na atualidade. Traz consequências no que acontece hoje.

Pode-se afirmar que quanto mais dialéticas se complicam, mais os esquemas simbólicos se contradizem e se compensam numa determinada sociedade, mas essa sociedade está em vias de transformação integral, de liquefação histológica. Parece-nos o caso de nossas sociedades “civilizadas”, onde se chocam simbolismos religiosos, éticos, familiares, sentimentais, mitos do

progresso, mitos nacionalistas, utopias internacionalistas, mitos sociais ou individualistas ... enquanto as sociedades primitivas "frias" parecem possuir maior grau de integração. (DURAND, 1988, p. 91)

Desde que foi anunciado como sede da Copa do Mundo da FIFA de 2014, em 2007, o Brasil passou a ocupar a vitrine mundial. O evento serviu como uma oportunidade de mostrar as potencialidades da nação para o mundo. Também afirmar que o país estava preparado para realizar uma competição esportiva de grande porte, pela segunda vez. De acordo com a avaliação¹ do governo brasileiro, a organização da competição foi um sucesso. Já para os críticos, apenas legitimou as fragilidades do país. Vivemos sob o risco de obras inacabadas nos prazos estabelecidos e da falta de estrutura e segurança para receber quase um milhão de turistas.

O evento é uma relevante oportunidade para a pesquisa, pois foi palco de uma intensa cobertura de diversos veículos internacionais. Foi um período em que equipes de reportagens dedicaram um mês para focar no Brasil, não só nos questionamentos sobre a capacidade de sediar o mundial, mas também no seu modo de vida e costumes. Assim, com esse "aprofundamento" do tema "Brasil" nos telejornais internacionais, é possível enxergar o ponto de vista do outro para o que o país representa.

Nos anos que antecederam a competição, o Brasil apresentou uma grande mudança na conjuntura econômica e social. Na última década, o país passou da 12^o posição no ranking² das maiores economias do mundo para a sétima colocação³. Em 2011, atingiu o menor índice de desigualdade social desde 1960⁴. Entre 2001 e 2011, o crescimento da renda real dos 10% mais pobres foi de 91,2%. Entre os mais ricos o crescimento foi de 16,6% no mesmo período⁵. Esses dados chamaram a atenção mundial.

¹Portal Brasil. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2014/07/governo-faz-balanco-da-copa-do-mundo-e-aborda-sucesso-do-evento>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

²Folha Online. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u74484.shtml>. Acesso em 15 de agosto de 2016

³Portal UOL. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/30/ranking-do-banco-mundial-traz-brasil-como-a-7-maior-economia-do-mundo.htm>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

⁴Portal Estadão. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-atinge-menor-nivel-de-desigualdade-social-desde-1960,105210e>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

⁵Site Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/economia/em-2011-brasil-atingiu-menor-indice-de-desigualdade-social-da-historia>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

Apesar disso, ainda havia muito a ser feito. A população convive com a insegurança. Segundo relatório⁶ das Nações Unidas, o país é o 16º mais violento do planeta. O Brasil apresenta⁷ um número cinco vezes maior do que o índice mundial de homicídios, de acordo com o levantamento do Instituto Igarapé, organização sem fins lucrativos.

Os países europeus e os Estados Unidos, grandes potências mundiais, colocam a culpa de seus maiores problemas, como o terrorismo, ao outro, ao diferente, como se não tivessem a ver com eles mesmos. As mazelas são atribuídas aos imigrantes e estrangeiros. No Brasil, não temos a quem culpar, a não ser a nós mesmos. Assim, é difícil para os estrangeiros entenderem a nossa realidade. Vivemos o medo de forma diferente. O terrorismo acontece no Brasil todos os dias, com milhares de ocorrências de violência. No exterior, quando acontecem atos de terror, eles são as vítimas. No Brasil, somos os culpados. A desigualdade social e falta de oportunidades são os grandes vilões.



Figura 1 – Capa do Jornal Extra – edição de 16 de julho de 2016
Fonte: <http://extra.globo.com/capas-jornal-extra/>

⁶Estudo Global sobre Homicídios. Disponível em <http://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/Topics_crime/Publicacoes/Estudo-Global-Homicidios/2014/PT_SumarioExecutivo_-_final.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

⁷Site época. Disponível em <<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Dilemas/noticia/2015/05/numero-de-homicidios-no-brasil-e-5-vezes-maior-que-indice-mundial-mostra-estudo.html>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

Como em qualquer lugar do mundo, existem graves problemas, mas apresentamos valiosas virtudes. É preciso valorizar seus pontos fortes. É referência⁸ em saúde pública com o Sistema Único de Saúde, que prevê o acesso universal da população, feito que não ocorre em alguns países ricos, como os Estados Unidos. Conta com universidades públicas gratuitas, referência em ensino, que são as mais renomadas do país, aparecendo no ranking das melhores universidades do mundo, como a Universidade de São Paulo. Nos Estados Unidos, as universidades públicas⁹ são pagas e não têm o mesmo prestígio das instituições privadas.

Também é destaque pelo sistema de votação das eleições. A urna eletrônica brasileira foi a pioneira¹⁰ no mundo, lançada no ano 2000. A tecnologia inspirou países internacionalmente. Na Inglaterra, a votação ainda não é informatizada. Além disso, tem a maior floresta tropical do mundo, preserva¹¹ 50% da biodiversidade da terra. Segundo o Governo Federal¹², entre 2013 e 2014, o Brasil reduziu em 24% o desmatamento da Mata Atlântica. Enquanto os Estados Unidos fazem parte da lista dos países mais poluentes¹³ do planeta.

Este trabalho visa analisar as reportagens divulgadas na televisão internacional. O objetivo é compreender o imaginário do país que é difundido, através do desvelamento do simbólico das reportagens. Para fazer a análise, foram escolhidos dois telejornais das maiores emissoras de cobertura internacional, o CNN Newsroom, da norte-americana CNN, e o telejornal BBC News, da televisão pública britânica.

⁸Portal ONU Brasil. Disponível em < <https://nacoesunidas.org/sistema-de-saude-publica-brasileiro-e-referencia-internacional-diz-banco-mundial/>>. Acesso em 11 de agosto de 2016.

⁹ Portal UOL. Disponível em < <http://vestibular.brasilescuela.uol.com.br/estudar-no-exterior/as-diferencas-entre-universidades-publicas-particulares-nos.htm>>. Acesso em 11 de agosto de 2016.

¹⁰Portal Estadão. Disponível em < <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,veja-como-funciona-a-urna-eletronica-no-brasil-e-em-outros-paises,1000002427>>. Acesso em 11 de agosto de 2016.

¹¹Portal UOL. Disponível em < <https://noticias.terra.com.br/educacao/voce-sabia/a-floresta-amazonica-pode-ser-considerada-o-pulmao-do-mundo.1238c087e60ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em 11 de agosto de 2016.

¹² Portal Brasil. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2015/06/brasil-avanca-na-preservacao-da-amazonia>>. Acesso em 11 de agosto de 2016.

¹³Folha Online. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u14605.shtml>>. Acesso em 11 de agosto de 2016.

A escolha de noticiários distintos revela o interesse em analisar as peculiaridades dos diferentes enfoques. A CNN, uma televisão privada, tem uma abordagem e ideologia diferente da TV pública britânica BBC. Abordar as diferenças, em contextos distintos, é um destaque deste trabalho. O intuito não é apenas observar uma forma de ver o Brasil, mas sim, mostrar o resultado dos diferentes modos da área de produção jornalística. A CNN influenciou a forma de se fazer jornalismo em diversos países. A BBC é o canal de televisão referência, considerado a melhor TV do mundo. As duas emissoras investem fortemente na cobertura internacional. Por esses motivos, esses dois veículos foram escolhidos.

O foco não é abordar o modo de produção das reportagens ou os critérios de noticiabilidade. Busca-se entender o olhar do outro sobre a nossa cultura. A forma como somos vistos também reflete no imaginário. “Todo indivíduo submete-se a um imaginário preexistente. Todo sujeito é um inseminador de imaginários” (SILVA, 2012, p.9). A proposta não é encontrar um padrão cultural ideal, mas sim mostrar as particularidades do imaginário brasileiro, visto pela ótica do estrangeiro.

Considerar os valores privilegiados da sua própria cultura como arquétipos normativos para outras culturas é sempre dar mostras de colonialismo intelectual. A única coisa normativa são as grandes reuniões plurais de imagens em constelações, enxames, poemas ou mitos. (DURAND, 2002, p. 17)

O imaginário pode ser considerado o estado de espírito de um povo (MAFFESOLI, 2001), o conjunto de imagens e relações de imagens (DURAND, 2002) e uma rede de valores e de situações partilhadas (SILVA, 2012). O imaginário de um determinado país une todos através do mesmo sentimento. São as características de um indivíduo ou grupo na cultura. “Aquilo que separa uma cultura da outra é o imaginário (a representação) que cada cultura engendra para si mesma” (SILVA, 2012, p.16).

No balanço antropológico, chegamos a estabelecer que a função da imaginação é, antes de mais nada, uma função de eufemização, porém, não simplesmente ópio negativo, máscara que a consciência veste diante da horrível figura da morte, mas, ao contrário, dinamismo prospectivo que, através de todas as estruturas do projeto imaginário tenta melhorar a situação do homem no mundo. (DURAND, 1988, p.101)

Durand (2003) defende que o Brasil é um laboratório, com um fundo ameríndio, em que se encontra os valores da Europa e da África. Aqui o invisível adquire rosto e monta a vida cotidiana. Segundo o antropólogo, no país é possível constatar a realidade pregnante do mito e ter os horizontes da mitodologia.

Enquanto que a maioria das civilizações aculturais tenham vivido, e embora vivem com dificuldade a ambiguidade que resulta nas confrontações de cultura, chegando a implantar-se até tensões destrutivas - como aconteceu na América do Norte - a miscigenação brasileira permitiu um efeito de extrair a quinta essência da confrontação: a contribuição do índio, sobretudo o africano, se mesclou ao suprimento europeu: imaginário católico, filosofia comtista, espiritismo de Allan Kardec... E é essa mescla que a permitiu colocar em evidência os rostos do invisível, através das trivialidades e insignificâncias do cotidiano. E essa vida brasileira nos permite, mais que qualquer outra - inclusive mais que as grandes culturas, como as asiáticas (China, Índia, Coreia), que se aproximaram a essa "inculturação" - compreender que a mistura constitutiva do mito e o interesse antropológico de uma mitanálise¹⁴. (DURAND, 2003, p. 173, tradução nossa)

Para entender o imaginário sobre o Brasil dinamizado por um canal norte-americano e outro britânico, será feita uma adaptação da mitocrítica, proposta por Gilbert Durand. É uma adaptação, pois o autor propõe três fases a serem aplicadas (que estão mais detalhadas no último capítulo), mas este trabalho se propõe em focar na primeira etapa, que visa identificar os temas redundantes. Com esta metodologia, são desvelados os símbolos e os mitos que subjazem à cobertura internacional. Os temas recorrentes são observados a partir da elaboração de constelações de imagens, que são conjuntos simbólicos. O objetivo é tentar perceber o simbólico presente nas reportagens e assim analisar o imaginário difundido pelo telejornalismo.

Para a comunicação, a importância desta pesquisa é evidenciar o papel do jornalismo na dinamização de imaginários, representações de outras culturas

¹⁴Mientras que la mayoría de las civilizaciones "aculturales" han vivido, y aún viven con dificultad "la ambigüedad" que resulta de las confrontaciones de cultura, llegando a plantearse hasta tensiones destructivas - como sucedió en América del Norte-, el mestizaje brasileño permitió en efecto extraer la quintaesencia de la confrontación: al aporte índio, y sobre todo el africano, se mezcló el suplemento europeo: imaginario católico, filosofía comtista, espiritismo de Allan Kardec... Es esa mezcla la que permitió poner en evidencia los rostros de lo Invisible a través de las trivialidades y las "insignificancias" de lo cotidiano. Y esta "vida" brasileña nos permite, más que cualquier otra- incluso más que las grandes culturas, como las asiáticas (India, China, Japón, Corea...) que se acercaron a esta "inculturación" - comprender lo que es la mixtura constitutiva del mito y el interés antropológico de un mitoanálisis.

e reforço de estereótipos. Também pode servir de inspiração para novas pesquisas na mesma temática. Pela experiência da autora e afinidade com a televisão, pela atuação no mercado de trabalho na área de telejornalismo, este foi o veículo escolhido. Neste trabalho, a TV é considerada uma tecnologia do imaginário que une todos em torno de um sentimento. É um dispositivo de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida. Estabelece laço social, une através de uma atividade ao mesmo tempo individual e coletiva. É tema de conversas e debates intensos e discussões acaloradas, inclusive nas redes sociais.

O trabalho é dividido em quatro capítulos. O primeiro aborda o conceito de imaginário, trata sobre a teoria do imaginário de Gilbert Durand e discorre sobre a imaginação simbólica. O imaginário dinamizado pela mídia é mostrado aqui como tecnologias do imaginário.

O foco do segundo capítulo é o imaginário e a televisão. É abordado todo o arsenal simbólico que o conteúdo da TV pode conter. É debatido o papel da televisão na sociedade. Também retrata a história da televisão norte-americana e do canal CNN, objeto desse estudo. O mesmo é feito com a TV britânica e a emissora BBC. Por se tratar de emissoras de países distintos fazendo a cobertura de um evento em território estrangeiro, será apresentada uma reflexão sobre o jornalismo internacional e o olhar sobre o outro.

No terceiro capítulo, a Copa do Mundo é vista através dos seus aspectos históricos, desde a sua criação até a última edição do evento. Além disso, é retratado o imaginário brasileiro por meio de suas características históricas, geográficas e culturais. Para compreender a conjuntura no momento do mundial, é feita uma reflexão sobre os acontecimentos do país ligados ao que foi noticiado na Copa, promovendo um maior entendimento do corpus.

A última parte apresenta a mitocrítica das reportagens analisadas. Evidencia imaginários presentes, desvela símbolos e propõe mitos, que podem ser identificados no período analisado. As diferenças entre as duas coberturas também são mostradas. O olhar do outro é revelado.

O trabalho promove uma reflexão sobre o imaginário do Brasil e como podemos ser vistos. Revela os aspectos da realidade do país que foram dinamizados. O simbólico tem uma força difícil de ser vista, mas que podemos sentir. Por isso, busca-se olhar para este aspecto, muitas vezes renegado. A

relevância desta pesquisa está na compreensão do telejornalismo como dinamizador de imaginários. O que aconteceu na Copa do Mundo reflete diretamente no momento marcante que os brasileiros vivem atualmente. É preciso uma análise mais profunda, além do racional, valorizando o sensível e o simbólico para um conhecimento mais complexo sobre o imaginário do país.

2 Imaginário

Para compreender como se constitui o imaginário coletivo sobre o Brasil, dinamizado pelo telejornalismo internacional, é preciso entender primeiramente o conceito do termo. O imaginário é um filtro em que todos os nossos pensamentos passam. Ali ficam armazenadas as nossas crenças, visões de mundo, sonhos e fantasias. Compreende aspectos históricos e culturais de um povo ou grupo. Se refere às lembranças da infância, angústias, projeções do futuro, utopias, fantasias, mitos e crenças. Gilbert Durand define como “o museu de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 1998, p.6). É o capital pensado do *homo sapiens*, em que se encontram todas as criações do pensamento humano.

Para Legros (et al. 2014), a vida dos homens é submetida a imaginários, sejam eles representados nas artes (cinema, fotografias) e nas construções mentais e coletivas individuais. “O imaginário, assim, diz respeito a uma civilização: circula através da história, das culturas, dos grupos sociais (...) O imaginário alimenta e faz o homem agir. É um fenômeno coletivo, social, histórico” (LEGROS et al., 2014, p.10)

Michel Maffesoli (2001) defende que o imaginário é um estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado Nação e de uma comunidade. Silva (2012) acredita que não é um mero álbum de fotografias mentais, muito menos um museu da memória coletiva e social. É “uma rede etérea ou movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (SILVA, 2012, p.9).

O imaginário não pode ser confundido com cultura. Silva (2012) destaca que o que separa uma cultura da outra é o imaginário. É a representação que cada cultura faz de si mesma. Imaginário e cultura coabitam e coexistem, mas não se equivalem. “A cultura é um dado objetivo; o imaginário, a subjetividade compacta e inexorável. A objetividade da cultura diluiu-se nas águas pesadas da atmosfera imaginal.” (SILVA, 2012, p.16). Maffesoli (2001) explica que a cultura é mais ampla, ela não se reduz ao imaginário. “A cultura é um conjunto de elementos e fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo” (MAFFESOLI, 2001, p.75). A cultura pode ser identificada através do teatro, literatura, música, fatos do cotidiano, costumes, maneira de vestir. Já o

imaginário, segundo o autor, está em uma dimensão ambiental, uma atmosfera. É uma força de ordem espiritual. Uma construção mental.

Insisto que há proximidade entre cultura e imaginário. Neste sentido, pode-se dizer que o imaginário é a cultura de um grupo. Contudo, se voltarmos ao que foi dito, veremos que o imaginário é, ao mesmo tempo, mais do que essa cultura: é a aura que ultrapassa e alimenta. (MAFFESOLI, 2001, p. 76)

Assim, podemos compreender que a cultura brasileira se diferencia das outras nacionalidades através do seu imaginário, pelas características que representa através da cultura. Na obra *Campos do Imaginário*, Durand (1996) aborda em um capítulo o imaginário lusitano e brasileiro, que veremos com maior destaque no capítulo 4 deste trabalho. Apesar do Brasil ter sido conquistado por Portugal, o imaginário dos dois países é inverso. Enquanto a história lusitana é marcada por conquistas da navegação, a diversidade cultural permeia o imaginário brasileiro. Durand apresenta o imaginário do país através de aspectos históricos, geográficos, culturais e literários.

Enquanto o imaginário português era assombrado pelo apelo do largo e pelas virtudes viris impostas pela árdua e longa navegação e pelo estado de alerta associado aos desembarques e aos recontros inesperados, o imaginário novo do Brasil está enterrado na gigantesca terra (80 vezes a superfície de Portugal) tão variada que se estende da Amazonia ao Rio Grande do Sul. Imaginário da terra, e quem diz terra diz feminilidade. Pura constelação imaginária à partida, onde a fecundidade agrícola, a fecundidade fluvial e a fecundidade florestal se conjugam com o ventre mineiro do Eldorado. (DURAND, 1996, p. 200)

O imaginário também pode ser visto pelo ponto de vista social. A sociologia do imaginário se interessa pela dimensão imaginária de todas as atividades humanas, abrange a sociedade no cotidiano, política, religião, ciência e literatura. Ela pretende ser uma sociologia das profundezas, pois busca as motivações profundas, os circuitos dinâmicos que envolvem a sociedade. Tem quatro funções sociais. A primeira é a antropofisiológica, ligada à necessidade de devaneio. Também tem o intuito de regulação humana diante do que é incompreensível, como a morte. E tem a função de criatividade social e individual, representando os mecanismos da criação e relativizando a percepção do real. Além disso, é capaz de promover a comunhão social favorecendo os sistemas de representação, a memória coletiva e o mimetismo.

Depois de conceituado o termo imaginário, o que se pode entender por imaginário coletivo? O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung criou o conceito de inconsciente coletivo. A noção de inconsciente de Jung revolucionou os estudos da psicanálise, pois ultrapassou a perspectiva freudiana. Segundo Jung (1987), além de conter os aspectos repressivos, defendidos por Freud, o inconsciente compreende todo o material psíquico que integra e subjaz a consciência. “O inconsciente contém todos aqueles componentes psíquicos subliminais, inclusive as percepções subliminais dos sentidos (...) o inconsciente também inclui componentes que ainda não alcançaram o limiar da consciência”. (JUNG, 1997, p. 3). Ele pode constituir novos conteúdos conscientes e nunca está em repouso, pois tem o papel de agrupar e reagrupar conteúdos. Esses conteúdos são pessoais, de forma que foram agrupados durante a existência do indivíduo.

Os conteúdos inconscientes são de natureza pessoal quando podemos reconhecer em nosso passado seus efeitos, sua manifestação parcial, ou ainda sua origem específica. São partes integrantes da personalidade, pertencem a seu inventário e sua perda produziria na consciência, de um modo ou de outro, uma inferioridade. (JUNG, 1987, p.13)

Por outro lado, supera o âmbito pessoal. O inconsciente possui conteúdos coletivos relativamente ativos. Para Jung (1987), o simbolismo encontrado nos sonhos e fantasias, os instintos básicos e a forma do pensamento são fatores coletivos. O autor define como *persona* a máscara da psique coletiva, que aparenta uma individualidade. Essa máscara apresenta o papel que representamos na sociedade. É uma aparência. “Ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo” (JUNG, 1987, p.32).

O cargo que ocupamos não representa apenas uma atividade particular, mas sim um fator coletivo. Isto é historicamente condicionado pela cooperação de muitas pessoas. A nossa dignidade acaba dependendo da aprovação coletiva. Com isso, nos comportamos conforme o que se espera dos nossos cargos ou títulos. É um conjunto complexo de fatores que uma determinada função representa. “O cargo ou qualquer tipo de casca exterior exerce um grande fascínio, porque representa uma fácil compensação das deficiências pessoais” (JUNG, 1987, p.20).

A relação da psique social com a coletiva corresponde, de certa forma, com o envolvimento do indivíduo com a sociedade. O indivíduo não é só um ser singular, mas um ser social. A psique humana não é também algo isolado e individual, mas também um fenômeno coletivo.

Quanto maior for uma comunidade e quanto mais a soma dos fatores coletivos, peculiar a toda grande comunidade, repousar sobre preconceitos conservadores, em detrimento da individualidade, tanto mais o indivíduo será moral e espiritualmente esmagado. O resultado disso é a obstrução da única fonte de progresso moral e espiritual da sociedade. Nestas condições só poderão prosperar a socialidade e o que é coletivo no indivíduo. Tudo que nele for individual submerge, isto é, está condenado à repressão: os elementos individuais caem no inconsciente onde, geralmente, se transformam em algo de essencialmente pernicioso, destrutivo e anárquico. (JUNG, 1987, p.27)

O psiquiatra também acredita que todos homens e mulheres têm o seu lado feminino e masculino, respectivamente. “Não há homem algum tão exclusivamente masculino que não possua em si algo feminino” (JUNG, 1987, p.65). O caráter feminino inerente ao homem esclarece a feminilidade do complexo anímico. A *anima* se refere a esse aspecto feminino. Por outro lado, o *animus* está ligado ao masculino. Os dois aspectos se confrontam. Jung (1987) acredita que a *anima* produz caprichos e o *animus* produz opiniões. No capítulo 4, veremos que Durand relaciona o imaginário brasileiro à *anima* e à natureza feminina. “Há uma imagem coletiva da mulher no inconsciente do homem, com o auxílio da qual ele pode compreender a natureza da mulher. Esta imagem herdada é a terceira fonte importante da feminilidade da alma” (JUNG, 1987, p. 66).

Jung (1987) enfatiza que os processos do inconsciente coletivo não compreendem apenas as relações pessoais de um indivíduo com o seu grupo ou sua família, mas diz respeito à comunidade humana em geral. Os instintos básicos e formas fundamentais do pensamento e sentimento são coletivos. O que os homens concordam em considerar como geral é coletivo. O que todos compreendem, dizem e fazem também faz parte do coletivo.

O fenômeno coletivo explica o fato de que povos e raças de tempos distintos tenham processos de consciência similares. A semelhança dos cérebros determina uma função mental similar. O inconsciente coletivo contém arquétipos, que seriam imagens primordiais. Se referem a caminhos virtuais

herdados. “Mediante a forma primitiva e analógica do pensamento peculiar aos sonhos, essas imagens arcaicas são restituídas à vida” (JUNG, 1987, p.13).

A denominação arquétipo indica que os conteúdos do inconsciente coletivo são arcaicos ou primitivos. Jung (1970) defende que o conceito só indiretamente pode ser aplicado às representações coletivas, já que “na verdade, designa conteúdos psíquicos não submetidos ainda a elaboração consciente alguma e representa então um dado psíquico, no entanto, imediato”¹⁵ (JUNG, 1970, p.11, tradução nossa). O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente que, ao ser percebido, muda a partir de cada consciência individual.

(...) Meus críticos supuseram, erradamente, que eu desejava referir-me a “representações herdadas” e, em consequência, rejeitaram a ideia do arquétipo como se fosse apenas uma superstição. Não levaram em conta o fato de que se os arquétipos fossem representações originadas em nossa consciência (ou adquiridas por ela) nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e espantarmos quando se apresentam. O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias. (JUNG, 1977. p.69)

As ideias de Jung inspiraram os estudos de Maffesoli. Para este autor, só existe imaginário coletivo. “O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p.76). Na pós-modernidade, reflete o tribalismo. É um patrimônio de um grupo, que transfigura um conjunto de sensações e estilos de vida. Retira o indivíduo da solidão. Diferentemente de Maffesoli, Silva (2012) divide o imaginário em individual, que é caracterizado pela identificação em si e no outro, e em imaginário social, que se estrutura pela aceitação do modelo do outro, disseminação e imitação.

O imaginário social também é abordado pela sociologia do imaginário. Legros (2014) diferencia o imaginário social em três significados, utilizados por sociólogos de horizontes diversos. O primeiro deles se refere à dimensão mítica da existência social. Inspira as mitoanálises sociológicas e conduz ao esclarecimento dos mitos dominantes de uma determinada época, de uma cultura, de uma nação, de uma geração, literária ou artística, de uma classe

¹⁵ “ya que en verdad designa contenidos psíquicos no sometidos aún a elaboración consciente alguna, y representa entonces un dato psíquico todavía inmediato”

social. O segundo conceito é a imaginação de uma outra sociedade, que se insere nas utopias, no milenarismos e nas ideologias revolucionárias. Por fim, o último significado é o de imaginário mais moderno e cotidiano recente. É visto nas práticas diárias, na paisagem urbana, objetos familiares, encontros e distrações populares.

Neste trabalho o foco será o imaginário coletivo sobre o Brasil, como os outros nos veem, como a mídia nos mostra e que características do país são percebidas pelo olhar do outro através do telejornalismo.

2.1 A Teoria do Imaginário de Gilbert Durand

O antropólogo francês, em sua tese de doutorado, elaborou “As Estruturas Antropológicas do Imaginário” em que estuda como funciona o imaginário, considerado como conteúdo dinâmico, para compreender as bases míticas do pensamento humano. Para entender como se estrutura a teoria de Durand, é preciso abordar alguns conceitos do autor, entre eles a Bacia Semântica, o Trajeto Antropológico e os Regimes das imagens.

Durand (1998) criou a metáfora da bacia semântica para representar as mudanças e o movimento sistêmico do imaginário durante o tempo e as gerações. O conceito permite a integração das evoluções científicas e análise em subconjuntos de uma era e área do imaginário, entre elas, estão o seu estilo, mitos condutores, motivos pictóricos, temáticas literárias. O autor divide a bacia semântica em seis fases. A primeira é o escoamento em que o imaginário sofre influências e se inspira em movimentos e correntes descoordenadas. “Diversas correntes, às vezes ressurgências da mesma bacia semântica passada, formam-se em determinado meio cultural”. (LEGROS et al., 2014, p. 156). Depois, acontece a divisão de águas, que se refere ao momento da junção de alguns escoamentos “que formam uma oposição mais ou menos acirrada contra os estados imaginários precedentes e outros escoamentos atuais”. (DURAND, 1998, p. 107). Os escoamentos se reúnem em partidos e escolas. Esta é a fase propícia para os conflitos das escolas.

Em seguida, as confluências, uma corrente consolidada precisa ser reconhecida por autoridades, personalidades e instituições. Já a fase “o nome do rio” acontece quando um personagem real ou fictício caracteriza toda a bacia semântica. Também pode ser caracterizada pelo “mito ou uma história reforçada pela lenda que esboça um personagem” (LEGROS et al., 2014, p. 156). Durante a organização dos rios, ocorre uma consolidação teórica dos fluxos imaginários. Na sequência, nas margens do imaginário, há o ordenamento das margens com o surgimento de linhas ideológicas e conceituais. Na última fase da bacia semântica está o esgotamento dos deltas. É definido quando a corrente mitogênica, o inventor de mitos, transporta o imaginário específico ao longo de todo o curso do rio se desgasta, atingindo a saturação limite. Assim, se deixa inundar, aos poucos, por novos escoamentos, reiniciando o ciclo.

Durand (1998) define que a duração de uma bacia semântica, desde os primeiros escoamentos perceptíveis até os meandros terminais, é de 150 a 180 anos. Sendo justificada pelo autor pelo núcleo de três ou quatro gerações, num período de cem a 120 anos. Além disso, se acrescenta o tempo da institucionalização pedagógica de cinquenta a sessenta anos que “permite ao imaginário familiar, sob pressão de eventos extrínsecos (a usura da bacia semântica, as profundas mudanças políticas, as guerras), se transformar num imaginário mais coletivo e invadir a sociedade ambiental global” (DURAND, 1998, p. 116).

Depois de sintetizar as mudanças do imaginário no tempo, as influências que sofre, através da bacia semântica, será explicada a relação do imaginário entre o homem e o meio. O trajeto antropológico consiste, segundo o autor, na incessante troca que existe ao nível imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social. Ele pode emergir dos aspectos culturais ou psicanalíticos. “O trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido nesses dois marcos reversíveis” (DURAND, 2002, p.42). Durand (2002) delimitou os grandes eixos dos trajetos antropológicos que os símbolos constituem com um método pragmático e relativista de convergência.

Assim, tende a mostrar constelações de imagens, constantes, que são estruturadas por um certo isomorfismo dos símbolos convergentes. “Veremos

que os símbolos constelam porque são desenvolvidos de um mesmo tema arquetipal, porque são variações sobre um arquétipo” (DURAND, 2002, p.43). O autor utiliza a definição de arquétipo de Jung: todo o pensamento repousa em imagens gerais, os arquétipos, esquemas ou potencialidades funcionais que determinam inconscientemente o pensamento. Os gestos diferenciados em esquemas vão determinar, em contato com o ambiente natural e social, os grandes arquétipos. Constituem as substantificações dos esquemas. Como sinônimos podemos utilizar: origem primordial, engrama, imagem original e protótipo.

O que diferencia o arquétipo do simples símbolo é a falta de ambivalência, a sua universalidade constante e a sua adequação ao esquema. “A roda, por exemplo, é o grande arquétipo do esquema cíclico, porque não se percebe que outra significação imaginária lhe poderíamos dar, enquanto a serpente é apenas símbolo do ciclo, símbolo muito polivalente, como veremos” (DURAND, 2002, p. 62). Durand (2002) acredita que os arquétipos ligam-se às imagens muito diferenciadas pelas culturas e nas quais vários esquemas se vêm imbricar.

Além disso, vão ser conceituados os termos esquema e mito. A metodologia utilizada neste trabalho, a mitocrítica, é baseada em uma análise simbólica e mítica. O esquema “é uma generalização dinâmica e afetiva da imagem, constitui a factividade e a não-substantividade geral do imaginário” (DURAND, 2002, p. 60). Une os gestos inconscientes da sensório-motricidade, entre as dominantes reflexas e as representações. Estes esquemas formam o esqueleto dinâmico, o esboço funcional da imaginação. Os arquétipos constituem as substantificações dos esquemas.

O mito é uma repetição de certas relações, lógicas, ideias e imagens expressas verbalmente. Para Durand (2002), se caracteriza como um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas. Sob o impulso de um esquema tende a se compor em narrativa. É um esboço de racionalização. Utiliza o fio do discurso, em que os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. Deixa explícito um esquema ou um grupo de esquemas. Promove a doutrina religiosa, o sistema filosófico ou a narrativa histórica e lendária.

Eliade (1969) revela que toda a ação humana adquire significado quando repete uma ação realizada no princípio dos tempos por um deus, um herói ou um antepassado. “(...) o seu conteúdo é arcaico e refere-se a sacramentos, isto

é, a actos que pressupõe uma realidade absoluta, extra-humana” (ELIADE, 1969, p.43). Um objeto ou uma ação só se tornam reais quando imitam ou repetem um arquétipo. A realidade só é atingida pela repetição.

Tudo o que não possui um modelo exemplar é desprovido de sentido, isto é, não possui realidade. Os homens teriam então tendência para se tornarem arquetípicos e paradigmáticos. Esta tendência pode parecer paradoxal, no sentido de que o homem das culturas tradicionais só se reconhece como real na medida em que deixa de ser ele próprio (para um observador moderno) e se contenta em imitar e repetir gestos do outro. Por outras palavras, ele só se reconhece como real, isto é, como verdadeiramente ele próprio na medida em que deixa precisamente de o ser. (ELIADE, 1969, p. 49)

O filósofo destaca que no mundo não se produz nada de novo, pois tudo faz parte da repetição dos arquétipos primordiais. “Essa repetição, ao actualizar o momento mítico em que o gesto arquetípico foi revelado, mantém continuamente o mundo no mesmo instante autoral do princípio” (ELIADE, 1969, p. 104). O arquétipo é um acontecimento exemplar, que é imitado pelos acontecimentos. O mito da repetição eterna tem como significado a anulação da irreversibilidade do tempo.

A arquetipologia antropológica deve se esforçar por distinguir os conjuntos simbólicos, constelações em que as imagens convergem em torno de núcleos organizadores, através de todas as manifestações humanas da imaginação. Durand (2002) admite que há três dominantes reflexas ligadas aos gestos do corpo, centros nervosos e as representações simbólicas.

Em resumo, podemos dizer que admitimos as três dominantes reflexas “malhas intermédias entre os reflexos simples e os reflexos associados”, como matrizes sensório-motoras nas quais as representações vão naturalmente integrar-se, sobretudo se certos esquemas (schêmas) perceptivos vêm enquadrar e assimilar-se aos esquemas (schêmas) motores primitivos, se as dominantes posturais, de engolimento ou rítmicas se encontram em concordância com os dados de certas experiências perceptivas. É a este nível que os grandes símbolos vão se formar, por uma dupla motivação que lhes vai dar esse aspecto imperativo de sobredeterminação tão característico. (DURAND, 2002, p.51)

O isoformismo dos esquemas, arquétipos e símbolos, a partir dos sistemas míticos ou constelações estáticas, leva a verificar a existência de protocolos normativos das representações imaginárias. Elas são agrupadas em torno de esquemas originais, chamados de estruturas. Os agrupamentos de estruturas vizinhas definem um regime do imaginário.

(...) contentemo-nos em definir uma estrutura como uma forma transformável, desempenhando o papel de protocolo motivador para todo um agrupamento de imagens e suscetível ela própria de se agrupar numa estrutura mais geral a que chamaremos Regime (DURAND, 2002, p. 64).

Os regimes são motivados pelo conjunto de traços característicos ou tipológicos do indivíduo. Também busca identificar a relação que liga as suas transformações às pressões históricas e sociais. Durand (2002) esboça uma filosofia do imaginário, baseada na realidade arquetipal desses regimes e estruturas. Ele aborda dois regimes: o diurno e o noturno.

O regime diurno da imagem pode ser definido como o regime da antítese. Ele se divide em duas grandes partes antitéticas. A primeira “consagrada ao fundo das trevas sobre o qual se desenha o brilho vitorioso da luz, a segunda manifestando a reconquista antitética e metódica das valorizações negativas da primeira” (DURAND, 2002, p. 68). É estruturado pela dominante postural, responsável pela verticalidade. É um reflexo dominante do recém-nascido, da posição.

Neste aspecto, Durand utiliza a reflexologia de Bechterev (1953). Do ponto de vista do neurologista russo, a psicologia é a ciência da vida neuropsíquica em geral e não somente as suas manifestações conscientes. O objetivo é incluir as condições biológicas das manifestações nos processos psíquicos. Se trata das coletividades da vida humana e animal. A atividade neuropsíquica se desenvolve segundo o tipo de reflexo e se manifesta exteriormente através de um movimento ou uma reação secretora ou vasomotora.

O Regime Noturno da imagem está constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo. Ele compreende as dominantes digestiva e copulativa. A primeira se refere a nutrição, “que se manifesta por reflexos de sucção labial e uma orientação adequada da cabeça” (DURAND, 1998, p.42). Bechterev (1953) aborda o instinto de nutrição com o exemplo das galinhas que encontram seus alimentos escavando a terra. O filhote, quando sai do ovo, já começa a escavar, sabe escolher os grãos que lhe convém como alimento. Portanto, esse instinto é inerente aos seres. Nascemos sabendo os reflexos que

permitem a alimentação. O mesmo caso acontece com a dominante copulativa, que se refere a conduta vital da pulsão sexual.

O instinto de reprodução também é resultante de uma necessidade orgânica determinada pela plenitude das glândulas espermáticas e dos ovários, e os impulsos externos, visuais, táteis, olfativos, auditivos e outros que normalmente dirigem o indivíduo em direção ao sexo oposto (...) Os animais jovens que jamais presenciaram um ato sexual, saltam uns sobre os outros e efetuam movimentos que se parecem muito. É certo que isso ocorre tanto nos machos como nas fêmeas¹⁶. (BECHTEREV, 1953, p. 187, tradução nossa)

Assim, depois de resumir o conceito de imaginário, retratar o inconsciente coletivo, e como o imaginário se constitui a partir dos estudos de Durand, será abordado como o homem interage com o imaginário e o papel do simbólico no cotidiano. O homem convive com o simbólico e sente o poder desse pensamento indireto. A importância desse sentido para sempre abstrato é o tema do próximo subcapítulo.

2.2 O pensamento simbólico

Pensar o imaginário é pensar o simbólico. O pensamento simbólico é inerente ao ser humano. Os nossos pensamentos passam por articulações simbólicas. O cotidiano está repleto de simbolismos e questões que estão além da racionalidade. A vida perde o seu sentido sem o olhar do simbólico. “O símbolo revela certos aspectos da realidade (...) As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser” (ELIADE, 1991, p.8). O estudo do pensamento simbólico permite conhecer melhor o homem.

Autores como Lévi-Strauss e Edgar Morin abordaram a trajetória do pensamento mítico, que era considerado como um conhecimento primitivo. O

¹⁶El instinto de reproducción también es resultante de una necesidad orgánica determinada por la plenitud de las glándulas espermáticas o de los ovarios, e impulsos externos, visuales, táctiles, olfativos, auditivos y otros que normalmente dirigen al individuo hacia el sexo opuesto (...) animales jóvenes que jamás han presenciado un acto sexual, saltan los unos sobre los otros y efectúan movimientos que se le parecen mucho. Es cierto que esto ocurre tanto a los machos como a las hembras.

selvagem sempre teve a sua forma de conhecimento e ciência. Lévi-Strauss (1976) se refere ao pensamento primitivo como negligenciado, pois não é dirigido para realidades do mesmo nível da ciência moderna. Apesar disso, esse conhecimento primitivo implica formas intelectuais e métodos de observação semelhantes a abordagem empírica. Morin (1999) também reconhece que a sociedade primitiva produzia conhecimentos através de áreas do saber como a botânica e a zoologia, apesar dos antropólogos ignorarem essa racionalidade. Ele identifica dois modos de conhecimento nessas sociedades arcaicas.

Um simbólico-mitológico-mágico, o outro empírico-técnico-racional, por um lado há distinção de fato muito clara entre esses dois modos, por outro lado, eles estão imbricados de modo complementar num tecido complexo sem que um atenua ou degrade o outro (MORIN, 1999, p. 185).

O desenvolvimento das grandes civilizações evoluiu os dois pensamentos. O pensamento simbólico acabou sendo mais integrado no pensamento religioso. Com o desenvolvimento da história, o ocidente constituiu uma oposição entre razão e mito e houve uma ruptura entre ciência e religião. Segundo Morin (1999), apesar disso, os Estados modernos tiveram a sua constituição acompanhada pela concretização mitológica e religiosa. “Na vida cotidiana coexistem, sucedem-se, misturam-se crenças, superstições, racionalidades, tecnicidades, magias, e os objetos mais técnicos (carro, avião) estão também impregnados de mitologia”. (MORIN, 1999, p.187). Por isso, ele define o pensamento arcaico como uno e duplo, pois une a perspectiva científica e simbólica.

As duas formas de conhecimento cooperam entre si e interagem como formas dependentes e interligadas. Para Lévi-Strauss (1976), em vez de opor magia e ciência, deve-se colocar as duas formas de conhecimento em paralelo, que são distintas se comparados os seus resultados teóricos e práticos. Apesar de serem ligados apenas a uma função fabuladora, os mitos e os ritos preservaram, de uma forma residual, os modos de observação e reflexão que foram adaptados aos conhecimentos científicos. Morin (1999) explica que sempre que o pensamento mítico tentou ser marginalizado ele reapareceu com mais força.

A evacuação total do simbólico e do mítico parece impossível pois insuportável de viver, significaria esvaziar o nosso intelecto da existência, da afetividade, da

subjetividade, deixando lugar apenas para as leis, equações, modelos, formas. Seria retirar todo o valor das ideias por retirar-lhes os valores. Seria dessubstancializar a realidade. (MORIN, 1999, p. 212)

Lévi-Strauss (1976) fala sobre a bricolagem como forma de unir e reagrupar elementos já existentes. Através do *bricoleur* “os elementos são recolhidos ou conservados, em virtude do princípio de que “isto sempre pode servir””. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.39). O termo é relacionado ao pensamento mítico, pois os dois utilizam resíduos e fragmentos de acontecimentos. Para o autor, o simbólico elabora estruturas ordenando os acontecimentos, ao contrário da ciência que cria seus resultados por meio de estruturas que produzem hipóteses e teorias. Por outro lado, ele afirma que o pensamento mítico não depende só da reordenação de acontecimentos e experiências.

(...) Por sua parte, o pensamento mítico não é somente o prisioneiro de acontecimentos e experiências, que ordena e reordena, incansavelmente, para lhes descobrir um sentido, é também libertador, pelo protesto feito contra a falta de sentido, com que a ciência estava, a princípio, resignada a transigir. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.43)

Mas como esse pensamento mítico está relacionado ao imaginário? Para Eliade (1991), “toda essa porção essencial e imprescindível do homem - que se chama imaginação- está imersa de pleno simbolismo e continua a viver dos mitos” (ELIADE, 1991, p. 15). Legros (et al., 2014) define o imaginário como um pensamento simbólico, pois ativa os diferentes sentidos de compreensão do mundo. Também constrói esquemas de reconhecimento social. O pensamento simbólico é dificilmente acessível, pois o único acesso a ele depende do próprio pensamento simbólico. É necessária uma interpretação do símbolo: “A interpretação do pensamento simbólico só é possível porque uma forma interpretativa se tornou possível por esse mesmo pensamento, mas, sem interpretação, o símbolo é incompreensível ao pensamento” (LEGROS et al., 2014, p. 112). Os imaginários linguísticos ou gráficos precisam ser interpretados para se tornarem simbólicos. A ação é uma adaptação da realidade, da imaginação e do imaginário. O símbolo é o produto de uma construção mental autônoma, que revela os aspectos mais profundos da realidade, são criações da mente.

Para Jung (1977), símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que pode fazer parte do nosso cotidiano. Possui conotações especiais além do

seu significado evidente ou convencional. Implica no desconhecido e oculto. Não é um assunto de fácil compreensão, mas é preciso entender para conhecer como é o trabalho da mente humana.

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica em alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto "inconsciente" mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, 1977 p.20)

A interpretação se torna a realidade do objeto. O símbolo seria um produto da construção mental. Ele revela os aspectos da realidade mais profundos, é um vetor social.

Os símbolos imaginários (por exemplo, os dos seres fantásticos), por sua vez, ligam os indivíduos entre si, confortam o sentimento de pertença para fazer face a uma ameaça invisível. Eles constituem, por oposição a essa ameaça, o elo da espécie humana. Ao mesmo tempo, sua "manobralidade" enquanto signo simbólico permite explicar, momentaneamente, o incompreensível. Eles passam a ser, mesmo que de vez em quando, a fonte da "poetização humana", revelando o sentido natural do homem, sua autonomia face ao domínio histórico. (LEGROS et al., 2014, p.114)

A função do símbolo faz parte da nossa realidade. A obra "Sociologia do Imaginário" apresenta quatro formas de interpretação sobre a simbólica imaginária. A primeira é a interpretação dos detalhes, em que cada símbolo leva a uma explicação. Depois, vem a elucidação por campos de estudo, que consiste nas bases de uma determinada ciência, conduzindo a compreensão do símbolo. A partir da sua análise é verificada a validade do estudo em questão. Além disso, há a interpretação original. Nela o símbolo tem uma primeira realidade que a história transformou. E, por último, é caracterizada a interpretação da exclusão, em que o símbolo tem um duplo sentido que é preciso revelar para compreender sua unidade. As quatro formas se complementam no pensamento interpretativo. Com essas hermenêuticas é possível dar ao termo imaginário um sentido, uma realidade e uma ação. "O símbolo imaginário não é aleatório; ele possui uma direção e, sobretudo, uma consciência inconsciente". (LEGROS et al., 2014, p.115).

Segundo Durand (1998), todo o pensamento humano é uma representação que passa por articulações simbólicas. "Qualquer manifestação da imagem representa uma espécie de intermediário entre um inconsciente não

manifesto e uma tomada de consciência ativa” (DURAND, 1998, p. 36). Assim, possui o status de um símbolo, que constitui o modelo de um pensamento indireto em que um significante ativo remete a um significado obscuro.

Ao contrário do que afirmou um psiquiatra que esteve durante algum tempo na moda, no homem não há uma solução de continuidade entre o “imaginário” e o “simbólico”. Por consequência, o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana. (DURAND, 1998, p. 41)

A imaginação simbólica é representada quando o significado não é mais apresentável e o signo se refere a um sentido, não a um objeto sensível. É a transfiguração de uma representação concreta, através de um sentido abstrato. O símbolo faz aparecer um sentido secreto, é a “epifania de um mistério” (DURAND, 1998, p.15). A imagem simbólica nunca é objetiva e explícita. Ela é ambígua e, muitas vezes, redundante. Um símbolo não pode ser explicitado.

Detenhamo-nos agora nessa definição, nessas propriedades e nessa classificação sumária do símbolo enquanto signo que remete a um indizível e invisível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação. (DURAND, 1988, p. 19)

Para Durand (1988), a consciência representa o mundo de duas maneiras. A primeira delas é a forma direta, quando a própria coisa parece estar presente na mente. E a outra forma é a indireta, quando o objeto não pode ser apresentado de maneira concreta. Um exemplo disso são as lembranças da infância. A imaginação simbólica se revela quando o significado não é mais apresentável e o signo se refere a um sentido.

Os símbolos pertencem à categoria dos signos. Estes são divididos em signos arbitrários e alegóricos. Os signos arbitrários são puramente indicativos, que remetem a uma realidade significada, sempre representável, como por exemplo, a ideia de perigo representada por uma caveira. Já os alegóricos remetem a uma realidade significada dificilmente apresentável, como por exemplo, a ideia de justiça. Assim, chegando a imaginação simbólica. O símbolo é qualquer signo concreto que evoca algo de ausente ou impossível de ser percebido.

A área predileta do simbolismo é o não-sensível, que envolve o inconsciente, a metafísica e o sobrenatural. Abrange assuntos relacionados a

arte, religião e a magia. “Dado a re-(a)apresentação simbólica jamais pode ser confirmada pela apresentação pura e simples daquilo que ela significa, o símbolo, em última análise, tem valor apenas por si próprio” (DURAND, 1988, p.15). Todo símbolo possui três dimensões concretas apresentadas por Durand a partir das ideias de Paul Ricoeur. Ele é cósmico, retira a sua figuração do mundo visível que nos rodeia. Também é onírico, referente aos sonhos, porque sua raiz está nas lembranças e nos gestos do que é sonhado. E, por fim, é poético, pois o símbolo apela para a linguagem.



Figura 2 - momentos antes do segundo avião atingir a torre sul do World Trade Center.
Fonte: <http://img.ibxk.com.br/2014/09/11/11162150263413.jpg?w=1040>

Como exemplo do poder do pensamento simbólico, podemos usar como referência as reflexões de Jean Baudrillard. O autor se refere ao ataque terrorista às Torres Gêmeas em Nova York, em 11 de setembro de 2001, como uma destruição simbólica e não somente física. Desde o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos se consolidaram como uma potência mundial, sendo referência em atividade militar e segurança nacional.

O acontecimento é simbólico porque não foi somente uma destruição isolada, mas a desconstrução de uma ideia de potência relacionada ao país e tudo que isso representa. “O pior para a potência mundial não é ser agredida ou destruída, mas ser humilhada. (...) pois os terroristas infligiram-lhe algo que ela não pode devolver. Todas as represálias não passam de um aparelho de retorsão física, enquanto ela foi derrotada simbolicamente” (BAUDRILLARD, 2007, p. 63). O simbólico ultrapassou o fato real. Não foram apenas dois prédios atingidos e quase três mil mortos que abalaram os norte-americanos, mas sim o significado do acontecimento inesperado. Até o centro do poder militar do país,

o Pentágono, foi atingido, evidenciando a fragilidade da segurança, no quartel general da inteligência norte-americana. Todo um conjunto de símbolos e imaginários de uma cultura e nação foram colocados em xeque.

O desabamento das torres é o acontecimento simbólico maior. Imaginem se elas não tivessem desabado, ou que apenas uma delas desabasse, o efeito não seria de modo algum o mesmo. A prova gritante da fragilidade da potência mundial não teria sido a mesma. As torres, que eram o emblema dessa potência, ainda a encarnam nesse fim dramático, que lembra um suicídio. Vendo-as desabar sozinhas, como numa implosão, tinha-se a impressão que estavam suicidando-se em resposta ao suicídio dos aviões suicidas. (BAUDRILLARD, 2007, p. 17)

O século XXI iniciou com um acontecimento repleto de simbolismo, que refletiu nas crenças de todo o mundo. Desse modo, pela importância e impacto que tem na nossa vida, o simbólico deve ser um conhecimento legitimado, assim como o científico, pois o nosso cotidiano está imbuído de mitologia. A racionalidade só é completa com seu duplo, porque o simbólico ajuda a formar a realidade. A vida precisa de um sentido que transcenda o que é apresentável e palpável. Agora será abordado o imaginário impulsionado pela mídia, entendida aqui como uma tecnologia do imaginário.

2.3 As Tecnologias do Imaginário

Foram abordados os conceitos e a teoria de Durand para o entendimento do imaginário. Agora é o momento de refletir sobre como ele é dinamizado pela mídia. Para Silva (2012), os imaginários são difundidos por meio de tecnologias próprias, as tecnologias do imaginário. A televisão, o rádio, o jornal, a internet, o cinema e a publicidade fazem parte dessas tecnologias. Além disso, o livro, a literatura, o teatro, o marketing e as Relações Públicas também integram essas práticas. Essas técnicas dinamizam uma rede de valores e sensações compartilhadas. Promovem laço social, em que valores são vivenciados em sociedade, imagens são reverenciadas em conjunto, sentimentos e afetos são intensificados em comunhão.

As tecnologias do imaginário são dispositivos (Foucault) de intervenção, formatação, interferência e construção das “bacias semânticas” que determinarão a complexidade (Morin) dos “trajetos antropológicos” de indivíduos ou grupos. Assim, as tecnologias do imaginário estabelecem “laço social” (Maffesoli) e impõem-se como o principal mecanismo de produção simbólica da “sociedade do espetáculo” (Debord). (SILVA, 2012, p. 21)

São dispositivos de produção de mitos, de visões de mundo e estilos de vida. Silva (2012) explica que as tecnologias do imaginário buscam mais que a informação, contida na mitologia do jornalismo. Além disso, “trabalham pela povoação do universo mental como sendo um território de sensações fundamentais” (SILVA, 2012, p. 22). Diferentemente da visão da indústria cultural, de que as tecnologias eram voltadas à manipulação, as tecnologias do imaginário seguem a tendência da sedução. Na pós-modernidade, as tecnologias são ligadas ao afeto e dominam pela adesão e concordância em um contrato que traz o consentimento de valores e práticas sociais efêmeras, que podem ser revogadas a qualquer instante. O que a sociedade busca nestas tecnologias é o prazer imediato.

Também são dispositivos de cristalização de um patrimônio afetivo e simbólico, que mobiliza indivíduos ou grupos. Estimulam ações e produzem sentido. Transformam os sonhos em realidade. São forças catalisadoras. “As tecnologias do imaginário enraízam nos sentidos uma parte do vivido, do

experimentado, do praticado, do que ganhou significado ao ser reabsorvido pelos sentidos como uma atmosfera credível” (SILVA, 2012, p.43). A parte do vivido se destaca em algum trajeto antropológico especial.

Nas tecnologias da manipulação, como o exemplo da Escola de Frankfurt, o receptor é somente visto como manipulado por um receptor cheio de poderes. Há um imaginário da crença na persuasão e um deslumbramento com a emissão. Os seres são contemplativos. O consumidor toma o lugar do cidadão. Diferente disso, as tecnologias do imaginário acreditam na potência do receptor. Silva (2012) enfatiza que o indivíduo não pode ser escravo do que escolhe e das tecnologias que usa. “Somos o que a técnica faz de nós e também o que fazemos dela. Somos objetos e sujeitos numa relação dialógica de sujeição/emancipação. Também manipulamos os nossos manipuladores” (SILVA, 2012, p.99). Na atualidade, as redes sociais abriram novas possibilidades de interação. A interatividade está a serviço da participação. Somos seduzidos por ter o poder de influenciar de alguma maneira o que é transmitido pela mídia.

O conceito de tecnologias do imaginário pretende englobar e superar o reducionismo da indústria cultural. Não consumimos imaginários prontos. Dinamizamos nossos próprios imaginários a partir do que é disseminado pela mídia. Não somos fantoches nas mãos dos veículos de comunicação, mas podemos ser influenciados. Apesar disso, todos os conteúdos que são veiculados pelos meios de comunicação passam pelos nossos julgamentos. São avaliados pelos nossos valores e crenças que compartilhamos em sociedade. “Todo imaginário é uma leitura e uma interpretação” (SILVA, 2012, p.49).

Para Silva (2012), o imaginário é uma usina de mitos e as tecnologias produzidas são fábricas de mitologias. O imaginário é a presença do indivíduo no inconsciente coletivo. As tecnologias do imaginário produzem aura pela reprodução ao infinito do objeto. O simbolismo do original cresce com a sua multiplicação. Por isso, o cinema e a televisão levaram a produção simbólica ao seu ponto alto.

Os meios de comunicação também são vistos como produtores de realidade. Jaguaribe (2007) aborda um real fabricado. Os imaginários culturais são parte da realidade que só se processa através de representações, narrativas e imagens. Para a autora, a mídia produz a realidade pelo sensacionalismo, pela

necessidade de veicular novidades a todo tempo e pelo grande número de informações fragmentadas, que não expõem o todo, o global.

A desconstrução da objetividade distanciada, a validade da subjetividade e a percepção do caráter fabricado do social pelos meios de comunicação afastam-se tanto da ideia de experiência direta quanto do ideal da neutralidade objetiva científica do realismo anterior. Mas, em suas variadas manifestações, o realismo crítico busca o resgate da experiência e uma apreensão do contemporâneo expressa pelo anseio da “arte viva”. (JAGUARIBE, 2007, p.35)

Para Jaguaribe (2007), o acesso à realidade é moldado pelos meios de comunicação que dinamizam imaginários para a invenção e fabricação do indivíduo. O real e a realidade têm importância porque pautam nossa possibilidade de significação do mundo. São frequentemente contestados e fabricados.

Há, nos meios de comunicação, uma produção de “realidades” exacerbada pelo sensacionalismo, pela propulsão do choque, pela necessidade imperiosa de produzir novidades, pela vertiginosa velocidade de informações fragmentárias que não compõem um retrato total do social-global. (JAGUARIBE, 2007, p.17)

Os meios de comunicação forjam uma cultura do medo através do risco, incerteza e violência. A mídia “propicia a divulgação destas notícias, bem como a invenção de histórias, personagens e crimes. Torna-se um marco da modernidade tardia, essa zona fronteira de indefinição entre o evento ‘objetivo’ e o seu invólucro imaginário” (JAGUARIBE, 2007, p.99). A representação ficcionalizada tem destaque pelo efeito mimético das tecnologias da imagem.

As tecnologias do imaginário de Silva (2012) pressupõem uma troca entre o imaginário dinamizado pela mídia e o imaginário de cada indivíduo. Não há um lado mais forte e outro fraco. O receptor tem a sua importância e produz seu próprio imaginário a partir das suas experiências, valores e sentimentos vividos em conjunto. Por outro lado, Jaguaribe (2007) acredita no “choque do real”. Nessa perspectiva, a utilização de estéticas realistas promove um efeito de espanto catártico no espectador. Ou seja, há um poder especial no emissor. O objetivo deste efeito é aguçar o sentimento crítico, atizar a denúncia social e provocar espanto.

No próximo capítulo, será abordado o imaginário dinamizado pela televisão e a importância do veículo na pós-modernidade. Também será

discutido o papel da mídia na formação de imaginários sobre outra cultura, como a brasileira.

3 - Televisão e imaginário

No século XX surge a civilização da imagem. O advento da televisão e outras tecnologias deu origem à revolução do vídeo, denominada assim por Durand. A descoberta da imagem fotográfica, em preto e branco e depois em cores, está relacionada com o progresso químico que permitiu a projeção da imagem pela objetiva da câmara escura, a partir do século XV. A criação dos primeiros cinematógrafos resultou na animação das imagens e depois a profusão através da televisão permitiu uma explosão da comunicação e propagação imagética.

A imagem mediática está presente desde o berço até o túmulo, ditando as intenções de produtores anônimos ou ocultos: no despertar pedagógico da criança, nas escolhas econômicas e profissionais do adolescente, nas escolhas tipológicas (a aparência) de cada pessoa, até nos usos e costumes públicos ou privados, às vezes como “informação”, às vezes velando a ideologia de uma “propaganda” e noutras escondendo-se atrás de uma publicidade sedutora... A importância da “manipulação icônica” (relativa à imagem) todavia não inquieta. (DURAND, 1998, p.34-35)

Durand (1998) acredita que a televisão permitiu a descoberta dos poderes da imagem que estavam recalcados e aprofundou suas definições e formações. “Por sua vez a explosão do vídeo, fruto de um efeito perverso, está prenhe de outros efeitos perversos e perigosos que ameaçam a humanidade dos Sapiens” (DURAND, 1998, p. 118). O autor se refere à televisão que impõe seu sentido a um espectador passivo, pois essa imagem “enlatada” tem o poder de anestesiar a criatividade individual da imaginação. O telespectador sofre também com o nivelamento dos valores através da explosão de imagens.

O antropólogo enfatiza que este efeito perverso não foi previsto, nem considerado. A produção de imagens em larga escala tem o objetivo de distrair. O grande número de informações faz com que os telespectadores recebam todos os tipos de fatos e percam a sensibilidade. A mesma atenção é dada para os espetáculos de variedades e para as notícias de crianças que morrem de fome na Somália, por exemplo. Por isso, Durand acredita que essa profusão de imagens causa uma paralisia no imaginário. O principal problema da mídia é o excesso de informações. Portanto, para Durand (1998), a “telinha” sufoca o imaginário e nivela os valores dos grupos e tribos.

Philippe Joron (2015) explica que, para Durand, a televisão era a nova mídia. Ele comparava o poder do imaginário dinamizado pela literatura e pelo veículo eletrônico.

Talvez o que queria dizer Gilbert Durand, é que na literatura, com as letras, literatura, poesia, a possibilidade de imaginar é muito maior atrás das palavras ou das frases do que nas imagens propriamente ditas, que de uma certa forma, vão indicar para quem visualiza a imagem, “tô” falando da imagem concreta, vai indicar uma forma de pensamento, pelo menos uma forma de sentimento, uma forma de recepção da imagem. Não sei se “fiquei” bem claro. Se você visualiza uma imagem, é claro que você não vê apenas uma imagem. Você tem outros registros, pode significar outra coisa, atrás da simples representação. Mas atrás de uma palavra, atrás de uma frase ou atrás de um livro, esse registro do imaginário, certamente é muito maior, porque não tem, são as possibilidades de visualização das imagens, “é” muito maior. São várias formas de receber imagens que estão contidas dentro de uma frase, dentro de um parágrafo, dentro de um livro. (JORON¹⁷, 2015)

Patrick Tacussel, um dos autores do livro *Sociologia do Imaginário*, acredita que esse pensamento de Durand se deve por ele ter testemunhado a Segunda Guerra Mundial.

Ele tem uma imagem dos meios de comunicação de massa associada aos regimes totalitários. Evidentemente, quando nós vemos a utilização da televisão ou do cinema por regimes totalitários, notamos que a *mise-en-scène* causa um problema. Eu acho que atualmente nós não podemos dizer as coisas totalmente assim. Nós podemos dizer que as coisas hoje são contrastantes. No final, os jovens se apropriam da imagem um pouco como eles querem. Há quarenta anos a televisão era limitada, tinha poucos canais, um ou dois. Hoje há uma grande quantidade de canais: um canal de música, outro de compras. Podemos dizer a paisagem televisual é a imagem da sociedade, um mosaico. Não podemos retomar uma ideia de uma televisão perversa, porque há uma perversão na imagem. Nós podemos dizer que todas as imagens são perversas, não apenas as da televisão. Como Freud disse, mesmo as imagens do sonho. (TACUSSEL¹⁸, 2015)

A televisão também pode ser vista como uma tecnologia do imaginário. No final do século XX, o imaginário tornou-se teledramatúrgico antes da democratização do ciberespaço. A televisão promove o compartilhamento de valores e sentimentos em conjunto. É um dispositivo de produção de mitos e visões de mundo. Silva (2012) integra a televisão, assim como a internet e os fluxos comunicacionais, como afluentes das bacias semânticas.

¹⁷Entrevista concedida à autora durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS em 16 novembro de 2015. Está disponível, na íntegra, nos anexos deste trabalho.

¹⁸Entrevista concedida à autora deste trabalho durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS em 17 novembro de 2015. Tradução de Roberta Simon e Bruno Maya. Está disponível, na íntegra, nos anexos deste trabalho.

As bacias semânticas deságuam nos grandes oceanos que são as culturas. Estas, fertilizadoras e fertilizadas, irrigam os imaginários ribeirinhos, espalhando o húmus necessário à germinação simbólica. A água salgada torna-se doce; a doce flui para o mar. O imaginário é um processo de dessalinização cultural. (SILVA, 2012, p.77)

O telespectador, para Silva (2012), não é um mero contemplador de imagens. Também não é um ser completamente manipulado. A partir do imaginário dinamizado pela mídia, o público produz o próprio imaginário, com a influência dos seus valores e vivências. Ele não aceita tudo que a televisão veicula, mas constrói a sua opinião com os fatos veiculados, sempre implicando suas pulsões subjetivas. Joron (2015) também acredita no poder do telespectador. “Ele é muito mais ativo do que a gente acha. Isso tem um lado positivo e um lado negativo, no sentido em que, ele também vai interferir com o imaginário dele. Vai interferir com os estereótipos. Vai interferir com os *a priori* na recepção dessa informação” (JORON, 2015).



Figura 3 - Tirinha Snoopy sobre televisão¹⁹
 Fonte: <http://www.peanuts.com/comicstrips/3257045/#.VnTbRrYr11g>

¹⁹**Quadro 1:** TV, TV, TV. **Quadro 2:** Tudo que você faz é sentar e assistir TV. **Quadro 3:** Eu imploro o seu perdão. Eu não estou assistindo TV. **Quadro 4:** Estou engajado na visão criativa.

O sociólogo revela que por trás das imagens veiculadas há mitos e símbolos variados. “A mídia é um vínculo que vai difundir formas de pensamento, e não apenas formas de pensamento, mas também formas de sentimento, de afetos, que a gente encontra, por exemplo, nos estereótipos, que a gente encontra nos mitos” (JORON, 2015). Joron também acredita que o excesso de informações pode contribuir para o reforço de estereótipos.

Ao mesmo tempo, como se fala nos meios jornalísticos, muita a informação, mata a informação. Então, como a gente tem a nossa, sendo público, nós temos a nossa disposição muitas informações, muitas imagens. A gente precisa fazer uma triagem. Às vezes não temos a energia, nem tempo para fazer essa triagem. Então, a gente conforma também, receber essas informações como foram propostas para gente. Não é apenas a culpa das emissoras, se a gente falar de culpa, também é culpa dos receptores. (JORON, 2015)

Para Imbert (2008), a televisão transforma, manipula, duplica e deforma. É um universo lúdico, carregado de representações simbólicas, em que a sociedade vive um imaginário pós-moderno. É um meio de consistência simbólica, em que confluem os nossos fantasmas e alimenta retroativamente o imaginário coletivo. É preciso deixar claro que o autor tem seus estudos na semiótica de Roland Barthes, que tem um outro olhar sobre o imaginário, diferente de Durand. Nesse sentido, o objetivo aqui é apresentar diferentes perspectivas sobre o imaginário televisivo.

Na realidade - vale a redundância -, a realidade oferecida pela televisão não é exatamente a do inconsciente, da vigília, da ficção, ou a realidade objetiva do discurso informativo ou documental. É outra realidade, de ordem virtual, porque a televisão cria outra realidade, que remete ao imaginário, é um espaço autosuficiente, com suas leis internas, sua própria lógica²⁰. (IMBERT, 2008, p.40, tradução nossa)

O autor defende que o veículo está dividido entre a necessidade de informar e o desejo de espetáculo. Tem duas funções. A primeira é a espetacular, voltada ao espetáculo da realidade, com a ampliação da realidade nas representações dos objetos. A segunda é a função especular. É a especular do próprio sujeito, em uma representação narcisista. Nos seus estudos, Imbert se inspira em Jean Baudrillard e Guy Debord.

²⁰En realidad - valga la redundancia -, la realidad ofrecida por la televisión no es exactamente la del inconsciente, la de la vigilia, la ficción, o la realidad objetiva del discurso informativo o documental. Es otra realidad, de orden virtual, porque la televisión crea una realidad otra, que remite a lo imaginario, es un espacio autosuficiente, con sus leyes internas, su propia lógica

Para Baudrillard (2011), a televisão se torna suspeita de produzir fatos através das imagens. Ela busca ética na falta de credibilidade, e um estatuto moral na falta de imaginação. Desta forma, o veículo se corrompe.

Questionada por todos e incapaz de responder à interrogação fundamental que é, ao mesmo tempo, a principal acusação: que está acontecendo com as imagens e os sentidos destas, com o mito da informação e com a televisão que se exhibe, sem vergonha, por toda parte? E sua responsabilidade nisso tudo? Incapaz de responder a essas questões, e mesmo colocá-las, o conjunto do corpo audiovisual prefere mostrar suas chagas, oferecer-nos os espetáculos dos seus conflitos, de suas rivalidades, de seu desperdício, de sua má gestão. (BAUDRILLARD, 2011, p. 142).

O autor acredita que a televisão perdeu a ideia do seu papel e a imaginação do mundo real. Ela só fala para si mesma e busca somente a audiência. Desse modo, perde credibilidade com o público. Há uma grande variedade de programas, redes e o conteúdo é deixado em segundo plano. Fica subentendido que o público não necessita de informação, mas apenas signos e imagens. O homem vive pelo que vê na tela. Ela se torna uma nova forma de vida. É possível conhecer o mundo sem sair de casa, mas esse mundo não é o real, é apenas uma representação midiaticizada. O indivíduo entra na vida como numa tela. A imersão interativa do espectador o transforma em ator. “Quando todos se convertem em atores, não há mais ação, fim da representação. Morte do espectador. Fim da ilusão estética” (BAUDRILLARD, 2011, p.130). Não há diferença entre homem e máquina. Até o espectador se transforma em realidade virtual, correspondendo à essência da tela. As imagens são produtos maquínicos artificialmente expandidos.

As imagens também podem ser vistas como hipnóticas. Debord (1994) vê a televisão como um bem do espetáculo. Através da grande profusão de imagens o veículo se torna uma representação da realidade. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas mediada pelas imagens” (DEBORD, 1994, p. 14). Ele faz uma crítica à mídia que legitima o que veicula, assim tudo que é relevante é midiaticizado e tudo que é midiaticizado se torna importante. O mundo se transforma em imagens, vivemos em uma representação. A televisão cria multidões solitárias, produzidas pelo isolamento. Os espectadores são ligados pelo o que os mantém separados, mas mesmo

assim não deixam de ser isolados. O ator é substituído pelo espectador, que contempla em vez de agir.

A recepção dos conteúdos televisivos propicia construções imaginárias, segundo Joron (2008). Esse imaginário é criado através da problemática da vida cotidiana e não apenas em função dos grandes acontecimentos políticos, econômicos e sociais, que têm maior espaço na pauta jornalística. O sociólogo aborda a sacralização do cotidiano na mídia. Isso se refere ao aspecto catalisador entre uma realidade dada, alienante e violenta e a necessidade de superá-la. “Trata-se de um objeto de estudo que é o cotidiano, a vida comum, que, às vezes, pode ser muito trivial, se é que se pode dizer isso. É mostrar alguns aspectos que, normalmente, não deveriam ser mostrados ou considerados relevantes.” (JORON, 2013, p. 156). Ele também debate a banalização da violência na televisão. A criminalidade toma conta do cotidiano e da mídia brasileira.

Quando a violência pura, a coação sem limite aparente toma conta do dia-a-dia das pessoas, quando ela deixa de ser extraordinária para tornar-se uma das principais preocupações, quando ela abandona o estatuto simbólico da exceção para invadir o campo da banalidade, do comum, esse cotidiano readquire, reconquista então um certo prestígio, aliás, trágico aos olhos dos atores sociais, particularmente no nível dos profissionais da comunicação e dos consumidores potenciais. (JORON, 2008, p. 22)

Jaguaribe (2007) também concorda que a televisão ajuda a impulsionar o imaginário do medo. Há uma cultura forjada pelo risco, incerteza e violência.

Essa cultura do medo, por sua vez, dissemina-se não apenas pela comprovação empírica da ocorrência de assaltos, roubos, violações, ataques terroristas, bombas, balas perdidas e sequestros, como também por meio dos imaginários midiáticos e enredos ficcionais televisivos, fílmicos, literários, que propiciam a divulgação destas notícias, bem como a invenção de histórias, personagens e crimes. (JAGUARIBE, 2004, p.98)

Esse imaginário depende da circulação das narrativas e imagens de violência e conflito social dinamizadas pela mídia. “Essas narrativas, imagens e advertências também criam rumores e rupturas simbólicas que deslançam consequências reais no uso e edificação do espaço urbano” (JAGUARIBE, 2007, p.107). As consequências disso são vistas nas residências com seus muros, vigilância e cercas elétricas. A população evita os espaços públicos e busca locais também monitorados como shopping centers.

Um exemplo dessa propagação de terror são os filmes brasileiros premiados no exterior como *Cidade de Deus* (Meirelles, 2003) e *Tropa de Elite* (Padilha, 2007). A partir da promoção de estéticas realistas, como mostrar a vida nas favelas e o cotidiano da violência, é que o imaginário do medo é alimentado. A televisão não fica atrás. Nos telejornais, as reportagens policiais e o acompanhamento de operações tomaram conta do conteúdo. Através das imagens é possível ver repórteres com seus coletes à prova de balas em busca de instantes impactantes como o de policiais que derrubam portas das casas de criminosos com os pés, o famoso sobe som do “pé na porta”. Assim, esse imaginário é constantemente propagado.

Mas não podemos achar que a televisão se resume a isso. Também é dinamizado o imaginário da união. Vivemos sentimentos em conjunto através da TV. Nas partidas de futebol, torcemos juntos com o gol do nosso time. Nos emocionamos quando os jogadores cantam o hino nacional. Além disso, ficamos felizes com alguma história de superação contada nos noticiários. Nem só o triste e o perverso são retratados.

3.1 O papel da televisão

Ao vibrar junto e compartilhar momentos de alegria através da televisão é vivida a emoção de assistir aos jogos da Copa do Mundo. As partidas de 2014 do evento esportivo tiveram uma audiência recorde em relação às outras edições. Mais de um bilhão de pessoas ao redor do mundo assistiram à final do campeonato. Só no Brasil, segundo a FIFA²¹, 43 milhões de pessoas acompanharam o embate entre Brasil e Croácia pela TV Globo. Foi a maior audiência de um evento esportivo do ano. No Reino Unido, mais de 14 milhões de telespectadores viram a disputa entre Inglaterra e Itália pela BBC1. E mais de 11 milhões de televisores estavam ligados na ESPN, em território norte-americano, para acompanhar Estados Unidos e Gana. Esses dados evidenciam o alcance e o fator de comunhão, de estar junto da televisão

²¹Portal Fifa. Disponível em <<http://www.fifa.com/worldcup/news/y=2014/m=6/news=tv-viewing-breaks-records-in-first-fifa-world-cup-matches-2378078.html>>. Acesso em 6 de janeiro de 2016.

A partir do imaginário, a TV dinamiza mitos, símbolos, visões de mundo. Também tem uma importante função social. Ela reúne todos em uma atividade ao mesmo tempo individual e coletiva, como no caso das partidas de futebol. Seus conteúdos são temas de conversa e promovem laços sociais. Apesar de estarmos na pós-modernidade e da democratização e propagação da internet, a TV ainda mantém a supremacia. Para a maioria, ela é a principal fonte de informação.

É um dos principais temas de discussão nas redes sociais. Informa, distrai, mostra imagens de todo o planeta, aproxima realidades diversas. Temos acesso a tudo isso sem sair de casa. Com as novas tecnologias, a televisão não perdeu todo espaço, mas mudou a forma de ser vista. Do velho aparelho às telas de computador e *tablets* e também através dos sites das emissoras e celulares, o conteúdo televisivo continua a fazer parte do cotidiano das pessoas de todo o mundo. Em 2015, a TV Globo, por exemplo, lançou²² um aplicativo, o Globo Play. A plataforma digital armazena os programas veiculados para serem assistidos, quando o público desejar, em telefones móveis e televisores com acesso à internet.

Lipovetsky (2015) enfatiza que a televisão teve e tem um importante papel social.

A televisão tem e sobretudo teve um papel capital. Vou pegar um exemplo europeu, cada um assiste de três a três horas e meia de televisão por dia. É o meio de informação mais geral, mais disseminado, a maioria das pessoas obtém informações pela televisão. É o lazer, disparado, mais importante para a maioria. Três horas e meia por dia é bastante. E depois tem a questão das crianças expostas à televisão. A televisão tem um papel de informação, mas sobretudo de um modelo lúdico. A questão que se coloca é "isso vai continuar?". (LIPOVETSKY²³, 2015)

O filósofo contextualiza o questionamento abordando a concorrência da internet. Os jovens estão deixando a mídia eletrônica de lado e seguem acompanhados de seus *tablets*. Os diretores de televisão não sabem o que esperar do futuro. Uma nova TV está surgindo.

Passa da televisão linearizada à televisão que era uniforme, todo mundo olhava o mesmo programa na mesma hora, agora vamos para uma televisão segmentada, que agora é ao contrário, deslinearizada. Então, a televisão do replay, por demanda (LIPOVETSKY, 2015).

²²Portal G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/10/globoplay-nova-plataforma-digital-de-videos-da-globo-e-lancado.html>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016

²³Entrevista concedida à autora durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS em 19 novembro de 2015. Tradução de Juremir Machado da Silva. Será disponibilizada, na íntegra, no DVD que será anexado na conclusão deste trabalho.

Assim, não há um modelo unilateral da comunicação. O modelo “um-todos” dá lugar ao “cada um-cada um”. Cada indivíduo pode buscar as próprias informações nas ferramentas de buscas na internet. O grande desafio é dar aos consumidores o poder de escolha dos programas.

Apesar de ser muitas vezes atacada e vista pelos seus poderes “maléficos”, a TV é citada como emancipadora dos indivíduos. Abre horizontes, mostra diferentes pontos de vista. Não é encarada só como um instrumento que isola as pessoas em casa. A televisão liberta e une em torno de uma atividade lúdica.

Na escala da longa duração, os indivíduos têm mais possibilidades de questionar e de mudar suas próprias posições, de avaliar e de julgar livremente, de tomar distância em relação às posições de autoridades institucionais. O superficial e o lúdico da mídia apresentam-se mais como instrumento do iluminismo do que como seu túmulo. (LIPOVETSKY, 2004, p.72)

O autor norte-americano Steven Johnson, estudioso das novas mídias, também defende que a televisão tem seus benefícios. No livro “Tudo que é ruim é bom para você”, Johnson (2012) enfatiza que a TV torna as pessoas mais inteligentes. Com um conteúdo cada vez mais complexo, a “telinha” cobra um esforço cognitivo maior dos telespectadores. Exercita a mente de uma forma que não poderia ser vista trinta anos atrás.

Parte desse esforço cognitivo decorre da necessidade de acompanhar diversos fios narrativos, de distinguir claramente enredos que muitas vezes formam tramas densamente entrelaçadas. Mas outra parte consiste na atividade do espectador para “preencher lacunas”: compreender informações deliberadamente incompletas ou obscuras. Narrativas que exigem dos espectadores o trabalho de acrescentar elementos cruciais levam a complexidade a um nível mais desafiador. Para seguir a narrativa, é preciso mais do que lembrar. É preciso analisar. Essa é a diferença entre programas inteligentes e programas que obrigam o espectador a ser inteligente. (JOHNSON, 2012, p.55)

Antes da década de 1980, as séries de TV mantinham apenas uma trama dominante, com um ou dois protagonistas, e chegavam a uma conclusão decisiva a cada episódio. Não havia multiplicidade de linhas narrativas. Hoje as narrativas apresentam diversas tramas e inúmeros personagens. As histórias baseiam-se em acontecimentos dos episódios anteriores e continua pelo resto da temporada. As cenas dos programas ligam-se às informações existentes fora

da estrutura do episódio. É necessário prestar atenção ao que é mostrado em cada capítulo para entender o contexto da história.

O mesmo acontece com as setas chamativas, que seriam pistas de que algo que está prestes a acontecer ou indicações de que determinado personagem é vilão ou mocinho. Essas dicas servem como guia narrativos. Um exemplo disso são trilhas sonoras aterrorizantes para identificar quando aparece um personagem mal-intencionado. Ou então, uma cena que mostra que uma porta está destrancada antes de um assassino invadir uma casa em uma história de terror. Hoje em dia é cada vez menos frequente o uso desse artifício. Certas informações são omitidas. O público precisa entender por si próprio e ter o seu julgamento de valor sobre o que acontece na trama. Precisa lembrar de detalhes ditos minutos ou capítulos antes. “Parte do prazer nessas narrativas modernas da televisão decorre do esforço cognitivo ao qual o espectador é obrigado para preencher as lacunas” (JOHNSON, 2012, p.64).

Johnson (2012) afirma que até os *reality shows* ajudam a melhorar a nossa inteligência social. A capacidade de avaliar os sinais emocionais de outras pessoas e de responder apropriadamente é uma medida de compreensão prática. “A televisão acaba sendo um meio extraordinário para avaliar a inteligência emocional. (...) De todas as mídias disponíveis hoje em dia, a televisão é de longe a mais adequada para exibir as sutis gradações dessas habilidades sociais” (JOHNSON, 2012, p. 80). Segundo o autor, esses programas estimulam a mente de uma forma muito mais efetiva do que atrações das décadas passadas.

Os *reality shows* exigem que se acompanhem diversos relacionamentos, já que nesses programas a ação gira em torno de várias brigas e alianças feitas e desfeitas por mais de uma dezena de indivíduos. Também isso ativa um componente de nosso QI emocional, algumas vezes chamados de inteligência social: nossa capacidade de monitorar e evocar muitos vetores distintos de interação na população a nossa volta, de lembrar que Pedro odeia Paulo, mas Paulo gosta de Pedro, e ambos se dão bem com Maria. Isso é parte da nossa herança primata; nossos parentes mais próximos, os chimpanzés, vivem em sociedades marcadas por intrincadas relações políticas entre dúzias de indivíduos. Alguns antropólogos acreditam que o enorme desenvolvimento do lobo frontal do *Homo sapiens* no último milhão de anos foi estimulado pela necessidade de avaliar redes sociais densamente interconectadas. (JOHNSON, 2012, p.85)

Há trinta anos, os programas de televisão eram muitos mais simples, exigiam menos capacidade cognitiva, pois tinham menos informações em cada

cena. Johnson (2012) enfatiza que os conteúdos podem ter excessos de violência e sexo, mas por outro lado, o aprendizado conquistado por essa intensa complexidade das narrativas é algo extremamente positivo e gera um novo olhar para as relações.

Abordando ainda os benefícios da televisão, será discutida outra perspectiva positiva. Dominique Wolton também é um dos poucos pesquisadores a encarar o veículo como algo que traz vantagens para a sociedade. O sociólogo francês acredita que a TV é um instrumento da emancipação e da democracia. O autor deixa claro que o público não é manipulado e passivo. Os telespectadores filtram as imagens a partir dos seus valores. O público é inteligente. “A televisão não manipula os cidadãos. Evidentemente os influencia, mas todas as pesquisas, ao longo de meio século, provam que o público sabe assistir às imagens que recebe”. (WOLTON, 2006, p.6).

Wolton (2006) defende que a televisão é o principal instrumento de informação, de cultura e de distração. Aproxima pessoas de diversas classes sociais, diferentes realidades em torno de uma atividade coletiva. Promove temas de conversas e gera debate. Assim, cria laço social. Une através da prática de uma ação em comum. É companheira das solidões, testemunha da vida cotidiana. Associa a dimensão técnica à social.

A televisão pode não garantir sozinha uma socialização de que carecemos, mas a sua presença pode contribuir para reduzir certos aspectos negativos. Os programas de televisão são, para milhões de espectadores, a única aventura da semana e, para milhões de indivíduos, ela é a única luz em casa. (WOLTON, 2006, p. 19)

A televisão é uma fonte de informação de diferentes mundos, diferentes culturas. Pode-se conhecer outros países, outras realidades sem sair de casa. Ela é o espelho da sociedade. As pessoas se veem e se identificam com o que passa na tela. É também uma ponte entre realidades distintas de faixa etária e classe social. Apesar disso, é preciso fazer uma ressalva. Para Wolton (2006), todas essas características positivas, benéficas e democráticas só fazem parte das TVs generalistas, dos canais públicos e privados com uma programação mais geral.

Já para as emissoras fragmentadas não resta nenhum louro. A segmentação separa, segrega. Afasta quando deveria unir. Em vez de promover o diálogo entre realidades distintas, como faz os canais generalistas, isola os espectadores com as mesmas características, estilos de vida e gostos. Com essa segmentação, perde o seu papel de laço social. Assume as desigualdades culturais.

Ao reunir os indivíduos a partir de uma escolha particular, para além das diferenças sociais, e dos distanciamentos geográficos, a televisão fragmentada responde assim ao movimento contraditório da diversificação e da integração da sociedade moderna, o que explica, provavelmente, a sedução que ela opera como “o futuro da televisão” (WOLTON, 2006, p. 107)

Neste trabalho, será analisada a cobertura da Copa do Mundo de duas emissoras distintas. A TV pública britânica BBC e a norte-americana privada e segmentada CNN. Assim, busca-se mostrar as diferenças no conteúdo dos dois canais. Seguindo as discussões sobre o papel da televisão, a maioria dos autores não tem a mesma visão um tanto otimista como Wolton, Lipovetsky e Johnson. Pierre Bourdieu é um deles.

Para Bourdieu (1997), a televisão é um instrumento de manutenção da ordem simbólica. Convida à dramatização, aumenta a importância e o caráter dramático e trágico. Torna-se um instrumento de criação da realidade, moldada aos valores, *modus operandi* e critérios do trabalho jornalístico. Um veículo agenda o outro, assim entramos em um círculo vicioso, em que só se noticia o que já foi noticiado. Ou então, acontece a busca incessante pelo furo, que acaba também uniformizando e banalizando. A TV também legitima fontes. São sempre os mesmos que falam sobre determinados assuntos. As pessoas só participam dos programas para serem vistos e notados.

A pressão do mercado tem um peso no conteúdo televisivo. A luta pela audiência e a busca pelo novo e sensacional evidencia as notícias de variedades. Atrai a atenção para fatos que podem interessar a todos. Bourdieu (1997) critica esse tipo de pauta, pois produz o vazio político e reduz a vida aos “mexericos”, prendendo a atenção em acontecimentos sem consequência política. O autor também acredita que a televisão expõe a democracia a um perigo.

Por outro lado, Lipovetsky (2004) é contra essa “demonização” da mídia. Ela não é a culpada por todos os problemas do mundo. Para ele, a mídia tem influência na sociedade, mas não tem todos os poderes.

A violência aumenta: a culpa é da “TV Crime”. O rendimento escolar cai: a culpa é das horas passadas na frente da telinha e da imbecilidade dos programas. Reaparece a xenofobia: não se devia ter convidado os líderes dos partidos de extrema direita para falar na televisão. A abstenção eleitoral aumenta: a culpa é da mídia, que imbeciliza os eleitores com seus programas de variedades e transforma a política em espetáculo. O culpado é sempre o mesmo. Temos um novo demônio responsável por todos os males: a mídia. (LIPOVETSKY, 2004, p. 67)

Segundo o filósofo, essa é uma obsessão dos intelectuais. Temos que evidenciar que a televisão influencia a vida das pessoas, mas não tem poder total. A capacidade de distanciamento e de crítica dos espectadores é subestimada. “A verdadeira crítica não é em relação à mídia. Pode criticar, se o público não muda, a mídia não vai mudar. É a escola que se deve criticar. É a formação de base. Mudem as pessoas que a mídia mudará” (LIPOVETSKY, 2015).

Nos próximos subcapítulos veremos a realidade e a influência da televisão nos Estados Unidos e Inglaterra. Também será feita uma contextualização histórica dos canais de televisão que são os objetos deste estudo.

3.2 A Televisão nos Estados Unidos

Um boneco do gato Felix apoiado em uma plataforma giratória de um fonógrafo. Essa foi a primeira imagem transmitida pela televisão no mundo, capturada do topo do recém construído *Empire State Building*, em Nova York, em 1931. A transmissão experimental foi televisionada pela NBC por algumas horas por dia enquanto os engenheiros trabalhavam para melhorar a tecnologia. A emissora justifica em seu site a escolha do personagem de desenho animado, criado na época do cinema mudo. “Felix foi escolhido pelo seu contraste em duas

cores e a capacidade de suportar altas temperaturas causadas pela iluminação intensa necessária para as transmissões iniciais²⁴.



Figura 4 - Primeira imagem transmitida pela televisão
Fonte: <http://www.nbcuniversal.com/our-history>

Os Estados Unidos foram o berço da TV mundial. Nos anos 1940, as previsões de críticos não eram muito animadoras. “A televisão poderia destruir totalmente o rádio e o cinema, seria o fim da arte da conversação e traria uma paralisação da vida doméstica e assim minaria o *American Way of Life*²⁵” (TICHI, 1992, p. 12). Em 1953, a NBC é a pioneira em mais uma inovação, a transmissão em cores. Em 30 de agosto, o programa de fantoches “*Kukla, Fran, and Ollie*” foi o primeiro a ter um episódio veiculado em cores compatíveis de forma experimental.

Nas décadas seguintes, os anúncios para venda de televisores usavam os slogans “A maior janela para o mundo”, “É o melhor show da terra”, “As câmeras da televisão serão seus olhos”. Segundo Tichi (1992), a nova mídia criou necessidades de outras regras de comportamento. As famílias começaram a comer ao redor da televisão. Apoiam os pratos nos joelhos e os copos, de forma segura, embaixo das cadeiras. A TV interrompeu maneiras estabelecidas de etiqueta da classe média norte-americana.

²⁴Site NBC. Disponível em <www.nbcuniversal.com/our-history>. Acesso em 20 de março de 2016.

²⁵Television, it was claimed, would totally destroy radio and movies, “end the art of conversation” and bring domestic life to a “standstill” and thus undermine “The American Way of Life”.

Essencialmente, espaços públicos e privados foram abruptamente combinados e posicionados em contradição mútua. A privacidade do lar de repente adquiriu características de espaço público - teatro, lanchonete, sala de visitas, estádio. Claro, o que era a promessa dos anúncios - “a televisão transformará uma poltrona em uma escolha do lugar da orquestra no teatro.... na caixa mais fina da linha da terceira base quando o império grita “joga a bola”. Ansiedades surgiram, entretanto, precisamente porque a televisão cumpriu aquela promessa, pelo menos em uma parte significativa. Os textos publicitários não prepararam os indivíduos para o confuso resultado²⁶. (TICHI, 1992, p.24, tradução nossa)

Segundo Karnal (et al., 2014), em 1961, 90% das famílias tinham uma televisão nos Estados Unidos. A indústria cultural impulsionava o consumismo e o apoio aos valores culturais do capitalismo norte-americano.

A televisão e o cinema podiam expressar de forma não intencional as contradições da sociedade americana. Ao mesmo tempo em que eram tratados como subordinados, muitas mulheres, trabalhadores e jovens eram encorajados a abraçar ideias de igualdade e liberdade. Celebrando a afluência da classe média branca, os seriados de televisão, por exemplo, mostravam o que muitas pessoas supostamente podiam conquistar na sociedade graças às oportunidades oferecidas. Isso podia tanto acentuar a alienação quanto o desejo de mudança (KARNAL et al., 2014, p.234)

Tichi (1992) chama a TV de nova lareira eletrônica, sendo o centro da atividade familiar. Os aparelhos nos anos 1980 tornaram-se membros da família, mesmo depois de décadas de uso dos termos babá eletrônica e caixa estúpida. A autora também revela que entre 1980 e 1990, o televisor, que seria quase um objeto de decoração que ocupava as salas, passou a ser visto nos dormitórios. Assim, expandindo o número de aparelhos nas casas. Com isso, o ritual de assistir aos programas na companhia da família e vizinhos passou a ser um ato raro.

A separação, a experiência individual da TV vividamente, mostra dois padrões conflitantes, um comunal e outro pessoal. Contra a lareira sociofamiliar, temos o desafio de descentralizar a televisão, uma experiência “um-para-um”, em que a televisão é um ato individual e privado. Não surpreendendo, a TV solo demonstra a tradição do individualismo americano, com ênfase nas ações e escolhas pessoais. E seu imaginário, como o da lareira, mascara certas

²⁶Essentially, private and public spaces were abruptly conflated and positioned in mutual contradiction. The private home suddenly acquired traits of public places - theatre, snack bar, lounge, stadium. Of course, that was the promise of ads - “television will transform your easy chair into a choice orchestra set at theatre...into the finest box on third base line when the empires shout “Play Ball!” Anxieties arose, however, precisely because television did fulfill that promise, at least in significant part. The advertising texts did not prepare individuals for the resultant confusion.

ansiedades relevantes para tradições que tem por missão defender. Preferências individuais, privadas na audiência são construídas para reforçar os valores de longo prazo do individualismo americano, que é uma extensão do iluminismo do século XVIII e é a maior parte da ideologia da América democrática²⁷. (TICHI, 1992, p. 63, tradução nossa)

Nesse contexto de individualização, entre os anos 1970 e 1980, surgem canais segmentados nos Estados Unidos. Entre as emissoras temáticas principais estavam a HBO, especializada em filmes, e a ESPN, dedicada à cobertura esportiva. Nessa onda de fragmentação dos conteúdos, é criada a CNN, um dos objetos de estudo desse trabalho. No fim da década de 1970, o empresário Ted Turner, então dono de duas emissoras locais em Atlanta e na Carolina do Norte, idealiza o primeiro canal de notícias 24 horas do mundo. “O objetivo central era cobrir tudo ‘ao vivo’, permitindo aos telespectadores o envolvimento com o desdobramento espontâneo e imprevisível dos eventos” (WHITTEMORE, 1990, p.81).

Souza (2005) afirma que a CNN é um exemplo de TV Mundial, implantada ao estilo de diversos empreendimentos da era da globalização. A rápida progressão internacional do capitalismo norte-americano, desde o princípio dos anos 1940, promoveu uma liberdade em várias esferas. “Liberdade de capital, dos recursos e dos circuitos de informação. As imagens desse crescimento passaram a ser divulgadas pelas agências de notícias e, com a chegada da TV All News, pelas reportagens completas do estilo de vida norte-americano” (SOUZA, 2005, p.88).

A *Cable News Network* iniciou as suas transmissões em junho de 1980, em Atlanta. Também contava com dez escritórios espalhados pelo país, além de sucursais internacionais ao redor do mundo, usando satélite e sistema a cabo. A sede da emissora funcionava em um casarão antigo, onde foi construído um estúdio em formato inovador. Os apresentadores informavam de uma bancada

²⁷The separate, solo TV experiences vividly show two clashing patterns, one communal, the other personally individual. Against the sociofamilial hearth, we have the challenge of decentralized television, a one-on-one experience in which television is a private and individualistic act. Not suprisingly, solo television claims the tradition of American individualism, with its emphasis on personal acts and choises. And its imagery, like that of the hearth, masks certain anxieties relevant to very traditional it seeks to uphold. Individual, private preferences in TV viewing are constructed to reinforce long-term values of American individualism, which extends from the eighteenth-century Enlightenment and its a major part of the ideology of democratic America.

que ficava no meio da redação. A ideia era mostrar os jornalistas trabalhando enquanto as notícias eram dadas.

Essa forma de estruturar a redação inspirou os telejornais de emissoras em todo mundo. Até o RBS Notícias da RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, funciona nesse formato de estúdio, idealizado pela CNN, até hoje. Na época em que foi pensado esse novo pano de fundo, os engenheiros achavam impossível que desse certo, pelos ruídos da redação que poderiam interferir no áudio da transmissão.

Seu conceito geral revelava o desejo de mostrar ao telespectador não apenas as notícias, mas seu processo de ida para o ar. Queria mostrar os bastidores, onde se via as pessoas correndo de um lado para o outro carregando o material, onde havia pouco mais de clima e barulho. Tratava-se de um conceito inteiramente novo. Para a maioria jamais poderia dar certo. Acreditava-se que a proximidade entre âncoras e as salas de controle, bem como o ruído da redação, seriam elementos demais para a televisão lidar. Reese queria que tudo acontecesse no ar, uma espécie de teatro permanente, onde os âncoras ficassem no meio da loucura e as coisas acontecessem ao seu redor. (WHITTEMORE, 1990, p.87)

No seu primeiro dia de transmissão, a CNN surpreendeu com outro fato inovador. O canal interrompeu um comercial para noticiar a visita do então presidente Jimmy Carter a um líder do movimento dos direitos civis, que estava internado em um hospital no Estado de Indiana. “A publicidade na TV sempre teve seu horário intocável, e era um fato inédito interromper a programação no horário dos comerciais para uma transmissão ao vivo” (SOUZA, 2005, p.92).

Um ano depois do lançamento, a emissora diversificou suas atividades com criando a CNN-2, com *Headline News*. O serviço era destinado a notícias de trinta minutos de duração. Em 1985, foi criada a *CNN International* com a transmissão de notícias para todo mundo. Souza (2005) conta que em 2005, através de 23 satélites, seu sinal chegava a 240 milhões de assinantes, em 212 países. Também contava com 21 escritórios internacionais e nove redações nos Estados Unidos.

A CNN é destaque em cobertura de guerras. Assumiu a missão de transmitir em detalhe todos os conflitos do planeta. Metade das residências com TV a cabo, acompanhou a transmissão da Guerra do Golfo pelo canal, em 1991. Na época, 61% dos lares dos Estados Unidos tinham acesso a TV a cabo.

A CNN manteve uma equipe completa com 150 profissionais em Bagdá, até o governo do Iraque expulsar parte dela. Foi uma cobertura sem precedentes.

Os índices de audiência não foram bombásticos, mas serviram para consolidar o papel assumido pela rede nos anos seguintes. Em vários conflitos no mundo a CNN se firmou como a “emissora de grandes guerras”, transmitindo recados mútuos dos líderes dos países envolvidos no confronto. (SOUZA, 2005, p.32)

Outros acontecimentos foram marcantes na história da emissora. Telespectadores de todo mundo assistiram a imagens exclusivas do lançamento e explosão da nave espacial *Challenger*. Também acompanharam ao vivo o atentado ao presidente Ronald Reagan. Nos dois fatos, foi a primeira a noticiar o ocorrido. Souza (2005) enfatiza que a CNN não atinge somente o público que assina canais pagos. Todas as redes de televisão brasileiras têm contrato de recepção e autorização para a utilização das imagens em seus telejornais. “Esses acordos para fornecimento de imagens e reportagens fazem o produto televisivo passar por uma mundialização do consumo e por uma globalização estratégica” (SOUZA, 2005, p. 102).

Além de assegurar a sua presença em todo mundo fornecendo para emissoras de todo o planeta, a CNN está entre as dez maiores redes de TV do mundo. Na Copa do mundo de 2014, realizou uma intensa cobertura²⁸ multimídia do evento, incluiu programação ao vivo. A CNN internacional criou um estúdio no Rio de Janeiro. Diversos programas do canal gravaram um conteúdo exclusivo sobre futebol. Parte desta cobertura, do telejornal CNN Newsroom, será abordada no capítulo 5 deste trabalho. Mas também há outra emissora como objeto, a BBC.

3.3 A televisão britânica

Segundo pesquisa realizada em 2014, por uma reguladora²⁹ da mídia, a maioria dos adultos do Reino Unido afirmou que a televisão é a principal fonte de informação. Essa resposta foi dada por 75% dos entrevistados. Houve uma redução de três por cento desse percentual, em relação ao ano anterior. Nove entre dez pessoas acima de 55 anos utilizam a TV como plataforma de notícias.

²⁸Portal CNN. Disponível em <<http://cnnpressroom.blogs.cnn.com/2014/05/27/cnn-to-deliver-live-interactive-multimedia-coverage-for-brazil-2014-world-cup/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

²⁹Portal OFCOM. Disponível em <http://stakeholders.ofcom.org.uk/binaries/research/tv-research/news/2014/News_Report_2014.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

Comparado com três entre cinco, de 16 a 24 anos. As mulheres (78%) preferem assistir mais aos telejornais do que os homens (73%). 53% assistem as notícias pelo canal BBC One e 33% tem outras emissoras como fonte de informação.

A preferência pela BBC pode ter como explicação o fato da história da televisão da Inglaterra estar diretamente ligada à trajetória da emissora, considerada por alguns a melhor TV do mundo. O veículo inglês é reconhecido pelo seu alto padrão de qualidade. A emissora integra o patrimônio cultural do país. De acordo com Leal Filho (1997), para dar conta desse tipo de proposta, a Europa ocidental só poderia conceber uma transmissão através do serviço público.

Trata-se, em primeiro lugar, de um serviço, o que indica a existência de uma necessidade da população que precisa ser atendida. E público porque, segundo os idealizadores do modelo, é um atendimento especial que não pode ser feito por empresas comerciais ou órgãos estatais. Os veículos prestadores desse serviço devem ser públicos e por isso mantidos total e parcialmente pelo público. Só assim seriam capazes de dar conta de sua vocação cultural. (LEAL FILHO, 1997, p. 18)

A Corporação Britânica de Radiodifusão, a BBC, foi fundada em 1922 com estações de rádio. Em 1936, criou o seu primeiro canal de televisão. Os programas eram destinados ao drama, esportes, desenho e transmissões externas. A primeira cobertura fora dos estúdios foi da coroação do Rei George VI, seis meses após a inauguração da TV. A eclosão da guerra, em 1939, interrompeu a programação. Eram feitas transmissões ao vivo das cenas das batalhas e era uma fonte fundamental de propaganda noticiosa do mundo livre³⁰.

A emissora pública funciona através de oito princípios consensuais. Entre eles estão a universalidade geográfica e o apelo universal. Os serviços de rádio e televisão devem ser oferecidos para toda a população e para todos os gostos e interesses. Além disso, todos os usuários devem pagar para ter acesso. A independência também é defendida. “Há uma longa tradição britânica na qual os conselhos públicos, formados por pessoas reconhecidamente não partidárias, servem para impedir que os produtores de rádio e televisão sofram interferências políticas e comerciais” (LEAL FILHO, 1997, p. 61).

³⁰Portal BBC. Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/timelines/z2c3b9q>>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

Os produtores também precisam se preocupar com os sentimentos de identidade nacional e de comunidade. A radiodifusão também busca estimular a competição por bons programas, mais do que números.

“A concorrência deve ocorrer entre produtores e emissoras como forma de encorajar a confiança profissional, promover o interesse na busca de melhores formatos e estilos, além de estimular a consciência e a reação do público a respeito dos programas recebidos” (LEAL FILHO, 1997, p. 63).

O último princípio abrange a criação. As orientações públicas para a radiodifusão devem servir mais para dar liberdade aos projetos do que para restringi-los. Uma das principais diferenças de um veículo privado para uma emissora pública é a forma como é mantida. No caso da BBC, é financiada pelos próprios telespectadores.

As emissoras públicas são mantidas por uma licença anual, paga por todas as pessoas que têm um aparelho receptor, cujo valor acompanha as taxas de inflação. Em 1995, ela foi de US\$ 135. No ano anterior, o orçamento total da BBC havia sido de US\$ 3,122 bilhões, dos quais US\$ 2,693 bilhões vieram dessa licença. Com cerca de 20 mil funcionários, a BBC produz os seus programas em treze estações distribuídas pela Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. As transmissões são feitas para todo o Reino Unido pelos canais 1 e 2. (LEAL FILHO, 1997, p.36)

A história do canal foi marcada por muitas transmissões inéditas. Os primeiros Jogos Olímpicos pós-guerra foram televisionados pelo canal britânico. O evento esportivo, sediado em Londres, em 1948, foi visto pela primeira vez através do veículo eletrônico. Na época, 100 mil residências tinham televisores no Reino Unido. Foram transmitidas aproximadamente 68 horas de cobertura das Olimpíadas.

Em 1953, pela primeira vez na história, o momento da coroação, da rainha Elizabeth II, foi visto ao vivo. Foi considerado³¹ um evento transformador da história da televisão “impulsionando a venda de aparelhos de televisão preto e branco. Mais de 20 milhões de pessoas em toda a Europa assistiram ao evento, com muitas pessoas aglomeradas em torno de amigos e aparelhos de TV dos vizinhos³²”.

³¹Portal BBC. Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/timelines/z9fhpv4>>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

³²This event transformed the history of television, boosting the sale of black and white television sets. Over 20 million people across Europe watched the event, with many people clustered around friends and neighbours' TV sets.

O monopólio da BBC acaba em 1954 com a criação do primeiro canal independente de televisão, operado pela ITV e financiado pela propaganda.

O aumento das horas de programação e a consolidação dos programas de entretenimento e humor surgidos durante a guerra mostraram que havia um público com gostos variados, que precisava ser atendido. Era o começo de uma fragmentação da audiência que vai ter um redobrado impulso com as novas tecnologias de comunicação das décadas de 1980 e 1990. (LEAL FILHO, 1997, p.73)

A BBC sobrevive a esse novo contexto da década de 1950. Segundo Leal Filho (1997) a presença de uma concorrente acaba sendo um fator de estímulo e renovação. O segundo canal da emissora foi criado em 1966, com transmissão em cores. O Tênis de Wimbledon foi o tema do primeiro programa do novo serviço.

Nos anos de 1980, o governo da primeira-ministra Margareth Thatcher tenta introduzir mecanismos comerciais no funcionamento da BBC. Foi aberta uma comissão para discutir a mudança ou complementação da verba para manter a emissora e complementar a licença paga pelos telespectadores, através da propaganda e do apoio comercial. Essa medida não obteve êxito.

Na mesma década, é realizada a cobertura da Guerra das Malvinas e dos conflitos na Irlanda do Norte, Praça Tiananmen, União Soviética e na Europa Oriental. O repórter do telejornal *BBC News* Michael Buerk alertou o mundo sobre a fome na Etiópia. Com a notícia, foi criado um concerto de rock, o Live Aid, para arrecadar fundos para ajudar os famintos no país africano. O evento foi assistido ao vivo por 400 milhões pessoas em 60 países.

Em julho de 1981, o casamento do príncipe Charles e da Princesa Diana teve uma audiência de 750 milhões de pessoas em todo o mundo. Segundo o site da emissora, tornou-se o evento mais popular a ser veiculado. Foi a maior transmissão da BBC da década. Notícias da princesa de Gales também marcaram a história da TV britânica nos anos 1990. Em uma entrevista, assistida por 15 milhões de pessoas, Diana falou abertamente sobre o seu casamento em 1995. Dois anos depois, o seu funeral foi acompanhado por 19 milhões de pessoas. Foi a maior transmissão externa já montada pelo canal.

O canal de notícias 24 horas da emissora, o *BBC News*, foi lançado em 1997. E no ano seguinte é criado o seu primeiro canal digital, o *BBC Choice*, denominado *BBC Three* em 2003. No século XXI, o HDTV tornou-se o padrão

das transmissões. A TV analógica foi desligada em 2012. A programação também passou a ser oferecida online. “Projetado por desenvolvedores da BBC como uma maneira simples de recuperar programas perdidos, sem uma taxa adicional para pagar, o *BBC iPlayer* é um complemento à visualização de TV³³ convencional³⁴”.

Em 2015, o governo britânico iniciou um novo projeto de revisão dos objetivos e o do financiamento da BBC. O novo estatuto entrará em vigor a partir de 2017. O atual expira em 31 de dezembro deste ano. No período 2014-2015, a taxa de licença paga por todos os lares com televisores financiou os custos operacionais de quase 5 bilhões de libras esterlinas. O ministro da cultura, John Whittingdale, declarou³⁵ que o sistema de financiamento atual poderia ser mantido com a imposição de mais uma taxa por família ou um sistema híbrido.

Na Copa do Mundo de 2014, houve uma intensa cobertura. Foi veiculado o dobro de conteúdo em relação ao último mundial, na África do Sul. Nessa edição³⁶, as reportagens foram disponibilizadas em diversos dispositivos. O destaque foi para o aplicativo para celulares e *tablets* da BBC. Foram disponibilizadas as transmissões de jogos sob demanda, horas depois do evento transmitido ao vivo.

A televisão alimenta o imaginário. As imagens divulgadas dinamizam valores e visões de mundo. A forma de assistir TV em conjunto, a discussão e debate do que é veiculado impulsiona o imaginário coletivo. Apesar disso, é preciso deixar claro que há interferência das pulsões subjetivas e das nossas próprias crenças. A TV não produz sozinha imaginários, mas influencia e impulsiona formas de pensamento através do que transmite.

O objetivo deste trabalho é “enxergar” o simbólico do conteúdo televisivo. É desvendar o sensível das imagens. Mais especificamente, busca-se evidenciar o imaginário sobre o Brasil que é dinamizado pela televisão. E este é o assunto

³³Designed by BBC developers as a simple way of catching up on missed programmes, without an additional fee to pay, the BBC iPlayer is a complement to conventional TV viewing.

³⁴Portal BBC. Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/timelines/zsgv34j>>. Acesso em 11 de janeiro de 2016

³⁵Folha de São Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/07/1656477-governo-britanico-propoe-revisao-de-objetivos-e-financiamento-da-bbc.shtml>>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

³⁶Canaltech. Disponível em <<http://canaltech.com.br/noticia/internet/BBC-vai-fazer-maior-cobertura-de-sua-historia-na-Copa-do-Mundo/>>. Acesso em 14 de março de 2015.

dos próximos capítulos. Agora, vamos falar sobre o Jornalismo Internacional e o olhar para o outro.

3.4 Jornalismo Internacional e o olhar para o outro

Muitas vezes, o mundo é conhecido através da televisão. Para a minoria, é possível descobrir os encantos de cada país e cultura através de viagens. Com certeza, essa é a melhor forma de conhecer, vivenciando o cotidiano de cada povo, vendo com os próprios olhos. Infelizmente, a maioria não tem essa oportunidade. Assim, a televisão acaba sendo uma janela para o mundo, para o desconhecido. É possível experienciar fatos ocorridos em diversos países sem sair de casa. O jornalismo internacional tem o papel de levar essas informações à população.

Chama-se Jornalismo Internacional a especialização da profissão jornalística focada nos eventos estrangeiros em relação ao país onde está sediado o veículo de imprensa em que o jornalista trabalha. Por isso, a definição é relativa por natureza: o que é assunto “doméstico” num determinado país será “internacional” em todos os demais. Essa peculiaridade faz com que o Jornalismo Internacional seja provavelmente a área do Jornalismo com maior abrangência de temas entre todas as outras, já que deve dar conta de política, economia, cultura, acidentes, natureza e todos os assuntos que aconteçam fora de seu país de origem. (BRASIL, 2012, p. 778)

O correspondente internacional são os olhos e ouvidos de milhares de conterrâneos em um local que não é seu por origem. É um repórter fixado em outro país, sendo responsável por uma área, região ou continente. A sua função é realizar matérias para a sede do veículo em que trabalha. Ele acompanha a imprensa local, mantém contato com jornalistas e identifica fontes estratégicas, entidades, governos, entre outros. Segundo Brasil (2012), na maioria das vezes o correspondente é autopautado, ele escolhe e define os assuntos das reportagens. Deve ter um bom conhecimento da realidade local e talento para identificar os fatos mais relevantes sobre o país em que está sediado. Esse mesmo tema deve interessar o país de origem da emissora em que trabalha.

Esse profissional faz parte da editoria de jornalismo internacional e está subordinado ao editor. Ele mantém contato frequente com a redação, principalmente em épocas de grandes coberturas. “É um repórter com função de

ordem cognitiva: serve para evitar filtros, contornar discursos, além de conferir ao veículo um capital de credibilidade” (AGUIAR, 2008, p. 43)

Para Aguiar (2008), o jornalista que trabalha com temas internacionais deve tomar alguns cuidados.

Entre as particularidades do trabalho do jornalista de inter, duas importantes são o dialogismo constante entre proximidade e distanciamento, entre identificação e alteridade, e a decodificação linguística, pelo problema dos idiomas – especialmente ampliado no Brasil, cuja língua não é compartilhada por quase nenhum país onde a imprensa está acostumada a caçar notícias. (AGUIAR, 2008, p. 37)

Brasil (2012) pesquisou as estratégias possíveis para a construção ou manipulação do imaginário nacional pelos jornalistas internacionais.

A nossa principal investigação concentra-se na hipótese de que a imagem de um país é produto do noticiário internacional, principalmente, do noticiário televisivo. Também procuramos confirmar a hipótese secundária de que a imagem do Brasil no exterior é um processo de autorreferencialidade que se confunde com a nossa própria identidade nacional. (BRASIL, 2012, p. 777)

Os correspondentes estrangeiros seriam responsáveis pela construção do imaginário do Brasil e de outros países. “A imagem do Brasil no exterior é em boa parte produto do trabalho dos correspondentes estrangeiros. Eles trabalham diariamente para enviar notícias sobre o país”. (BRASIL, 2012, p. 778).

O trabalho desses jornalistas é olhar para o outro, o diferente, e traduzir o que eles veem para o grande público televisivo. Enxergar o outro, com todas as suas peculiaridades não é tarefa fácil. Ainda mais se esse outro viver em uma cultura diferente da que vive o observador.

O Jornalismo Internacional deve ser visto, assim, como prática de mediação discursiva entre as sociedades do mundo. Entende-se que o trabalho do jornalista que cobre culturas distantes é uma forma de estabelecer comunicação intercultural. E a nova realidade deste planeta – cada vez menos organizado em Estado-Nações e mais em redes dinâmica, mutáveis – faz com que os jornalistas, caso não se dêem conta desta mudança, estejam condenados a noticiar um mundo inexistente. (AGUIAR, 2008, p. 108)

Sartre (1997) abordou esse olhar para o outro. Mesmo não tendo relação direta com o jornalismo internacional, é importante entender a perspectiva do filósofo. Para o autor, a primeira preocupação para o olhar para o outro pode ser identificada através da vergonha. “A vergonha, em sua estrutura primeira, é

vergonha diante de alguém” (SARTRE, 1997, p. 289). Ela revela a presença do outro na minha consciência. O outro é mediador entre mim e mim mesmo. A vergonha é sentida tal qual como aparece para o outro. É reconhecimento. “Reconheço que sou como o outro me vê” (SARTRE, 1997, p. 290).

Isso pode explicar as constantes reportagens feitas pelos correspondentes internacionais na televisão brasileira sobre como o país é visto ou então sobre a repercussão de determinado assunto na mídia internacional. Só reconhecemos o que somos através do outro. “Eu me vejo porque alguém me vê” (SARTRE, 1997, p. 335). O outro revela-me como sou. Através do que é dito sobre o nosso povo. Por isso, é dada tanta importância para a imagem do país no exterior.

O outro é um fenômeno que remete a outros fenômenos: a uma ira-fenômeno que o outro sente contra mim, a uma série de pensamentos que lhe aparecem como fenômenos de seu senso íntimo; o que encaro no outro nada mais é que aquilo que encontro em mim mesmo. (SARTRE, 1997, p. 294)

Somos vistos pelo olhar no outro que nos “interpreta” através dos seus valores e vivências. Ainda há o filtro do repórter que determina o que merece destaque através de critérios jornalísticos. O importante é perceber que esse olhar não é neutro e nenhum assunto é escolhido ao acaso. A “lente” do jornalista determina o que será noticiado.

O olhar do outro disfarça seus olhos, parece adiantar-se a eles. Tal ilusão provém do fato de que os olhos, como objetos de minha percepção, permanecem a uma distância precisa que se estende de mim até eles – em suma, estou presente aos olhos sem distância, mas eles estão distantes do lugar onde “me encontro” -, ao passo que o olhar está sem distância em cima de mim, ao mesmo tempo, mantém-me à distância, ou seja, sua presença imediata a mim estende uma distância que dele me afasta. (SARTRE, 1997, p. 333)

O olhar do correspondente internacional está distante da percepção de quem vive em determinada realidade. Ele tem os “olhos de estrangeiro”, que enxerga o peculiar na cultura do outro, que reforça estereótipos, que busca o que para ele é o novo. Não é necessariamente toda a realidade que acontece em um determinado lugar. Por outro lado, o que um nativo enxerga do seu universo já é visto com uma perspectiva “viciada”. Algumas coisas já não nos

chocam porque fazem parte do cotidiano. Já para quem vem de outra cultura, pode representar uma quebra de paradigma.

Correspondentes ou jornalistas internacionais contribuem para criar a imagem do Brasil no exterior, o Brasil com Z. Além de noticiar os grandes desastres ou acontecimentos, eles também mostram regularmente tudo o que nós já nos acostumamos. Convivemos com um noticiário repleto de fatos e situações considerados normais ou naturais. Mas, para o olhar ampliado de um estrangeiro, nossa realidade é um grande manancial de notícias. Eles só precisam abrir os jornais ou assistir à televisão regularmente para testemunhar questões sociais, políticas e econômicas que se repetem regularmente, transformando-se em imagens ou estereótipos no exterior. No entanto, os jornalistas costumam dar preferência às notícias ruins. É da natureza da profissão. (BRASIL, 2012, p. 780)

Brasil (2012) confirma, no seu trabalho “A Construção da Imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais³⁷”, a hipótese sobre a relevância do correspondente internacional na construção da imagem do Brasil. O autor também defende que a imagem do país no exterior é um produto da nossa autoimagem. “Os dados obtidos confirmam que as representações do Brasil no exterior são fortemente baseadas em estereótipos sobre o país do carnaval, do futebol e da violência.” (BRASIL, 2012, p. 792). Segundo o autor, isso reflete as representações que criamos e divulgamos de nós mesmos. “Ou seja, geramos e divulgamos nossos próprios estereótipos” (BRASIL, 2012, p. 792).

O jornalismo internacional tem o papel de evidenciar o olhar sobre outras culturas, de mostrar o diferente, características que diferem uma cultura da outra. E principalmente, tem a função de priorizar assuntos e colocar em pauta o que foi entendido como mais importante. Assim, os correspondentes internacionais acabam criando visões de mundo, dinamizando imaginários e formando opiniões sobre diferentes países. O imaginário brasileiro é o assunto do próximo capítulo.

³⁷ Revista Famecos. Disponível em <http://caioba.pucrs.br/famecos/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/12901/8606>. Acesso em 30 de setembro de 2016.

4 O imaginário brasileiro

Em 22 de abril de 1500, o imaginário coletivo sobre o Brasil começou a ser traçado. A sua descoberta inicia juntamente com o desenvolvimento do seu imaginário. O olhar do outro, no caso dos seus desbravadores, mostra as primeiras impressões, sensações e peculiaridades do país e o início da formação da ideia sobre a nova nação. A carta de Pero Vaz de Caminha propaga um imaginário difundido pela perspectiva do estrangeiro. Assim começa a dinamização da imagem brasileira perante a alteridade.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (CARTA³⁸ DE PERO VAZ DE CAMINHA, Maio de 1500)

Belezas naturais, o modo de vida indígena, falta de atividade pecuária, inexistência de credo religioso e a ingenuidade dos nativos chamaram a atenção dos portugueses. Aconteceu um choque cultural e de imaginários. Os lusitanos decidiram colonizar o país e implantar o modo de vida europeu, com seus hábitos e crenças. Assim, nasce o imaginário brasileiro, marcado pelo olhar do outro e sua influência na vida dos nossos primeiros povos.

Esse imaginário da descoberta é marcado pela exaltação das belezas da terra, da imensidão do território e das águas, e das riquezas minerais. Passados mais de quinhentos anos, desde a constatação dessas características, os aspectos deste imaginário ainda são vistos em muitos discursos ligados ao Brasil.

³⁸Biblioteca Virtual. Disponível em <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta.htm>>Acesso em 28 de fevereiro de 2016.

Joron³⁹ (2015) acredita que a cultura de um país é maior que o seu imaginário. Esse imaginário pode ser diferenciado. Depende de quem observa.

O imaginário que a gente tem da cultura brasileira, faz parte da realidade da cultura brasileira. “Tô” sendo bastante básico. A cultura é muito mais ampla, muito mais rica do que a imagem que a gente pode ter desta cultura. Ao mesmo tempo, como eu tinha dito antes, o imaginário permite muitas interpretações possíveis. De qualquer forma, quando a gente fala de imagem, o símbolo é a forma de imagem, o símbolo ele é a emanção de um mistério, a epifania de um mistério, é o que fala Durand. Então, as interpretações, as maneiras de imaginar o real são infinitas e são diversas, e muito diversas. Então, por um lado, a cultura para vocês é muito maior que a imagem, representação de um francês qualquer, pelo menos de alguém que não é brasileira pode ter. Por outro lado, ela vai imaginar coisas que você nunca imaginou, então paradoxo. (JORON, 2015)

Durand (1996) aborda o imaginário brasileiro a partir de características históricas, culturais, geográficas e econômicas. O antropólogo comparou o imaginário brasileiro ao do seu colonizador lusitano. O imaginário português é influenciado pelas “virtudes viris” impostas pelas descobertas e navegações. Já o imaginário brasileiro estaria ligado à terra, à feminilidade, influenciada pela fecundidade agrícola, fluvial e florestal. Essa pulsão feminina, marcada pela *anima* e pela força da mulher brasileira, faz parte do inconsciente do país.

(...) No paternalismo sem racismo da grande colonização que se seguiu à conquista, a mulher indígena, e depois escrava negra, foi o cadinho onde se gerou a raça do *homu novus bresilensis*. Mulher plural que cedo assustou o macho português. Numerosos provérbios ilustram esta pluralidade da feminilidade do subcontinente: “A negra para trabalhar, a mulata para amar e a mulher branca para desposar”. Essa pluralidade da *anima* feminóide teria seguramente preenchido e simultaneamente esclarecido a teoria de Jung. A *anima* não é única em si, sobretudo no inconsciente brasileiro! Pelo contrário, longe de desvirilizar o conquistador, esta pletora da feminilidade ainda veio encantar a sua onnipotência imaginária e funcional. (DURAND, 1996, p. 200)

Nos romances brasileiros, as mulheres têm um papel central. Durand (1996) cita *Dona Flor e seus Dois Maridos* de Jorge Amado para mostrar a força da mulher entre personagens inconsistentes. Ao descrever as eras econômicas, fala do ouro, que tem derivações como joia, fortuna, segurança, que está ligado ao arquétipo da mulher. Após o esgotamento do mineral, a borracha o substituiu, extraída da região amazônica. O nome Amazônia, atribuído pelos espanhóis, vem do mito da guerreira feroz “que se opunha à violação dos conquistadores”

³⁹Entrevista concedida à autora deste trabalho durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS em novembro de 2015.

(DURAND, 1996, p. 202). A floresta era a visão das fortunas. Primeiro, com o pau brasil, depois as seringueiras e por fim, com uma nova corrida ao ouro. “A Amazônia e o seu mítico e místico pulmão verde tornou-se o símbolo vivo e doente da ecologia mundial” (DURAND, 1996, p.202).

Segundo Durand (1996), as profundezas da alma brasileira são a mística da enorme natureza feminizada. Para o autor, o imaginário brasileiro apresenta um paradoxo ao patriotismo lusitano. Portugal demonstra “mitolusismos” que confortam a alma portuguesa dos perigos do oceano. Já o Brasil se destaca devido à miscigenação, a convivência entre raças distintas, que se unem quando visam algum objetivo em comum.

E o imenso império tão diverso devido às suas raças, às suas misturas, aos seus desnivelamentos culturais, às suas desigualdades econômicas e sociais, mas onde índios do norte, escravos negros do nordeste, paulistas de origem portuguesa, alemã e italiana ficam extraordinariamente unidos quando a mátria se encontra ameaçada. (DURAND, 1996, p. 203)

Também é percebido, nas palavras de Durand, o imaginário do descobrimento, refletido na natureza e na alma feminina. O sincretismo também é reverenciado pelo filósofo. Múltiplas crenças, religiões, país de todos os santos. Os imaginários de Brasil e Portugal, apesar de inversos, estão ligados à língua portuguesa. Há uma complementaridade cultural, que permite a convivência da velha civilização da Europa com o novo mundo. Este é exemplo de diversidade e multiculturalismo.

A antropóloga Danielle Perin Rocha Pitta, uma das pioneiras do estudo do imaginário no Brasil, orientanda de Durand, também retrata o imaginário brasileiro. A complexidade marca o nosso país. Há uma diversidade na formação étnica que “não só diz respeito às diversas culturas em presença, mas à maneira original como cada Estado do Brasil construiu seu sincretismo próprio; diversidade de trajetórias históricas de um Estado para outro; diversidade da organização econômica de cada um” (PITTA, 2015, p. 30). Há também um dinamismo no nosso modo de ser e se relacionar.

Dinâmica: uma organização política em que os personagens transitam de um partido para outro, em que os próprios partidos frequentemente mudam de alianças, em que os ministérios são renovados o tempo todo; uma organização econômica na qual, durante décadas uma inflação galopante impedia qualquer projeto individual a longo prazo; na qual nunca se sabe quais serão exatamente os direitos do cidadão (aposentadoria, dedução de impostos, etc.) amanhã; em

que o nome e o valor da moeda está em constante mudança, etc. (PITTA, 2015, p. 30)

Tacussel enfatiza⁴⁰ que o Brasil também é visto pelos seus contrastes. Os franceses tendem a ver o país em diversas percepções. Entre elas, estão os franceses que não conhecem o Brasil pessoalmente, apenas pela televisão. E têm os que conferiram a realidade de perto. Há algum tempo o país foi associado a uma sociedade festiva, em que a festa tem um lugar central. E isso tem a ver com as transmissões do carnaval do Rio de Janeiro. Também é associado ao futebol e à música. “Podemos dizer que esses são os três pilares, festa, futebol e música, entre os europeus e os franceses, na representação do Brasil no imaginário europeu e em particular no francês”. (TACUSSEL, 2015)

O sociólogo também ressalta a violência como parte desse imaginário. Principalmente para quem nunca veio ao Brasil, o país é considerado como extremamente violento, porque constantemente são vistas imagens de confrontos nas favelas. Por outro lado, se sabe que a violência não é a mesma em todos os lugares do Brasil. Há uma diferença entre o nordeste e o Sul. Apesar deste aspecto negativo, a música brasileira é vista com bons olhos. Cantores franceses regravam clássicos brasileiros, como Garota de Ipanema.

Há também uma outra imagem ligada ao país, a de cartão postal. É associada à beleza das praias e das mulheres. Para vender produtos de praia, eles não usam imagens do litoral europeu, mas sim a praia de Ipanema. “Isso é muito interessante do ponto de vista do imaginário, pois quando as marcas francesas querem vender um produto, muito frequentemente filmam não as praias da Espanha, Itália; mas quase sempre as do Brasil ou de países como a República Dominicana” (TACUSSEL, 2015).

O Brasil também transita entre o paraíso e o inferno, quando se refere ao seu imaginário. O paraíso é a música. Há também um padrão de beleza feminino que é explorado pela publicidade. As revistas femininas mostram como ter o corpo de uma brasileira. Na moda também tem influência. As sandálias havaianas são vendidas como se fossem brasileiras, mas na verdade são feitas na França. O futebol também era considerado na Europa como algo imbatível,

⁴⁰Entrevista concedida à autora deste trabalho durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS em novembro de 2015.

mas isso mudou. “Quando a França ganhou do Brasil, na Copa do Mundo, é que a coisa mudou um pouco. Houve também a noção de que os franceses também poderiam ganhar” (TACUSSEL, 2015).

A questão do corpo e da beleza das brasileiras é considerado algo marcante para Tacussel.

Há uma imagem do Brasil associada à música, ao corpo, à diversão do corpo, principalmente para as mulheres, mas igualmente para os homens, porque na publicidade vemos os homens que estão na praia. Uma ideia que é vinculada pela bossa nova, por Gilberto Gil, por Chico Buarque, é a sensualidade. Há um aspecto de sensualidade que nós não podemos dizer de uma jovem da Alemanha. E então, não usam as alemãs, como a Cláudia Schiffer, por exemplo, pra vender a beleza, mas pra vender carros. (TACUSSEL, 2015)

São percebidos nas palavras do sociólogo, aspectos do imaginário do descobrimento, quando ele se refere às belezas do país e das mulheres. Além disso, fica evidente a presença do imaginário da festa, que compreende a música, o samba e o carnaval. O imaginário do medo se reflete na referência à violência.

Joron (2015) destaca que o imaginário sobre o Brasil mudou na França, principalmente com a divulgação de documentários sobre o país, que permite uma maior análise. Esses filmes não mostram só a violência nas favelas, por exemplo, mas também as formas de sociabilidade nas comunidades. “Apesar disso, é claro que vincula formas de estereótipos, os cartões postais. Então, é a violência, e é bonita, a praia e o bumbum, os coqueiros, carnaval também”. (JORON, 2015).

Roberto DaMatta retrata o jeitinho brasileiro e a figura do malandro. O antropólogo enfatiza que o dilema brasileiro reside entre as leis universais cujo sujeito é o indivíduo e situações em que cada um se despacha como pode, usando seu sistema de relações pessoais.

Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoas (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro (DAMATTA, 1986, p. 96)

Damatta destaca que o brasileiro age diante da lei diferente dos norte-americanos e europeus. Eles obedecem às regras ou elas não existem. Nesses locais, a lei não é feita para explorar ou submeter o cidadão. É um instrumento que faz a sociedade funcionar bem. No Brasil “a lei sempre significa o ‘não pode!’ formal, capaz de tirar todos os prazeres e desmanchar todos os projetos e iniciativas” (DAMATTA, 1986, p. 98). O autor acredita que a palavra “não” submete o cidadão ao Estado, usado de forma geral e constante. Por isso, foi aperfeiçoado um modo, um jeito, que passa sempre nas entrelinhas do autoritário “não pode”.

O antropólogo revela que o “jeitinho” é sustentado em três atos. No primeiro, a pessoa é ignorada, em razão da sua aparência ou modo de apresentação. Chega a um local para ser atendida por um servidor público, que não sabe quem é essa pessoa. “Essa distinção entre a humildade de quem chega e a superioridade de quem está protegido atrás do balcão da instituição é, aliás, um elemento forte na hierarquização das posições sociais”. (DAMATTA, 1986, p. 99). No segundo ato, o funcionário demora a atender à solicitação e complica a situação. Assim, cria-se um impasse. No último ato, há uma solução que ajuda a ver a forma de navegação social.

No Brasil, porém, entre o “pode” e o “não pode”, encontramos um “jeito”. Na forma clássica do “jeitinho”, solicita-se precisamente isso: um jeito que possa conciliar todos os interesses, criando uma relação aceitável entre o solicitante, o funcionário-autoridade e a lei universal. Geralmente, isso se dá quando as motivações profundas de ambas as partes são conhecidas; ou imediatamente, quando ambos descobrem um elo em comum. Tal elo pode ser banal (torcer pelo mesmo time) ou especial (um amigo comum, ou uma instituição pela qual ambos passaram, ou, ainda, o fato de se ter nascido na mesma cidade...) A verdade é que a invocação da relação pessoal, da regionalidade, do gosto, da religião e de outros fatores externos àquela situação poderá provocar uma resolução satisfatória ou menos injusta. Essa é a forma típica do “jeitinho”, e há pessoas especialistas nela. (DAMATTA, 1986, p. 100)

A malandragem faz o mesmo. “O malandro seria um profissional do jeitinho e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis” (DAMATTA, 1986, p. 102). Há um relacionamento entre o talento pessoal e as leis que o engendram. Nele, há o uso de “histórias” e “contos do vigário”, artifícios usados para tomar partido em situações.

Não há no Brasil quem não conheça a malandragem, que não é só um tipo de ação concreta situada entre a lei e a plena desonestidade, mas também,

sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas, uma forma ou estilo de conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas, e – também – um modo ambíguo de burlar as leis e as normas sociais mais gerais. (DAMATTA, 1986, p. 103)

O malandro brasileiro foi retratado pela Disney, companhia de mídia norte-americana. Zé carioca é um personagem de desenho criado para o filme “Alô, amigos”, em 1942. Na história, Zé apresenta para o Pato Donald a cachaça e o samba. O papagaio sempre escapa dos problemas com um jeitinho característico. É mostrado como simpático, festeiro e vagabundo⁴¹.



Figura 5 – Zé Carioca. O malandro da Disney.

Fonte: http://www.dinamo.art.br/wordpress/wp-content/uploads/2012/07/ze_carioca1.jpg

O escritor Stefan Zweig descreveu com entusiasmo a cultura brasileira. O austríaco se encantou com o país em sua primeira visita. Retornou ao país e viveu aqui até a sua morte.

Minhas expectativas não eram lá muito grandes. Eu tinha sobre o Brasil a ideia pretensiosa que sobre ele tem o europeu e o norte-americano, e agora tenho dificuldade de recordá-la. Imaginava que o Brasil fosse uma república qualquer das da América do Sul, que não distinguimos, bem uma das outras, com clima quente, insalubre, com condições políticas de intranquilidade e finanças arruinadas, mal administrada e só parcialmente civilizada nas cidades marítimas, mas com bela paisagem e com muitas possibilidades não aproveitadas - país do qual se pudesse esperar estímulo para o espírito. (ZWEIG, 1960, p. 3)

⁴¹Guia dos quadrinhos. Disponível em <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/ze-carioca-\(jose-carioca\)/3191](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/ze-carioca-(jose-carioca)/3191)> Acesso em 20 de março de 2016.

Mas conforme conhecia o país, a ideia sobre ele mudava. Zweig (1960) enxergava o país com muito otimismo, tanto que falava que o Brasil “está destinado a ser um dos mais importantes fatores de desenvolvimento futuro do mundo” (ZWEIG, 1960, p. 4). O tamanho do território brasileiro o espantava, era maior do que os Estados Unidos. Ao chegar no Rio de Janeiro, ficou fascinado com uma das mais lindas paisagens do mundo. A mistura de mar e montanha, cidade e natureza deixou o austríaco impressionado.

Além do Rio, Zweig (1960) conheceu São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Recife. Ele deixa claro que essa é apenas uma parte do país, que deveria ser considerado continente. Para o autor, o país era o futuro prospero.

Um país em desenvolvimento rápido, mas apenas incipiente e, apesar de toda a atividade operante, construtiva, criadora, organizadora, um país cuja importância para as gerações vindouras não podemos calcular, mesmo fazendo as mais ousadas combinações. E com surpreendente velocidade desvanecia-se a presunção europeia que muito superficialmente trouxera como bagagem. Percebi que havia lançado um olhar para o futuro do mundo. (ZWEIG, 1960, p.5)

Sensibilizado com o nazismo na Europa, Zweig (1960) também admirava a relação e convivência pacífica entre muitas raças. “Com maior admiração verifica-se que todas essas raças, que já pela cor evidentemente se distinguem umas das outras, vivem em perfeito acordo entre si e, apesar de sua origem diferente, porfiam apenas no empenho de anular as diversidades de outrora” (ZWEIG, 1960, p.8). A raça aqui seria um meio de união nacional.

O autor destaca que as nações com maior produtividade, consumo e renda são valorizadas. Mas para Zweig (1960) o que mais vale é o espírito pacífico e humanitário de um povo. Por isso, é o país do futuro, onde não há guerra, onde o espírito de conciliação fala mais alto. Essa era a esperança para um mundo “devastado pelo ódio e pela loucura” (ZWEIG, 1960, p. 12).

Em sua tese, Silva (1996) escreve sobre o futuro e o presente na cultura brasileira. O jornalista relata a passagem do futurismo ao presenteísmo. Há um avanço na construção do presente pelos brasileiros.

“O Brasil é o país do futuro” é uma noção vulgar, espécie de intuição popular enraizada no imaginário social ou no conjunto de crenças e imagens do Brasil sobre si mesmo. Tomar essa bela utopia como síntese da representação da identidade brasileira pode ser mais produtivo que amordaçá-la com as amarras do discurso científico e acadêmico. Em resumo: existiu no Brasil até cerca de

1985 um mito, um sonho, uma fantasia e mesmo uma certeza: o futuro faria do Brasil a locomotiva do mundo. (SILVA, 1996, p.14)

O Brasil era representado como o país do futuro, apesar da pobreza, das crises econômicas e da ditadura militar. Segundo Silva (1996), com a implantação da democracia, na década de 1980, houve uma mudança na dinâmica social. Acabou o sonho, passamos ao presenteísmo. Isto está ligado à passagem da modernidade à pós-modernidade. A modernidade é caracterizada como a era da utopia, apoiada no mito de Prometeu, da conquista da natureza e do saber absoluto através de narrativas legitimadoras, como o marxismo. Com o título de “país do futuro”, o Brasil absorveu esse espírito utópico.

Por outro lado, a pós-modernidade é presenteísta. Para caracterizar o imaginário brasileiro, Silva (1996) buscou as telenovelas e a literatura. “O olhar sociológico, contudo, indica, que as telenovelas permitem a aproximação plena do imaginário brasileiro, mais do que os telejornais”. (SILVA, 1996, p. 22). Para o autor, a ficção das telenovelas ajuda a refletir sobre a realidade brasileira. Ela fala do real. Une os telespectadores entorno da exposição do cotidiano. Já os telejornais ficcionalizam o real. É fruto da lógica de produção da notícia. Mente, recorta ou encobre. Há um paradoxo entre a notícia e a ficção. A imagem da TV reflete a cultura do sentimento. É um instrumento de ligação.

Silva (1996) critica intelectuais que se apoiam na teoria da falta: falta educação, solidariedade, honestidade, vontade de trabalhar. Assim, podia-se chegar ao mito da inferioridade racial. Ao falar de Zweig, Silva (1996) acredita que o austríaco fez do futuro a representação elementar do país.

As elites não se cansaram de reproduzir o gentil elogio do célebre escritor. Paradoxalmente, o progresso, garantia de que o futuro pertenceria ao Brasil, tomava impulso junto com práticas que, conforme os prognósticos, deveriam desaparecer com o desenvolvimento do capitalismo, entre elas o carnaval, a festa popular, a instância da empatia, do transbordamento, da alegria, da relação, do estar junto e do irracional. (SILVA, 1996, p. 102)

Para o autor, o carnaval e o futebol serviram para consolidar a representação de país do futuro. Sob o ponto de vista da pós-modernidade, é revelado que os brasileiros anseiam por mudanças, apoiam a diversidade “orgulham-se do barroquismo, rejeitam fórmulas autoritárias, desconfiam dos políticos tradicionais, sonham com os dias mais confortáveis, mas enterram o

mito do futuro ideal e têm os pés firmes no chão do presente” (SILVA, 1996, p. 267).

Silva (1996) revela que as tribos pós-modernas exploram os benefícios tecnológicos. Buscam-se aparelhos domésticos para facilitar as tarefas diárias, sem interferência da religião popular. Há uma crítica ao futurismo, que é a oposição ao presente. O presente é um mistério. Algo a ser construído. É necessário mudar o Brasil e reduzir as desigualdades sociais. Tornar-se um país melhor aqui e agora.

Outro autor trabalhou com a ideia do “país do futuro” de Zweig. Buarque (2013), no livro “Um país do presente”, aborda a imagem brasileira internacionalmente. Ele tenta entender como os norte-americanos veem o Brasil. O jornalista acredita que o país chegou ao presente. Tornou-se exemplo internacional. Em 2011, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva era “o cara”.

Buarque (2013) retrata a realidade brasileira no período de “vacas gordas”. A economia cresceu juntamente com o interesse dos veículos internacionais pelo país. O que mais impressionava a mídia do exterior era como o Brasil não sofreu influência durante a crise financeira que afetou o mundo em 2008. Os êxitos destacados pela mídia eram a estabilidade e o crescimento econômico que levaram à conquista da sede da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Esses fatores levavam a crer que o Brasil poderia se tornar uma potência internacional.

O fato é que o Brasil é lembrado, é conhecido, e reconhecido cada vez mais nos Estados Unidos. Perguntei a cada um dos mais de cem entrevistados, e ouvi de pelo menos 95% deles que, sim, o Brasil está ganhando mais atenção dos americanos, e sabe-se cada vez mais sobre o país. O conhecimento é real, mesmo considerando os próprios americanos, especialmente a elite intelectual, costumam criticar a falta de interesse dos seus compatriotas em relação a qualquer país que seja seu. (BUARQUE, 2013, p. 26)

O autor acredita que para uma grande parte alienada do planeta, que não acompanham os noticiários, o Brasil é um desconhecido. “Um país distante, latino, que aparece vez por outra na mídia e de onde saíram alguns personagens populares na vida delas, como Pelé, Paulo Coelho, Gisele Bündchen, depilações das partes íntimas e tratamentos para alisar os cabelos” (BUARQUE, 2013, p. 30).

Na economia, houve uma evolução no final dos anos 2000. Isso ocorreu por dois motivos, segundo informações obtidas por Buarque (2013) em entrevistas. O primeiro foi a mudança do perfil do presidente Lula quando chegou ao poder. O outro foi a reforma em 1994, com o Plano Real, que acabou com a temível inflação. “O Brasil está vivendo um momento parecido com o que os Estados Unidos viveram nos anos 1950, em que muitas pessoas estão tendo os seus primeiros carros e produtos domésticos, e isso pode ajudar as pessoas encarregadas de vender produtos ao Brasil” (BUARQUE, 2013, p.66).

Lula foi eleito pelo jornal britânico Financial Times como uma das 50 personalidades que moldaram a última década. Também foi escolhido como “o homem de 2009” pelo jornal Le Monde. Na mesma época, recebeu o título de personagem do ano pelo jornal espanhol El País. Na política, o então presidente conseguiu tornar o país mais relevante internacionalmente. Outro fato, apontado pelo autor, que tem impacto na política internacional é a corrupção. Fato que impacta o país hoje com a denúncia de que o ex-presidente Lula estar envolvido em um esquema corrupto. Ele é acusado⁴² de corrupção passiva e tráfico de influência.

Dentro da abordagem da política brasileira nos Estados Unidos, um dos temas que mais atrai a atenção e deixa os estrangeiros chocados é a corrupção. Não que seja um mérito puramente brasileiro, e mesmo nos Estados Unidos não chega a ser raro ver escândalos de tráfico de influência e poder, mas impressiona o fato de que no Brasil não há punição para os corruptos, que muitas vezes voltam logo em seguida ao poder. (BUARQUE, 2013, p. 93)

Buarque (2013) demonstra que os corruptos não renunciam, não são punidos e não devolvem o dinheiro subtraído aos cofres públicos. A solução apontada pelo jornalista é promover uma reforma política, para haver impactos em poucos anos e surgir uma nova classe política.

Grande parte de tudo que o autor escreveu não se aplica ao momento atual que vivemos. Do mesmo jeito que tivemos uma ascensão brusca, sofreremos uma queda ainda mais acentuada. Se Lula viveu dias de glória no passado, a ex-presidente Dilma Rousseff conviveu com o gosto amargo da crise financeira

⁴² Portal Correio do Povo. Disponível em <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Pol%C3%ADtica/2016/10/600279/Expresidente-Lula-se-torna-reu-pela-3-vez-em-casos-envolvendo-corrupcao->>>. Acesso em 16 de outubro de 2016.

e com acusações de corrupção dentro do seu partido. Foi afastada,⁴³ acusada de cometer crimes de responsabilidade na condução financeira do governo. Sofreu processo de Impeachment, no seu lugar o seu vice, Michel Temer, assumiu a presidência.

Segundo relatório do Banco Mundial⁴⁴, 25 milhões de pessoas saíram da linha da pobreza no Brasil entre 1990 e 2009. Entre 2001 e 2013, o percentual da população em pobreza extrema caiu de 10% para 4%. Apesar de inegáveis avanços, convivemos com um aumento nas taxas de desemprego, altos impostos e crescimento da criminalidade. O imaginário da prosperidade e esperança foi substituído pelo medo e insegurança.

A partir dessas características econômicas, culturais e políticas podemos apresentar parte do imaginário coletivo sobre o Brasil. Através do referencial apresentado, pode-se apontar algumas faces dos imaginários brasileiros. Um país tão dinâmico não pode se reduzir a apenas um imaginário. O imaginário do descobrimento está ligado às belezas naturais, às riquezas, às características femininas e à terra. O imaginário da festa inclui o carnaval e a música. Já o imaginário da violência é marcado pelo crime, medo e confrontos. O imaginário do malandro, que sempre dá um jeitinho para resolver os problemas. O imaginário do futebol promove a união, em que ocorre o ritual de estar junto, de compartilhar o mesmo sentimento. Este último será discutido no próximo subcapítulo. O país é marcado por essa junção de imaginários.

É preciso entender essa realidade para compreender o simbolismo presente nas reportagens analisadas neste trabalho. No próximo capítulo, serão mostrados os procedimentos para desvendar o sensível desse conteúdo. Assim, será traçado o imaginário dinamizado pela mídia. As tecnologias do imaginário pulsam o simbólico. E é isso que precisamos observar.

⁴³Portal UOL. Disponível em < <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/08/31/senado-aprova-impeachment-e-dilma-deixa-presidencia-em-definitivo.htm>>. Acesso em 16 de outubro de 2016.

⁴⁴Portal das Nações Unidas. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/relatorio-banco-mundial-afirma-que-brasil-conseguiu-praticamente-erradicar-extrema-pobreza/>> Acesso em 02 de março de 2015.

4.1 O Brasil das Copas

O Brasil foi a única nação que disputou todas as edições da Copa do Mundo e também a que mais ganhou a competição, cinco vezes. O futebol é intrínseco à cultura brasileira. O dom da arte com os pés vem de berço e encanta o olhar estrangeiro. Glanville (1973) reproduz o depoimento de um jogador inglês durante a Copa de 1950: “Jackie Milburn, atacante do Newcastle e do England, contou-nos do dia em que um garoto do Rio parou em frente ao hotel onde estava seu time, descascou uma laranja, comeu-a, e então fez ‘embaixadas’ com a casca até cansar e ir embora” (GLANVILLE, 1973, p.52).

Nos dias das finais de campeonato todos param para o ritual da torcida em frente as televisões ou nas arquibancadas dos estádios. Ser brasileiro é ser torcedor, é ter como paixão o clube do coração. É vibrar e se decepcionar com as derrotas. E é acima de tudo viver a emoção do jogo. Para DaMatta (1982), “o futebol praticado no Brasil deve ser visto não apenas como esporte, mas também como um jogo a serviço de um outro conjunto de valores e relações sociais” (DAMATTA, 1982, p.28). Numa sociedade individualista, o futebol é capaz de unir as pessoas em torno de uma atividade coletiva. Por outro lado, para o autor, o futebol serve como uma fonte de individualização e possibilidade de expressão do indivíduo, além de uma coletivização das massas. Assim como a política, o futebol é um tema de discussão sempre levado a sério. DaMatta (1982) afirma que o esporte é um drama da vida social, uma forma de situar os problemas significativos dos brasileiros. “Se o futebol é bom para ser visto, ele deve também dramatizar e para colocar em foco os dilemas da sociedade” (DAMATTA, 1982, p.32)

O futebol brasileiro pode ser estudado como sendo capaz de provocar uma série de dramatizações do mundo social. Um dos traços essenciais do drama é a sua capacidade de chamar atenção, revelar, representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em um dado de latência ou de virtualidade num dado sistema social. (DaMatta, 1982, p.29).

Segundo Santos (2010), a prática foi introduzida no Brasil no século XIX. “(...) o futebol era, na virada do século XX, um esporte praticado apenas por funcionários de empresas inglesas radicados no Brasil e por jovens das camadas sociais mais altas” (SANTOS, 2010, p.175). A difusão da atividade esportiva foi

iniciada nas primeiras décadas do século. Mesmo assim, a presença de negros dentro de campo foi proibida por muitos anos. Se consolidou como preferido dos brasileiros na década de 1920.

(...) o futebol logo se incorporou ao imaginário brasileiro, graças a sua enorme aceitação popular, e em maio de 1919, na final do terceiro campeonato Sul-Americano, o presidente Delfim Moreira decretou ponto facultativo nas repartições públicas e o comércio da capital também manteve suas portas fechadas para que os torcedores acompanhassem a partida. (SANTOS, 2010, 175)

A aceitação popular passou a ser legitimada com o Estado Novo. Santos (2010) destaca que o esporte foi apropriado pelo governo como parte do discurso oficial sobre a nacionalidade. Com isso, o Estado profissionalizou o futebol e passou a promover a prática, como uma expressão da nacionalidade. Ele refletiria as nossas principais características. Assim, passou a ser reconhecido como importante elemento da identidade nacional.

DaMatta (1982) atribui a popularidade do esporte no país à possibilidade de expressar os problemas nacionais através da elaboração intelectual e as emoções vividas. O futebol tem o poder de unir esferas diferentes da sociedade pelo mesmo sentimento. “No futebol, somos conduzidos ao reino da igualdade e da justiça social” (DAMATTA, 1982, p.40). Na sociedade pode haver segregação, separação por classe e religião, mas nos estádios todos somos iguais.

Glanville (1973) acredita que no país o futebol é o ópio do povo, a única alegria em face às desigualdades encontradas.

No Brasil, o entusiasmo pela Copa, já alto antes da guerra na qual se envolvera apenas tangencialmente, atingia agora às raias do fanatismo. Para os pobres, era uma válvula de escape à horrorosa promiscuidade das favelas, que se precipitavam das vertentes dos morros do Rio de Janeiro, ou dos remotos e míseros casebres de Minas Gerais. (GLANVILLE, 1973, p. 52)

Em suas crônicas esportivas, Nelson Rodrigues (2013) revela que a vida do brasileiro está intimamente ligada ao futebol. “O inglês apenas joga futebol, ao passo que o brasileiro ‘vive’ cada lance e sofre cada bola na carne e na alma” (RODRIGUES, 2013, p.45). O autor cita que durante os jogos da seleção

brasileira, por exemplo, o Brasil é redescoberto em comunhão. Todos se sentem fazendo parte da nação. Ele também descreve que para parte da sociedade o esporte é visto como uma ilusão para distrair as massas dos problemas enfrentados. Apesar disso, para ele, o futebol pode compensar o sofrimento dos brasileiros em outras esferas sociais.

(...) Há um momento, todavia, em que todos se lembram do Brasil, em que noventa milhões de brasileiros descobrem o Brasil. Aí está o milagre do escrete. Fora as esquerdas que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, um pretexto, uma razão de autoestima. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas. (RODRIGUES, 2013, p. 106)

O futebol ajuda a compreender a imaginação social e a realidade brasileira. Através do esporte, são construídas as representações das identidades nacionais. DaMatta (1982) conclui que as representações produzidas no futebol podem ser vistas como uma gramática das relações sociais no país. Assim, contribuem para a socialização dos brasileiros na própria cultura, aprendendo sobre o funcionamento da hierarquia e igualdade.

4.2 O surgimento da Copa do Mundo

A Copa do Mundo de Futebol foi criada em 1928, na França. Jules Rimet, presidente da Federação Francesa de Futebol e um dos fundadores da Federação Internacional de Futebol, a FIFA, foi um dos idealizadores da competição junto com o dirigente francês Henri Delaunay. Antes a única oportunidade que as seleções tinham de competir era nos Jogos Olímpicos. A primeira reunião da FIFA foi realizada em Paris, em 1904. Na ocasião, já se falava na organização de um campeonato mundial, de maneira pretensiosa. Durante as Olimpíadas em Paris, em 1924, o assunto voltou a ser pauta, enquanto o Uruguai era o vencedor do torneio olímpico de futebol.

Glanville (1973) conta que Itália, Holanda, Espanha, Suécia e Uruguai disputaram para sediar a primeira Copa. O país sul-americano fez a melhor oferta. Pagaria todas as despesas de viagem e a estadia para as equipes participantes. Também construiria um novo estádio para o campeonato. Assim, o Uruguai sediou a primeira edição da Copa do Mundo de Futebol, em 1930. Em

oito meses, estava prevista a construção do estádio Centenário, pois no mesmo ano o país iria comemorar cem anos da independência.

Treze países disputaram a Taça. Na época, as equipes europeias levavam, em média, três semanas para chegar ao Uruguai. E o mesmo navio que transportou os quatro times da Europa para a competição, deu carona para a equipe brasileira no caminho. “O Brasil esteve presente, entretanto, os portões do futebol ainda não estavam abertos aos jogadores negros e o jogo, naquele país, se desenvolvia, ainda, de maneira anárquica” (GLANVILLE, 1973, p. 10). Ao chegar no país, as seleções se depararam com o estádio centenário inacabado, devido a fortes chuvas durante a construção. Os primeiros jogos foram realizados no estádio do Penãrol e do Nacional.

Para DaMatta (1982), a competição é um confronto entre países que escolheram o futebol como esporte favorito e o transformaram com expressão da identidade. Alguns países onde o esporte não tem tanto destaque não fazem tanta questão de serem campeões da disputa, mas esse não é o caso brasileiro.

De modo geral os latino-americanos são passionais quando se trata de futebol. Através dele, os uruguaios, argentinos e brasileiros conseguiram seus primeiros momentos de afirmação diante dos europeus que lhes tinham ensinado o jogo. Esta relação pode ter sido decisiva, ainda mais se for levado em consideração o fato de o futebol ter se incorporado à vida das elites. O modelo de vida social, nos países mencionados é, senão gerado, pelo menos fortemente influenciado pelos padrões dessas elites. (DAMATTA, 1982, p. 82)

Dois países na América do Sul disputaram a Final do Campeonato. Uruguai e Argentina duelaram no Estádio Centenário. Os jogadores argentinos foram levados do Rio do Prata até Montevidéu em dez barcas. “Quando, finalmente, embarcaram às dez horas da véspera da final, uma multidão imensa enchia o cais para vê-los partir, soltando fogos de artifício e cantando “Argentina si, Uruguay no! Victoria ó muerte” (GLANVILLE, 1973, p. 16). O Uruguai saiu vencedor por 4 a 2. O próprio Jules Rimet entregou a taça, avaliada em 50 mil francos, para equipe. Alguns argentinos, irritados com a derrota, apedrejaram o consulado uruguaio em Buenos Aires. Assim se encerrou a primeira Copa do Mundo de Futebol, da maneira mais passional. Evidenciando a ligação da identidade dos países latino americanos com o esporte. O Brasil faz parte deste ritual de entrega a essa paixão e ao longo dos anos escreveu sua própria história.

4.3 A primeira Copa do Brasil

A primeira Copa depois da guerra era a chance de mais um país da América do Sul ser o anfitrião da competição. Em 1950, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba e Recife sediaram os jogos. Para a competição, foi criado o Maracanã, às margens do Rio com o mesmo nome, com capacidade para 200 mil pessoas. Era o maior estádio do mundo na época. Ainda estava em construção quando as equipes chegaram, do mesmo modo que o estádio Centenário estava em Montevideú, vinte anos antes. Segundo Glanville (1973), durante a abertura no estádio, foram muitos transtornos. Houve engarrafamentos, muitas entradas não estavam prontas. A multidão se espremia entre tijolos e andaimes quebrados.

Até os soldados foram destacados para as obras, numa desesperada tentativa de terminá-lo a tempo. A FIFA, alarmada pelo que tinha ouvido, mandara seu delegado da Itália para pedir maior urgência, mas mesmo no dia da final, quando, efetivamente 200 mil pessoas lotavam o Maracanã, seus arredores se assemelhavam a um imenso canteiro de obras. (GLANVILLE, 1973, p. 52)

Quando a seleção brasileira entrou no gramado, foi saudada com vinte e um tiros de canhão, fogos. As Forças Armadas soltaram cinco mil pombos e também uma chuva de papel picado foi lançada de um teco-teco sobre o gramado. Segundo Cabral e Ostermann (1970), o orgulho do Estádio Maracanã, a ausência da Argentina, uma grande rival da sul-americana, e o fato de várias equipes europeias como a Itália, a Hungria, a Alemanha e a França ainda estarem se recuperando dos efeitos da Segunda Guerra Mundial eram motivos suficientes para aumentar as esperanças no time brasileiro. E principalmente, o fato de jogar em casa, com o apoio da própria população nos estádios era o fator mais favorável. “O homem brasileiro, analisando tudo isso, profunda ou mesmo superficialmente, só podia chegar a esta conclusão: forçosamente, temos de ganhar; é impossível perder” (CABRAL E OSTERMANN, 1970, p. 50).

Assim como no início da competição, a final também gerou euforia na população, pois o Brasil disputaria a taça no seu próprio país com o Uruguai. O Brasil foi derrotado para a equipe uruguaia por dois a um. Gilardi (2008) acredita

que o Maracanazo, como os uruguaios se referem ao episódio, atingiu gravemente a autoestima do brasileiro.

(...) Aproximadamente 200 mil pessoas estão presentes. O primeiro tempo passa sem gols. Logo no começo do segundo, Friaça abre o placar para o Brasil e a multidão vai ao delírio, minutos depois Schiaffino empata para o Uruguai e a multidão vai ao silêncio, pouco depois Ghiggia vira o jogo e a multidão vai ao desespero. Com o apito final do juiz e o Uruguai campeão do mundo, a multidão vai as lágrimas. Começa aí um dos maiores “traumas” nacionais da história. (GILARDI, 2008, p. 2)

DaMatta (1982) considera a derrota como a maior tragédia da história contemporânea do Brasil, pois trouxe “uma visão solitária da perda de uma oportunidade histórica” (DAMATTA, 1982, p.32). A competição ocorreu no início de uma década em que o país queria marcar seu lugar como nação. As imagens da memória coletiva ficaram marcadas com o comércio fechado, as ruas vazias. O acontecimento foi traduzido como “a morte da pátria mãe, como uma pessoa muito importante” (DAMATTA, 1982, p.92). A saída do Maracanã foi descrita como uma procissão fúnebre.

(...) Fez-se uma junção entre o jogo de futebol e o jogo da vida. De modo que a derrota para o Uruguai foi tomada como uma metáfora para as derrotas da própria sociedade brasileira, sempre submetida às forças impessoais do destino. (DaMatta, 1982, p.32).

Para Cabral e Ostermann (1970) essa foi a maior decepção da história do futebol. De acordo com relatos dos autores, o então presidente da FIFA Jules Rimet, que entregou a taça ao campeão do mundo relatou que foi a maior surpresa e embaraço que passou em todos os trinta e seis anos em que dirigiu a entidade de futebol. Nelson Rodrigues (2013) conta que “quase houve um suicídio nacional quando não fomos campeões do mundo. Éramos todos nós, brasileiros, uma nação que quase toma formicida” (RODRIGUES, 2013, p.37). O autor também atribui o complexo de inferioridade brasileiro, ou “Complexo de vira-latas”, à perda da final da primeira Copa do Brasil.

Por “complexo de Vira-latas” entendo eu a inferioridade que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores,

e sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. (...) Na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - Porque Obdulio nos tratou a pontapés como vira-latas fôssemos. (RODRIGUES, 2013, p.80).

A edição de 05 de agosto de 1950 da publicação gaúcha Revista do Globo⁴⁵ revelou os motivos pelos quais a seleção brasileira perdeu a final do campeonato. O descontrole técnico, a falta de preparação psicológica dos jogadores, a superestimação do próprio valor, e a falta de valorização do adversário foram as características principais para o acontecimento do fiasco brasileiro.

Os Uruguaios venceram porque jogaram com o pensamento em sua pátria. Conquistaram o título porque foram buscar nas vitórias do passado o necessário estímulo para o triunfo sensacional do presente. Venceram porque lutaram com alma, porque se entregaram de corpo e espírito à peleja. Nós perdemos porque não tivemos essas virtudes. Os nossos jogadores, seja qual foi o motivo, não sentiram a pátria junto de si. Olhavam a multidão do estádio Maracanã sem vê-la, o temor da responsabilidade anestesiou-os. Quando sentiram a realidade a dor já tomara conta do país inteiro. (REVISTA DO GLOBO, 1950, p.39)

O sentimento compartilhado pelo povo brasileiro na Copa de 1950 transformou o Brasil em uma comunidade imaginada, segundo Santos (2010).

(...) O sentimento de dor partilhado pelos brasileiros no instante do gol do uruguaio Ghiggia não deixou nenhuma dúvida sobre a realidade da “comunidade imaginada” chamada Brasil e sobre o papel que ainda hoje o futebol tem na construção desses laços sentimentais. Ao sair do Maracanã derrotados pela seleção uruguaia, os milhares que assistiram ao jogo no estádio e os milhões que acompanharam sua narração pelo rádio partilhavam um sentimento de tristeza e frustração que comprovava que eram todos brasileiros, membros de uma comunidade imaginada chamada Brasil. (SANTOS, 2010, p.177)

A derrota brasileira foi vista por muitos como uma mancha na nossa história. Assim, podemos perceber a força do futebol no cotidiano da nossa cultura. Vivemos em uma sociedade em que perder um título esportivo pode significar muito, representa um dano à honra de uma nação.

⁴⁵A Revista do Globo foi distribuída pela Livraria do Globo, em Porto Alegre, de 1929 a 1967. A periodicidade era quinzenal. É caracterizado como um periódico de cultura e vida social.

4.4 Copa de 2014

O Brasil sediou o evento pela segunda vez em 2014. A Copa do Mundo aconteceu entre 12 de junho e 13 de julho. Cerca de 400 canais de TVs estrangeiras fizeram a cobertura do evento no país. Segundo o Ministério do Esporte⁴⁶, durante a competição, 13 mil profissionais de imprensa de 70 países trabalharam na cobertura. Durante um mês, os olhos do mundo se voltaram ao Brasil. Entre esses olhares, estavam o dos profissionais das emissoras de intensa cobertura internacional do canal privado norte-americano CNN e da emissora pública inglesa BBC, objetos deste estudo. O conteúdo veiculado no período será tema do próximo capítulo.

A atenção mundial se voltou ao Brasil a partir de 2007, quando o país foi anunciado como sede da Copa do Mundo da FIFA de 2014. O evento serviu como uma oportunidade de mostrar as potencialidades da nação internacionalmente. Também afirmar que o país estava preparado para realizar uma competição esportiva de grande porte. De acordo com a avaliação do governo brasileiro, a organização da competição foi um sucesso⁴⁷. Já para os críticos, apenas legitimou as fragilidades do país. Vivemos sob o risco de obras inacabadas nos prazos estabelecidos e da falta de estrutura e segurança para receber quase um milhão de turistas.

Segundo Brinati (2015), a candidatura do Brasil como sede da Copa fazia parte de um projeto político do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “Lula via nos megaeventos esportivos uma forma de dar visibilidade às conquistas sociais do seu Governo, além de fortalecer a imagem brasileira fora do país, fomentando áreas da economia como o Turismo, por exemplo” (BRINATI, 2015, p. 172). No discurso⁴⁸ durante a cerimônia de anúncio da sede da Copa de 2014, em outubro de 2007, Lula disse assumir uma responsabilidade como nação. Para provar para o mundo que o Brasil tinha uma economia estável e crescente.

⁴⁶Site Ministério do Esporte. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/34599-rio-de-janeiro-sedia-encontro-com-imprensa-internacional-sobre-a-cobertura-da-copa-2014> Acesso em 30 de novembro de 2015

⁴⁷Homepage Portal Brasil. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2014/07/governo-faz-balanco-da-copa-do-mundo-e-aborda-sucesso-do-evento>. Acesso em 31 de outubro de 2015.

⁴⁸Site Biblioteca da Presidência. Disponível em <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2007/2o-semester/30-10-2007-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-anuncio-do-brasil-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2014/>>. Acesso em 02 de março de 2016.

Que havia muitos problemas, mas estava determinado para resolvê-los. O ex-presidente também assegurou uma boa acolhida aos turistas que acompanhariam o campeonato.

Vocês verão no Brasil jogadores espetaculares como Dunga e Romário, e tantos outros que apareceram na televisão. Vocês verão no Brasil coisas maravilhosas produzidas pela natureza, vocês verão no Brasil a capacidade que teremos de construir bons estádios. Mas eu tenho certeza, sete anos antes, de dizer para vocês: a coisa que mais irá empolgar os jogadores, os jornalistas e os dirigentes de futebol do mundo, mais os torcedores, não será Ricardo Teixeira, não serão os governadores, nem o presidente da República, não serão os estados, mas será o comportamento extraordinário do povo brasileiro. O tratamento que esse povo dará, estejam certos que marcará a história das Copas do Mundo. (Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Outubro de 2007)

Para sediar o evento, o Brasil se comprometeu em construir toda a estrutura necessária para o mundial, como obras de mobilidade urbana, novos estádios e completa infraestrutura nas cidades-sede. Brinati (2015) revela que nesse processo outros dois nomes do futebol foram decisivos, o então presidente da CBF, Ricardo Teixeira, e o ex-presidente da Fifa, João Havelange. “Os dois, contudo, passaram a ter os seus nomes vinculados a escândalos. Documentos da Justiça suíça mostraram, em 2012, que eles teriam recebido propina de uma empresa de marketing esportivo que era ligada à Fifa, a ISL, e que faliu em 2001” (BRINATI, 2015, p. 171).

Em abril de 2013, houve a reabertura⁴⁹ do estádio Maracanã. Depois de passar por um remodelamento, foi promovido um evento-teste com a presença da então presidente da república, Dilma Rousseff. Manifestantes protestaram do lado de fora do estádio contra demolições para as obras da Copa.

Em junho, houve uma série de mobilizações sociais. Nas ruas, jovens se manifestaram inicialmente contra o aumento da tarifa de ônibus⁵⁰. Em seguida, os protestos ganharam apoio popular. Multidões se mobilizaram contra a baixa qualidade dos serviços públicos e a corrupção. Além disso, adeptos de grupos

⁴⁹Portal G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/04/maracana-da-show-de-luzes-em-teste-com-direito-elastico-de-ronaldo.html>>. Acesso em 02 de março de 2016.

⁵⁰Site Folha de São Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/12/1390207-manifestacoes-nao-foram-pelos-20-centavos.shtml>>. Acesso em 31 de outubro de 2015.

black bloc (tática que questiona a ordem vigente⁵¹) promoveram atos de vandalismo nos espaços públicos. Tudo isso um ano antes do país promover um dos maiores eventos esportivos do mundo. Por isso, as perguntas que a mídia fazia eram “O Brasil está preparado para sediar a Copa do Mundo com todas essas manifestações?” “Serão feitos protestos na Copa?”.

As críticas à organização do Mundial no Brasil e o dinheiro público gasto com o evento estavam entre as principais causas dos protestos, muitos com a expressão “Não vai ter Copa!”, que viralizou nas redes sociais, por exemplo, e que colocava em dúvida a realização do evento. Pedia-se o “padrão Fifa” para serviços sociais básicos como educação, saúde e transporte. Essas manifestações acabaram mudando o olhar sobre a Copa no país. Pesquisas mostravam que caía o apoio dos brasileiros à realização do Mundial. Os governantes, também, tiveram uma queda no índice de aprovação. A presidente Dilma precisou ir à TV, em pronunciamento, para anunciar medidas que atendessem aos pedidos das ruas e acalmasse o clima político. Mas as manifestações continuaram. (BRINATI, 2015, p. 175)

Segundo Silva (2014), não se pode associar o desenvolvimento da contestação social e política à crise financeira. Esse ciclo de protestos no país não estava ligado a um momento crítico no país. O que surpreende nesse movimento, é a dimensão que assumiu.

A difusão das manifestações entre segmentos da população e por locais do país que tradicionalmente tendem a não recorrer a repertórios contestatórios como forma de expressão política conformou a imagem de um movimento de massas nacional de proporções raramente vistas na história do país. (SILVA, 2014)

O que diferencia essa onda de protestos de outros movimentos como Diretas Já, de 1984 e Fora Collor, de 1992, é a ausência de uma reivindicação em comum entre os diferentes grupos sociais envolvidos nos protestos. Há uma intensa proliferação de pautas e demandas, muitas delas de abrangência local. A velocidade desses processos também causou perplexidade. Em um mês, é possível perceber “uma evolução nos pontos focais de protesto para a conformação de um processo amplo, de escala nacional e, ainda, um declínio dessa mobilização massiva com o retorno de uma dinâmica mais localizada de protestos” (SILVA, 2014, p. 10). Outro ponto destacado por Silva (2014) é a massiva mobilização de movimentos da população que não estavam inseridos

⁵¹Site Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-bloc-presente-nas-manifestacoes.shtml>. Acesso em 31 de outubro de 2015.

em organizações sociais ou políticas. Organizações e movimentos sociais dividiam a cena com uma população mobilizada através das redes sociais.

O ano da competição iniciou com polêmicas. Em março, houve o fim⁵² do julgamento do mensalão. O Supremo Tribunal Federal entendeu que houve desvio de verbas públicas, fraude em empréstimos para subornar parlamentares, que votassem a favor de projetos de interesse para o governo, nos primeiros anos do governo do ex-presidente Lula. Foram 24 condenados pelo processo, entre eles o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu e o ex-presidente do PT José Genuíno.

No mesmo mês, a Polícia Federal deflagrou⁵³ a operação Lava Jato. Começava a ser investigado um esquema bilionário de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras. Segundo o Ministério Público, empreiteiras pagavam propina a diretores da estatal e outros agentes públicos.

E não só o governo brasileiro foi acusado⁵⁴ de corrupção. A própria FIFA também teve o seu nome manchado. Em 2015, sete dirigentes da federação foram presos na Suíça. Eles são suspeitos de desviar 150 milhões de dólares através de fraudes, subornos e lavagem de dinheiro. A maior parte dos esquemas envolveu o recebimento de propina de direitos de mídia de eventos esportivos, como a Copa do Mundo do Brasil.

Muito foi investido para sediar o evento. O governo gastou⁵⁵ 25 bilhões de reais com as obras para o torneio. 83,6% desse valor saíram dos cofres públicos. 4,2 bilhões de reais saíram da iniciativa privada. Os gastos para transportes e aeroportos representaram 60%. Sete bilhões de reais foram investidos na reforma e construção de estádios nas doze cidades-sede. Damo (2014) destaca que mesmo antes de anunciar o Brasil como sede da Copa de 2014 já se dizia que havia um risco real de haver muitos investimentos, mas acabaria não cumprindo a promessa.

⁵²Portal G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/mensalao/noticia/2014/03/apos-um-ano-e-meio-e-69-sessoes-stf-conclui-julgamento-do-mensalao.html>>. Acesso em 02 de março de 2016.

⁵³Portal G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/04/entenda-operacao-lava-jato-da-policia-federal.html>>. Acesso em 02 de março de 2016.

⁵⁴Portal BBC. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150527_entenda_fifa_lab>. Acesso em 02 de março de 2016.

⁵⁵Revista Placar. Disponível em <<http://placar.abril.com.br/materia/governo-divulga-gastos-com-a-copa-do-mundo-25-6-milhoes-de-reais>>. Acesso em 02 de março de 2016.

Já se dizia, em toda parte, que o risco era real: de se gastar muito dinheiro público, de ocorrer atrasos nas obras, de haver um colapso nos aeroportos, de se removerem os pobres para as periferias das cidades, de se desapropriarem forçadamente moradores de favelas e vilas populares etc. Que haveria corrupção, eram favas contadas; afinal a organização da Copa reunia dirigentes esportivos (a CBF em primeiro plano), empreiteiras (tradicionalistas financiadoras de campanhas políticas) e políticos profissionais. Mas havia, de outra parte, quem defendesse a candidatura alegando que ela seria uma oportunidade para o Brasil se expor ao mundo, mostrando-se uma nação acolhedora e um país com indicadores econômicos em franca melhora, uma democracia estável, enfim, um país com credenciais para integrar a elite política e economia mundial. Sem contar, claro, com o discurso dos legados, um tipo de marketing amplamente usado por megaeventos e megaprojetos, que se mostra muito eficiente para convencer a opinião pública. (DAMO, 2014)

Brinati (2015) destaca que questionamentos foram feitos sobre o valor das obras e a necessidade de reformar e erguer novos estádios em cidades sem tradição para o futebol. “Parte da imprensa questionava os valores, ao mesmo tempo em que abordava o atraso nas obras de infraestrutura urbana, prometidas durante o processo de escolha do país como sede”. (BRINATI, 2015, p. 173). Mudanças que ficariam como “legado” do Mundial, não foram concluídas até o início da Copa.

A Copa iniciou em 12 de junho de 2014 na Arena Corinthians, mais conhecida como Itaquerão, em São Paulo. Mesmo sem fazer discurso de abertura, a presidente foi vaiada⁵⁶. Na primeira semana do evento foram registrados⁵⁷ pelo menos vinte protestos em todo o país. Mais de cem pessoas foram presas. O maior deles aconteceu no Rio de Janeiro, na data da abertura do torneio, com mil participantes. As manifestações tiveram proporções muito menores do que no ano anterior.

No dia 03 de julho daquele ano, uma pessoa morreu e vinte e duas ficaram feridas com a desabamento⁵⁸ de um viaduto sobre um micro-ônibus e um carro, em Belo Horizonte. A estrutura fazia parte das obras de mobilidade para a Copa, mas estava atrasada. A construção fica na região da Pampulha, próximo ao estádio Mineirão, palco da semi-final do campeonato. A obra custou 460 milhões de reais.

⁵⁶Portal G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/dilma-e-hostilizada-durante-abertura-da-copa-do-mundo-em-sao-paulo.html>>. Acesso em 02 de março de 2016.

⁵⁷Portal G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/com-mais-de-20-protestos-1-semana-de-copa-tem-180-detidos-em-atos.html>>. Acesso em 02 de março de 2016.

⁵⁸Portal G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/07/viaduto-desaba-sobre-caminhoes-carro-e-micro-onibus-em-bh.html>>. Acesso em 02 de março de 2016.

Nas duas últimas Copas, a seleção brasileira havia sido eliminada nas quartas de final. Depois de algumas trocas de técnico entre 2010 e 2012, Luiz Felipe Scolari assumiu como treinador. “Scolari manteve a base montada por Mano, mas conseguiu vencer amistosos contra rivais tradicionais e conquistou o tetracampeonato da Copa das Confederações, em 2013, ao vencer na final a atual campeã do mundo, a Espanha, por 3x0 no Maracanã” (BRINATI, 2015, p. 176). O país se tornou um dos favoritos para vencer a Copa de 2014.

Nossas promessas eram o atacante Neymar, do Barcelona, e os zagueiros David Luiz e Thiago Silva, do Chelsea e Paris Saint Germain, respectivamente. A equipe estava totalmente dependente de Neymar. O jogador sofreu uma fratura na vértebra, após levar uma joelhada nas costas do colombiano Zuñiga, na partida entre Brasil e Colômbia, pelas quartas de final. A única esperança foi tirada. A seleção não estava preparada para disputar o próximo jogo.

Assim como em 1950, não levamos o título. Sofremos um vexame na semifinal, o Brasil perdeu por 7X1 para a Alemanha. Foi um grande fiasco.

Em 18 minutos, a Alemanha fez cinco gols. É verdade. Müller, o gol histórico de Klose, duas vezes Kroos e Khedira deixaram o país atônito. Eram gols de tabelas, toques rápidos, de uma seleção que jogava por controle remoto contra outra de chumbo nos pés. Numa rara tentativa de ataque do Brasil, Bernard, 1,66m de altura, trombou em Neuer, 1,93m. Metáfora perfeita da diferença entre os dois lados. As lágrimas tão polêmicas dos olhos dos jogadores brasileiros já eram vistas na arquibancada, nas crianças, nos adultos, numa geração que não mais precisaria ler sobre o Maracanazo depois de viver aquela tarde. Vaias, ofensas e policiais correndo para todos os lados, inibindo brigas, foram o retrato melancólico do fim do primeiro tempo. (LOZETTI⁵⁹, 2014)

Nem o terceiro lugar levamos. Perdemos novamente para Holanda. A Alemanha foi a grande campeã da Copa do Brasil. Apesar da derrota, o governo federal garantiu que foi a Copa das Copas.

Nós somos um país que demonstrou sua capacidade de organização, em que pese, todos vocês sabem disso, porque acompanharam os acontecimentos passo a passo, sabem que os vaticínios, os prognósticos que se faziam sobre a Copa eram os mais terríveis possíveis. Começavam do “não vai ter Copa” até “nós teremos a Copa do Caos”. O estádio do Maracanã, que ontem foi palco de um momento belíssimo, ia ficar pronto em 2038, ou 2024, enfim, não ficaria pronto nunca. Nós não teríamos aeroportos, nós não teríamos, mais do

⁵⁹Site Globo Esporte. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-do-mundo-2014/08-07-2014/brasil-alemanha.html>> Acesso em 02 de março de 2016.

que não ter aeroportos, também não teríamos a capacidade de receber milhões e milhões de turistas, milhões e milhões de pessoas que vindo de outras partes do Brasil ou de outras partes do mundo, vinham aqui desfrutar a Copa. Enfim, nós derrotamos, sem dúvida, essa previsão pessimista e realizamos, com a imensa e maravilhosa contribuição do povo brasileiro, essa Copa das Copas. (Discurso⁶⁰ da Presidente Dilma Rousseff, Julho de 2014)

Houve protestos e polêmicas. A capacidade de organizar um grande evento foi questionada. Por outro lado, foi mostrado que somos capazes de pensar grande. Os milhões de turistas que passaram por aqui foram bem recebidos. Poucos incidentes ocorreram. Os estádios ficaram prontos. Não houve nenhuma crise nos aeroportos. Apesar das dificuldades e das catastróficas previsões, o evento ocorreu dentro da normalidade.

⁶⁰Site Palácio do Planalto. Disponível em <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-balanco-da-copa-do-mundo-fifa-2014-no-brasil>>. Acesso em 02 de março de 2016.

5 Procedimentos Metodológicos

A partir do referencial teórico, composto por leituras e entrevistas, foi aberto um caminho. Para entender o imaginário presente nas reportagens de televisão, é preciso desvendar os símbolos e mitos presentes no conteúdo veiculado. E para compreender o imaginário do Brasil apresentado na cobertura dos telejornais BBC News e CNN Newsroom, é proposta uma adaptação da mitocrítica, idealizada por Durand. A teoria do antropólogo esteve presente em todos os capítulos deste trabalho. Na parte metodológica, não poderia ser diferente. A tentativa é de buscar uma coerência teórico-metodológica. A fundamentação teórica está ligada à escolha da metodologia.

O imaginário não pode ser visto, mas pode ser sentido, percebido e analisado. Há muito além do que os olhos podem ver. Por isso, o desvelamento do que está encoberto nas reportagens é necessário. As mitologias estão por toda parte e não nos damos conta. Durand desenvolveu metodologias próprias para analisar o imaginário. Em 1972, o antropólogo francês criou a noção de mitanálise, que considera o modelo da psicanálise. “Mitanálise inicialmente psicológica que, no esteio da obra de Jung, superando a redução simbólica de Freud, se estriba no ‘politeísmo’ (M. Weber) das pulsões da psyche” (DURAND, 1985, p. 246). A mitanálise discerne os diferentes tipos de *anima* de acordo com as tipologias da mitologia antiga. A mitanálise sociológica tenta entender os grandes mitos que orientam os momentos históricos, os tipos de grupos e relações sociais.

Trata-se realmente de uma “mitanálise” porque frequentemente as instâncias míticas existem de um modo latente e difuso na sociedade e que, mesmo quando são “patentes”, a escolha de tal ou qual mito explicitado escapa à consciência clara, ainda que coletiva. (DURAND, 1985, p. 246)

Na mitálise, são evidenciados os grandes mitos que orientam os momentos históricos, os tipos de grupos e relações sociais. Por se tratar de um trabalho extenso, ainda mais se falando de história do Brasil, este não foi o método escolhido para analisar este trabalho. Essa explicação serve apenas para entendimento da metodologia criada por Durand.

Considerando o modelo da psicocrítica, Durand (1985) criou a noção de mitocrítica. Esta pretende ser um método de crítica que seja a síntese construtiva

das diversas críticas. “Forjei essa noção para significar o emprego de crítica literária (ou artística), em sentido estrito, ou em sentido ampliado, de crítica do discurso que centra o processo de compreensão no relato de caráter ‘mítico’ inerente à significação de todo e qualquer relato” (DURAND, 1985, p.252). É coordenada em um relato simbólico ou mítico, que se desvendam nos seus níveis de profundidade.

Há três momentos da mitocrítica que decompõem os estratos mitêmicos. Segundo Durand (1985), mitema é a menor unidade de discurso miticamente significativa. Primeiramente, há um levantamento dos temas redundantes ou obsessivos. Depois, podem ser examinados com as mesmas situações e a combinatória de situações, personagens e cenários. Por último, podem ser detectadas as diferentes lições do mito e as correlações da lição de um determinado mito com as de outros mitos de uma época ou de um espaço cultural determinado.

A mitocrítica evidencia, num autor, na “obra” de uma época e de um meio dados, os mitos diretivos, regentes, e suas transformações significativas. Possibilita mostrar como tal traço de caráter pessoal do autor contribui para a transformação da mitologia epocal dominante ou, ao contrário, acentua tal ou qual mito instituído. (...) Em suma, mitocrítica e mitanálise situam-se na mais recente corrente epistemológica: aquela que, centrada na produção do universo das imagens simbólicas, e do mito que é a forma dinâmico-cultural dessas configurações organizatórias da socialidade, suscita um novo e acrescido interesse antropológico pelas mitologias, tanto negligenciadas pela peregrina era dos positivismos. (DURAND, 1985, p.255-256)

O racionalismo e o positivismo trouxeram uma desvalorização do pensamento mítico. Muitos autores fazem uma divisão da razão e do mito. Assim, o mito acaba sendo depreciado. Por outro lado, Durand promove o reconhecimento do mito e o situa no âmago da antropologia moderna. Por isso, o autor cria uma metodologia baseada nos estudos dos mitos. Assim, trazendo uma valorização e um novo olhar sobre essas histórias exemplares na sociedade.

Feyerabend (2010) aponta que o racionalismo e a ciência estão conquistando o mundo. A educação insere esse pensamento nas crianças. O desenvolvimento faz com que as sociedades primitivas e subdesenvolvidas lucrem com ele. Também tenta eliminar instituições e culturas. Os mitos perderam a sua influência. “A crítica é acompanhada de sugestões positivas: dê

mais dinheiro às artes às humanidades e faça renascer as qualidades míticas da vida humana” (FEYERABEND, 2010, p. 112).

Há uma diferenciação entre a razão e o mito. O comentário que as filosofias relativistas não têm importância quando comparadas com o desenvolvimento confirma que a ideia de que a popularidade das posições filosóficas é resultado do poder e não do argumento. “O regionalismo dos fenômenos naturais nunca foi vencido, nem pelos filósofos, nem pelos cientistas, enquanto o regionalismo dos fenômenos sociais foi reprimido ou destruído pela violência, sem que se demonstrasse que ele era inadequado segundo raciocínio ético” (FEYERABEND, 2010, p. 122). Precisamos perceber que uma visão unificada do mundo não existe.

As ciências hoje praticamente se tornaram empresas voltadas ao lucro. As pesquisas são direcionadas para o que gera mais recompensas. A verdade não é mais ensinada nas universidades, mas sim a opinião de escolas influentes. Segundo Feyerabend (2010), devemos limitar a influência do poder político no senso comum e retirar os intelectuais das posições de poder.

O conhecimento também se encontra na habilidade de perceber e interpretar fenômenos. Ele está contido na habilidade de desempenhar tarefas especiais.

A sobrevivência de indivíduos, tribos e civilizações inteiras depende desse tipo de conhecimento. Nossas vidas entrariam em colapso se não pudéssemos ler o rosto das pessoas, entender seus gestos, reagir corretamente às oscilações de seu temperamento. (FEYERABEND, 2010, p.129)

Para Feyerabend (2010), a linguagem e a percepção interagem. As descrições dos eventos observáveis também têm a sua objetividade. Ela é resultado do treinamento de uma combinação entre o esquecimento e disposições genéticas. A verdade das linguagens é a mesma dos meios de representação. Uma caricatura tem um núcleo objetivo e também tem o seu viés subjetivo, que pode ser visto pelos olhos de um grupo especial. A maneira de olhar interfere na nossa forma de reconhecimento.

O conhecimento pode estar disponível na forma de crenças públicas compartilhadas. Também reside nas regras gerais aprendidas por repetição ou como uma habilidade de lidar com situações novas de maneira criativa. “Até um

juiz moderno, que necessita de diretrizes por escrito e volumes de decisões passadas dos tribunais, precisa de conhecimento intuitivo para dar seu veredito” (FEYERABEND, 2010, p. 133)

Escritores e professores foram contra os modos de pensar, falar, agir e organizar a vida pública e privada que fossem tradicionais. Os filósofos também não tornaram o uso de conceitos teóricos como hábito popular. O racionalismo introduziu um tipo de ordem através de diferentes procedimentos das tradições históricas. A abordagem teórica encontrou dificuldades na tentativa de transformar as tradições históricas e isso permanece até hoje sem solução.

A mitocrítica e a mitanálise são correntes epistemológicas centradas da produção do universo das imagens simbólicas. Também abrangem o mito, forma dinâmico-cultural dessas configurações da socialidade. Essas metodologias trazem um interesse antropológico pelas mitologias, desvalorizadas pelo positivismo. Podemos perceber pelos dois autores, Durand e Feyerabend, que o pensamento mítico foi depreciado pela ciência. O trabalho de Durand é importante neste sentido, pois dá ao imaginário e ao mito uma posição de destaque. O olhar simbólico é entendido como uma forma de ver o mundo, diferente de outras epistemologias. É necessária uma nova visão de mundo, uma valorização dos mitos para entender a nossa realidade e o mundo de forma complexa.

5.1 Adaptação da Mitocrítica

Neste trabalho, será analisado o conteúdo das reportagens dos telejornais CNN Newsroom e BBC News. A CNN e BBC se destacam pelas suas intensas coberturas internacionais. A partir da definição das emissoras, foi escolhido um telejornal de cada canal para ser analisado. Foi feito o download desse material que estava disponível nos canais⁶¹ no YouTube⁶² e sites ⁶³das emissoras. Esta foi a melhor forma de ter acesso às reportagens, já que as sedes das emissoras

⁶¹Canal BBC News. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLS3XGZxi7cBWbLLOx9tveE7Ke55_Sq0SA>. Acesso em 8 de março de 2016.

⁶²Canal CNN. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/CNN>>. Acesso em 8 de março de 2016.

⁶³Site CNN. Disponível em <<http://edition.cnn.com/search/?query=brazil&x=0&y=0&primaryType=mixed&sortBy=relevance&intl=true>>. Acesso em 8 de março de 2016.

ficam nos Estados Unidos e Inglaterra. O período de análise é de primeiro de junho a 14 de julho. Nesse tempo, foram veiculadas 27 reportagens da CNN e 24 na BBC sobre a Copa do Mundo. Todas as reportagens serão analisadas, transcritas e traduzidas do inglês para o português pela autora do projeto e ficarão disponíveis, tanto em vídeo, como em texto, em um DVD, em anexo ao trabalho. A lista com a descrição do corpus, está presente no fim deste capítulo.

Para a análise das reportagens, será feita uma adaptação da mitocrítica de Durand. Em vez de realizar as três fases do método, proposto pelo antropólogo, será dada ênfase na primeira fase. Será feito o levantamento de temas redundantes a partir da elaboração de constelações de imagens. Serão criadas de três constelações. Durand (2002) define as constelações como conjuntos simbólicos, que convergem em torno de núcleos organizadores que a arquetipologia antropológica “deve esforçar-se por distinguir através de todas as manifestações humanas da imaginação” (DURAND, 2002, p. 43).

A primeira, será feita a partir do referencial teórico deste trabalho. A partir disso, é possível notar o imaginário do Brasil já consolidado e discutido pelos autores utilizados neste trabalho. Ela será a constelação mãe, que servirá de parâmetro para aproximação dos outros conjuntos simbólicos. A segunda será composta com as reportagens da CNN. E por último, será feito o mesmo procedimento com as matérias da BBC. Os aspectos simbólicos do corpus serão levantados. O imaginário da mídia naquele período será desvelado.

As três constelações de imagens serão comparadas. Assim, serão levantados os temas recorrentes, redundantes. A partir da análise dos mitemas, busca-se compreender o imaginário da mídia sobre o Brasil no contexto da Copa do Mundo de 2014.

Com a pesquisa de todo o material, busca-se evidenciar o simbólico desses conteúdos. A tentativa é mostrar a televisão como uma tecnologia do imaginário, que une através dos sentimentos partilhados em conjunto, que movimenta multidões e ideias, que propaga o Brasil para diversas culturas, impulsiona modos de vida. Assim, o país é visto pelo olhar do outro e se deixa desvendar.

A interpretação do imaginário busca descobrir alguma coisa escondida na aparência. Legros (et al. 2014) acredita que a percepção do imaginário é considerada como uma representação caleidoscópica, como uma pintura

expressionista que se funde com a existência social. O imaginário quando compreendido se afasta de uma realidade utópica “pois um pensamento, mesmo partilhado coletivamente escoia na infinidade do universo e da história” (LEGROS, et al. 2014, p. 110-111). É a partir do imaginário que o homem evolui. Como ele, se estrutura o entendimento humano.

É como uma flor sobre a terra: dura só uma primavera. Mesmo ao renascer no ano seguinte, essa flor não será, jamais, idêntica àquela. É preciso que estejamos imbuídos de uma fatuidade paroxística para pretender ter “o” conhecimento quando só se tem uma impressão dele, um imaginário. (LEGROS, et al., 2014, p. 111)

Em um mundo tão racionalista, é preciso desenvolver o pensamento duplo, defendido por Morin (1999). Os modos de conhecimento simbólico/mitológico e o empírico/racional devem ser complementares. Por isso, este trabalho busca valorizar o simbólico e contribuir para um pensamento complexo da sociedade. A metodologia do imaginário, aqui representada pela adaptação da mitocrítica, pretende ajudar a encontrar esse caminho.

Foram destacados do texto os símbolos apresentados pelos autores do capítulo sobre o imaginário brasileiro. Esta parte do trabalho foi formada por entrevistas e discussões teóricas sobre o país. A partir das ideias dos autores é que foram identificados os cinco imaginários do Brasil. Ou seja, depois de formar as discussões teóricas é que foram destacados os imaginários e o simbólico. Por isso, não houve a preocupação de ter o mesmo número de autores para determinado imaginário, já que estes imaginários não haviam sido traçados antes do texto ser formado. E esta constituição dos espíritos brasileiros foi criada pela autora deste trabalho, já que nenhuma obra contempla o imaginário brasileiro especificamente, com o detalhamento necessário para esta dissertação.

Depois de identificados os símbolos, eles foram inseridos em um programa⁶⁴, que constrói uma nuvem de palavras. Quanto mais vezes determinada palavra aparece, maior ela é representada na nuvem. Serão descritos os símbolos que tiveram o maior destaque na constelação e que estão relacionados com os imaginários identificados.

O imaginário do descobrimento reflete o primeiro olhar dos nossos colonizadores. Demonstra os encantos com o desconhecido. Este imaginário formado há mais de 500 anos, ainda está presente nos estudos e discursos dos autores estudados hoje. Os símbolos que banham este espírito brasileiro são a terra, o mar, as águas, a praia, a beleza, o ouro, a prata, o paraíso, a mulher, o corpo. Toda vez que um estudioso aborda a beleza das brasileiras, da praia, da riqueza natural e visual, ele está se referindo a este imaginário que está no cerne da fundação do país.

Os símbolos do imaginário do descobrimento têm maior destaque na constelação porque este imaginário está presente na fala de mais de um autor do referencial. Isto reflete a transversalidade deste imaginário.

A terra e a água (mar, praias) foram os símbolos que tiveram maior destaque na constelação. Elas são imagens da intimidade. Bachelard (1990), mestre de Durand, estabeleceu uma lei dos quatro elementos. As diversas imaginações materiais são classificadas conforme elas se associam à terra, à água, ao fogo e ao ar. Segundo o filósofo, a terra remete à ideia de casa, de lar.

⁶⁴Site Tagul. Disponível em <https://tagul.com/>. Acesso em 9 de maio de 2016.

“A volta à terra natal, o regresso à casa natal, com todo o onirismo que o dinamiza, foi caracterizado pela psicanálise clássica como a volta à mãe” (BACHELARD, 1990, p. 93)

Para Bachelard (1989), a água é o elemento mais feminino e simboliza as forças humanas mais escondidas. Acolhe as imagens da pureza. “A água serve para naturalizar a nossa imagem, para devolver um pouco de inocência e de naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima” (BACHELARD, 1989, p. 23). A natureza é uma projeção da mãe, o mar é um símbolo materno. “A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe” (BACHELARD, 1989, p. 136).

Então, esses dois elementos estão ligados à maternidade e ao feminino. “Todas as imagens da terra e da água contribuem para construir uma ambiência de volúpia e de felicidade que constitui uma reabilitação da feminilidade” (DURAND, 2002, p. 233). Toda a imagística da água, por exemplo, é submetida ao arquétipo da mulher, símbolo que também foi ressaltado na constelação. Por isso, Durand acredita que o imaginário do país está ligado à *anima*, pois os símbolos mais recorrentes estão relacionados ao feminino.

Também faz parte do imaginário do país a festa, que remete aos aspectos culturais. O samba, a música e o carnaval são as representações. A alegria, a diversão, a ideia de celebrar a vida faz parte da alma brasileira. Damatta (1997) defende que o carnaval é uma festa especial, uma bagunça, um momento em que as regras e rotinas são modificadas. Assim reina a livre expressão dos sentimentos e emoções, quando todos podem se manifestar individualmente. “É um momento em que se pode totalizar todo um conjunto de gestos, atitudes e relações que são vividas e percebidas como instituindo e constituindo nosso próprio coração” (DAMATTA, 1997, p. 30). O carnaval nos permite sentir a nossa própria continuidade como grupo.

Tacussel (2015) afirma que essas características de festa e alegria são o paraíso do país. Já o inferno seria a violência. Esse imaginário é contaminado pelas imagens de confrontos entre a polícia e traficantes nas favelas, nas reportagens sobre a insegurança e assaltos. No Brasil, alguns programas sensacionalistas se dedicam a desdobrar, evidenciar e ressaltar o crime. Os discursos inflamados de apresentadores contra os criminosos e a criminalidade

fazem parte das atrações. Assim, esse imaginário é alimentado constantemente. E às vezes é projetado internacionalmente através do cinema.

Esse imaginário da violência alimenta o medo. “Medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance” (BAUMAN, 2008, p.8). Bauman ressalta, que o medo é irmão do mal, que é o que tememos. Podemos dizer que o mal é o crime porque temos um código jurídico que o ato criminoso infringe. E essas infrações é o que vemos todos os dias nos noticiários, dinamizadas pelas tecnologias do imaginário, seja na editoria de polícia como, na atualidade, de política.

Além disso, há os pequenos “delitos” cometidos no cotidiano afim de levar vantagem em qualquer aspecto da vida. O imaginário do malandro expressa o “jeitinho” de levar a vida, de burlar as leis, os problemas e as dificuldades passando por cima dos protocolos morais. Está presente quando alguém fura fila, cola na prova, pede favores em troca de benefícios escusos, quando políticos beneficiam empresas em licitações esperando uma contrapartida financeira.

O futebol também compõe um dos imaginários. Esporte praticado pela maioria, que não exclui por cor, credo ou classe social. Cada parcela da população escolhe o seu time do coração. Vive através desse clube alegrias e tristezas, excessos de raiva e paixão. Une em torno do aparelho de televisão ou nos gritos das arquibancadas dos estádios. Em um jogo da seleção brasileira “vemos, sentimos, gritamos e falamos com o Brasil no imenso ardil reificador que é o jogo de futebol” (DAMATTA, 1997, p. 30). Dramatizamos a visão de nós mesmos através do confronto com os adversários.

Os imaginários da festa, do futebol e do malandro estão relacionados. Estão associados à ideia do brasileiro como um povo descontraído, que aproveita a vida, que se diverte, que tem uma forma singular de levar o cotidiano.

Esses imaginários não são estanques. Eles transitam em diversos períodos da história do país, fazem parte do cotidiano, alimentam estereótipos e evidenciam características não só do povo brasileiro, mas do ser humano. No país, essas características são reforçadas pela mídia, pelos estudiosos, pelo

povo em geral, assim se transformam em marca cultural. Se impregnam de tal maneira, que fazem parte do inconsciente.

Há também a presença de mitos. O mito do futuro transita na ideia de que o país prosperaria, assentado na utopia que o Brasil seria uma das maiores potências do mundo.

O Brasil representava-se como o país do futuro apesar das crises econômicas sucessivas, do subdesenvolvimento, das ditaduras e dos assombrosos bolsões da pobreza. Hoje, com a morte do sonho, a realidade impregna-se de dúvidas: como viver sem a utopia redentora? (SILVA, 1996, p. 15)

Na última década o país apresentou avanços nos aspectos econômicos e sociais. Em 2014, foi considerado a sétima maior economia do mundo. Dois anos depois, passou para a nona posição. As crises econômicas e políticas só acentuam a falta de esperança nesse futuro promissor.

Hoje, o mito da mudança reina. Como enfatiza Pitta (2015), os políticos transitam de um partido para o outro, os partidos mudam de aliança, os ministérios são constantemente renovados. Não se sabe o que esperar da economia, que surpreende a cada período. Nas ruas, houve pedidos de transformação, de mudança da direção dos investimentos governamentais. Para os manifestantes, o futebol não era a prioridade no país. Deveriam ser feitos investimentos em saúde e educação. O transporte público precisava parar de sofrer constantes reajustes nas tarifas.

Não se espera mais a promessa de um futuro redentor, mas sim o novo. A mudança. É esperada uma reforma política, como cita Buarque (2013). Também uma punição aos políticos corruptos e a devolução dos valores subtraídos, para serem investidos em demandas sociais. Espera-se que o país tome um novo rumo.

5.3 Constelação da BBC



Figura 7 – Constelação Brasil - reportagens BBC
Fonte: <http://www.tagul.com>

A segunda constelação de imagens é referente às reportagens do telejornal BBC News, disponíveis no canal⁶⁵ da emissora no YouTube. Primeiramente, o material foi transcrito e depois traduzido do inglês para o português, pela autora do trabalho. Depois, assim como feito com o referencial teórico, foram destacados os símbolos do texto, formando a constelação. Os símbolos foram passados para o programa⁶⁶ que constrói a nuvem de palavras. As reportagens foram divididas em dois temas. Primeiro, foram agrupadas todas as matérias que falam sobre o Brasil. Elas constituíram a nuvem da “Constelação Brasil”. Depois, foram reunidas as reportagens com temas que não faziam referência ao país. Assim, foi construída a nuvem “Constelação outros”.

Para analisar o imaginário brasileiro, é preciso avaliar o material que aborde o país. Não é possível fazer a micocrítica com qualidade se os símbolos sobre o Brasil estiverem em meio aos símbolos destacados de reportagens sobre

⁶⁵Canal BBC News. Disponível em https://www.youtube.com/playlist?list=PLS3XGZxi7cBWbLLOx9tveE7Ke55_Sq0SA. Acesso em 4 de junho de 2016.

⁶⁶Site Tagul. Disponível em <https://tagul.com/>. Acesso em 4 de junho de 2016.

outros países e temas diversos. Por isso, optamos por fazer esta separação e análise em duas constelações.

Como as imagens no telejornalismo servem para ilustrar o conteúdo, elas não foram analisadas uma a uma. “Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que o texto e a imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde sua função” (PATERNOSTRO, 2006, p. 86). Somente quando a imagem não fazia referência ao que estava sendo dito, é que estas imagens foram “traduzidas” em palavras e estas anexadas à nuvem, o que aconteceu em apenas duas ocasiões. As imagens utilizadas nesta análise são inseridas de forma ilustrativa.

Quanto mais recorrente for uma palavra, maior destaque ela tem na nuvem. Serão descritos os símbolos que tiveram maior evidência na constelação. As palavras com maior recorrência foram Copa, Brasil, País, Brasileiros, Jogo, Competição e Torneio. São termos usados para se referir ao evento, ao local onde a competição vai ser realizada. Como essas palavras precisam ser utilizadas, de forma obrigatória por meio das regras jornalísticas (respondendo ao lead – o que, quem, como, onde e por quê?), e estão presentes em todas as reportagens, não há necessidade de uma análise simbólica. Elas são usadas para situar o telespectador onde acontece o fato e ao que está se referindo.



Figura 8 – Crítica ao dinheiro gasto com a Copa do Mundo nas ruas do Rio de Janeiro
 Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

A rua é vista não como um espaço comum, mas como um local de reivindicação, de luta. É na rua que se cobram melhorias aos governantes. É onde as pessoas podem ser vistas e ouvidas. Nesse espaço as pessoas são uma na multidão, formam o todo, um conjunto, um grupo que ganha força unido. Segundo Damatta (1987), a “casa” e a “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, pois essas palavras não designam somente espaços geográficos ou físicos. Os dois são entidades morais, esferas de ação e domínios culturais institucionalizados. “Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado” (DAMATTA, 1987, p. 21)

Na reportagem sobre a decoração de uma rua do bairro flamengo no Rio, mostra o local sendo usado como um espaço de convivência entre os vizinhos, de torcida pelo Brasil, mas também de reivindicação de investimentos em áreas carentes, não somente com eventos, como a Copa. Os desenhos pintados no asfalto questionam o dinheiro investido no evento, como forma de protesto.

As favelas surgiram como alternativa de moradia para as pessoas que foram expulsas dos cortiços pelo poder público no Rio de Janeiro. Sem outra opção, as encostas dos morros foram ocupadas, em barracões, sem saneamento básico e infraestrutura. “As favelas, assim como os cortiços, eram vistas de forma marginalizada como lugar perigoso, da pobreza e da malandragem. Tanto que a existência dessa realidade social incomodava profundamente a sociedade burguesa e o estado” (NEUSTADT, 2013, p. 125). Com o modernismo, houve uma maior valorização da cultura nacional e as comunidades passaram a ser retratadas por poetas e pintores.

Na entrevista com o prefeito do Rio, Eduardo Paes, um dos pontos discutidos foi a infraestrutura das favelas. Paes foi questionado sobre a falta de escolas e hospitais nos morros. No VT que ensina a receita de caipirinha, gravada no morro Santa Marta, mostra a Favela como um lugar de propagação da cultura e costumes brasileiros.

Os protestos são vistos nas reportagens como um direito do cidadão, conquistado no período pós ditadura.

Esse é um país livre. Quer dizer, se você viesse para o Brasil 30 anos atrás, não teria protesto, mas os militares prenderiam essas pessoas, só por eles estarem protestando democraticamente. As pessoas têm o direito de protestar. Têm o direito de pressionar as autoridades para as coisas serem feitas. Não vejo que tenha um problema para o nosso país. Vejo que essa é uma das nossas melhores conquistas. Nos tornamos um país democrático. (Entrevista de Eduardo Paes para o BBC ⁶⁷News)



Figura 9 – Mesmo depois de imobilizado, manifestante é atingido por gás de pimenta
Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

Também são mostrados como uma oportunidade de proporcionar uma notoriedade internacional aos problemas do Brasil. Além disso, as manifestações são apontadas como a causa para denegrir a imagem do país internacionalmente. Outro ponto relacionado aos protestos é a violência. No VT sobre um protesto em São Paulo, são usadas imagens de manifestantes jogando pedras na tropa de choque da polícia. Depois, é mostrada a prisão de

⁶⁷ Entrevista publicada no canal do Youtube do BBC News no dia 09 de junho de 2014.

manifestantes e de um homem sendo imobilizado pela polícia e mesmo já preso, recebendo spray de gás de pimenta nos olhos.

Além da violência policial, a criminalidade nas ruas também foi evidenciada na entrevista com o prefeito do Rio, Eduardo Paes. O repórter questiona Paes sobre ladrões que roubam carteiras e correntes nas ruas do Rio.

Eu não estou dizendo que essa cidade não enfrenta problemas de segurança. Esse não é um país que não enfrenta problemas de segurança. Está muito melhor. Nós não estamos preocupados durante grandes eventos. Nós estamos preocupados para a nossa vida de todos os dias. Isso é o que estamos buscando. (Entrevista de Eduardo Paes para o BBC⁶⁸News)



Figura 10 – Escada feita com andaimes de forma improvisada na entrada do Estádio Maracanã
Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

Os problemas que o país enfrenta também foram destaque. Problemas de segurança, criminalidade, falta de infraestrutura nas favelas, estruturas improvisadas foram apontados nas reportagens. Isso reflete a teoria da falta, evidenciada por Silva (1996). “No que concerne ao Brasil, implicou colocar de lado, no momento preciso, a teoria da falta, pois toda vez que se pensava no Brasil pela ausência chegava-se ao mito da inferioridade racial” (SILVA, 1996, P. 64).

Os termos melhor/pior também foram um dos mais apresentados. Eles revelam os contrastes do Brasil. Nas entrevistas com jogadores da Seleção

⁶⁸Entrevista publicada no canal do Youtube do BBC News no dia 09 de junho de 2014.

Brasileira de Futebol sobre as manifestações, o jogador Fred revela que espera coisas melhores para o país. Já o prefeito do Rio, Eduardo Paes, afirma que a cidade foi escolhida como sede das Olimpíadas de 2016, porque era a pior entre os concorrentes.

Quero dizer, nos jogos Olímpicos, tudo é no Rio. E as Olimpíadas no Rio, tem a ver com uma mensagem, um legado. Nós conquistamos as olimpíadas não porque somos melhores que Madri, Chicago e Tokyo. Nós conquistamos as Olimpíadas porque somos piores. Porque nós temos problemas de infraestrutura. Nós vamos entregar um grande legado. (Entrevista de Eduardo Paes para o BBC ⁶⁹News)

Isso corrobora com a ideia de sentimento de inferioridade dos brasileiros, o complexo de vira-lata, denominado assim por Rodrigues (2013). A segunda parte de reportagens se refere aos temas diversos como futebol, fatos ligados à Copa e curiosidades de outros países. A maioria dessas reportagens se referia ao futebol.



Figura 11 – Constelação Outros - reportagens BBC
Fonte: <http://www.tagul.com>

⁶⁹Entrevista publicada no canal do YouTube do BBC News no dia 04 de junho de 2014.



Figura 12 – Indiana mostra como faz para economizar com a alimentação durante a Copa
 Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

O amor pelo esporte foi retratado de diversas formas. Um casal da Índia, que acompanha todas as Copas, desde 1982, foi entrevistado. “Alguns bebem, outros são viciados em chá e cinema, meu vício é o futebol⁷⁰”, revela o indiano. O VT mostra todas as estratégias dos dois torcedores para conseguirem comparecer em todos os mundiais. “Nós economizamos cada centavo por quatro anos. E tentamos da melhor forma não gastar isso. Às vezes não comemos peixe por um mês inteiro⁷¹”. Isso revela a intensa paixão pelo futebol. Não importa o sacrifício, tudo vale a pena para assistir aos jogos.

O sonho de jovens jogadores no México também foi mostrado. Os mexicanos são bicampeões da Copa do Mundo de Futebol, da categoria sub 17. Os meninos são o orgulho do país, já que a equipe adulta não conseguiu se classificar para a Copa da FIFA no Brasil. “Eu acho que a mentalidade está nos atrasando. Não tem mais preocupações. Não tem disciplina suficiente. Humildade suficiente. Eu acho que no México os jogadores ganham bem, têm carros novos, vida boa. Eles não estão interessados em lutar mais”, informa Jesus Ramires, técnico da categoria sub 17. Assim como grande parte dos meninos brasileiros, os pequenos mexicanos sonham em ter uma carreira de sucesso na Europa.

⁷⁰ Reportagem “Casal viaja para a sua nona Copa do Mundo”. Veiculada em 20 de junho de 2014.

⁷¹ Reportagem “Casal viaja para a sua nona Copa do Mundo”. Veiculada em 20 de junho de 2014.

A propagação do futebol pelos Estados Unidos foi tema de uma reportagem. Novos clubes estão se formando no país. Está se criando uma nova cultura no país norte-americano, onde a hegemonia era do futebol americano.

O comportamento antiesportivo do jogador do Uruguai Luis Suarez foi abordado em uma transmissão ao vivo e também através da coletiva de imprensa realizada pela Fifa com o anúncio da punição do jogador. Assim, mostrando que o futebol não é feito só de alegrias, mas também de golpes desleais.

recorrentes no uso do trabalho jornalístico em uma cobertura de evento esportivo.

O Rio de Janeiro foi a localidade mais citada nas reportagens. A maioria das matérias fala sobre as favelas, a pobreza, o crime e tráfico de drogas. A praia de Copacabana é retratada como espaço que acolhe turistas, como palco da Fan Fest na cidade.

A cidade do estádio Maracanã, visto como a casa do futebol, palco de uma das derrotas mais marcantes, a final da copa de 1950. Hoje, a polêmica é o grande gasto para reformar o estádio e manter a antiga estrutura. Na reportagem sobre o estádio, foi destacado o investimento de mais de 500 milhões de dólares com a reforma. Segundo a reportagem⁷⁵, a despesa seria menor se o estádio fosse demolido e construído outro.

O futebol e o esporte são vistos como uma oportunidade dos jovens em situação de vulnerabilidade social de ter uma atividade para escapar da criminalidade. Projetos sociais que ensinam Rugby e Golfe no Estado do Rio de Janeiro foram mostrados como alternativas para as crianças que vivem nas favelas.

O futebol permite exprimir no caso brasileiro o importante conflito entre "destino" impessoal e vontade individual. Sendo assim, são muitos os jogos de futebol que, no Brasil, permitem sua "leitura" enquanto paradigmas de um combate entre as forças coletivas e impessoais (do destino) e as vontades individuais que buscam escapar do ciclo da derrota e da pobreza. (DAMATTA, 1982, p. 27)

A capacidade do Brasil organizar a Copa foi questionada. O atraso das obras prometidas para o evento, os grandes gastos com as construções e os protestos foram apontados como as dificuldades que o país enfrentava.

Por exemplo, o sistema de metrô de Salvador não está pronto. O aeroporto em Manaus, não está pronto. O metrô de Belo Horizonte, nem começou. Agora é uma falta de investimento tangível em infraestrutura urbana que gerou descontentamento. Protestos em todo o país "amarrou" o governo por gastar quatro bilhões de dólares em estádios em vez de ônibus, escolas e hospitais. Muitos protestos se tornaram violentos. No Rio de Janeiro, a polícia, escoltada por soldados, removeu uma dúzia de favelas para acabar com o crime e tráfico de drogas, especialmente em locais turísticos. Para a Copa do Mundo, o Brasil planeja dispor 157 mil policiais e tropas. (Reportagem⁷⁶ "O Brasil está preparado para a Copa de 2014?")

⁷⁵ Reportagem "Maracanã, casa do futebol". Veiculada em 06 de junho de 2014.

⁷⁶ Reportagem "O Brasil está preparado para a Copa de 2014?". Veiculada em 11 de junho de 2014.

Obras como a Arena Pantanal, o estádio Nacional de Brasília e a Arena Amazônia foram apontadas pela CNN como elefantes brancos brasileiros. “Críticos dizem que pelo menos três dos doze estádios construídos e reformados para a copa simplesmente não tem o público de futebol necessário para sustentar a longo prazo” (reportagem⁷⁷ “Estádios a menos de 30 dias”)



Figura 14 – Polícia usa bombas de gás lacrimogênio em protesto em São Paulo
Fonte: <https://www.youtube.com/user/CNN>

O protesto é mostrado pela violência. Na reportagem, a repórter da CNN, Shasta Darlington foi atingida por estilhaços de bombas jogadas pela polícia para dispersar os manifestantes em um protesto em São Paulo. Uma produtora também ficou ferida. Também pode ser representado na arte, como na reportagem “Brasileiros usam arte como protesto”. São questionados os investimentos feitos para sediar a Copa em face aos problemas sociais brasileiros.

Apesar de metafórica, a mensagem é simples, a desigualdade é abundante no Brasil, com mais de 16 milhões de pessoas na extrema pobreza. O governo discute o dinheiro gasto em infraestrutura e empregos criados em todo o Brasil por causa da Copa do Mundo, que vai beneficiar a população brasileira à longo prazo. Você acredita que o governo está fazendo a coisa certa agora na Copa do Mundo? (Reportagem⁷⁸ “Brasileiros usam arte como protesto”)

⁷⁷ Reportagem “Estádios a menos de 30 dias”. Veiculada em 19 de junho de 2014.

⁷⁸ Reportagem “Brasileiros usam arte como protesto”. Veiculada em 22 de junho de 2014.



Figura 15 – Equipe da CNN fica ferida em protesto em São Paulo
 Fonte: <https://www.youtube.com/user/CNN>

Os problemas causados pelas obras da copa, como aumento nos aluguéis nas cidades sedes e desapropriação de áreas próximas das construções também foram abordados. As pessoas pedem um lar. Uma reportagem mostrou uma ocupação próxima a Arena São Paulo. O Movimento dos trabalhadores sem teto faz mobilizações para receber uma moradia do governo. Outra matéria mostra a realidade dos índios da Tribo Tukano que foram obrigados a deixar a área onde viviam, no Rio de Janeiro, para a construção de uma das obras da Copa, e passaram a viver em um local que serve como centro para o tratamento de leproso. Eles também esperam um lar subsidiado pelo governo. Para Bachelard (1990), a casa é um símbolo de intimidade que representa a proteção. “A casa é um refúgio, um retiro, um centro” (BACHELARD, 1990, p. 80).

Segundo Damatta (1987), o simbolismo da casa é extenso em nossa sociedade.

De casa vem também casamento, casadouro e casal, expressões que denominam um ato relacional plenamente coerente com o espaço da morada e da residência. Por tudo isso, “ser posto para fora de casa” significa algo violento, pois, se estamos expulsos de nossas casas, estamos privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipifica aquilo que chamamos de “amor”, “carinho” e “consideração”. (DAMATTA, 1987, p. 59)

A questão da fraterna hospitalidade do brasileiro foi retratada em diversas reportagens, seja no depoimento de turistas ou na entrevista dada pela

presidente Dilma Rousseff na reportagem⁷⁹ sobre “Como o Brasil lidou na Copa”. Aqui os guias turísticos podem ser chamados de amigos. O projeto “Alugue um amigo local” evidencia que no Brasil, mesmo pagando, os guias podem ser seus amigos. “Há em toda essa cadeia de relacionamentos sociais a premissa profundamente brasileira segundo a qual uma vez que as pessoas estejam posicionadas numa teia de elos pessoais, passam a ser tratadas como amigas” (DAMATTA, 1987, p. 132).

Os estereótipos do país como samba, festa e caipirinha também foram evidenciados. A repórter Shasta Darligton acompanhou os moradores da comunidade de Paraisópolis em São Paulo, enquanto assistiam ao jogo em que o Brasil se classificou para a semifinal. “O lance final do Brasil no coração de Paraisópolis e o samba. Nada mais brasileiro que samba, futebol. E a festa só começou e provavelmente vai até eles trazerem o sexto troféu para casa” (reportagem⁸⁰ “Brasil avança para a semifinal”)



Figura 16 – Repórter da CNN comemora com torcedores a vitória do Brasil nas quartas-de-final
Fonte: <https://www.youtube.com/user/CNN>

O vexame da partida na semifinal da Copa, entre Brasil e Alemanha, que terminou com o inacreditável resultado de 7-1 foi enfatizado pela emissora americana como um pesadelo que destruiu o sonho dos brasileiros de conquistarem o hexacampeonato.

⁷⁹ Reportagem “Como o Brasil lidou com a Copa”. Veiculada em 14 de julho de 2014.

⁸⁰ Reportagem “Brasil avança para a semifinal”. Veiculada em 05 de julho de 2014.

A derrota para a Alemanha, por 7 a 1, no Mineirão marcou o maior revés brasileiro em Copas do Mundo. Na representação, pelos jornais, da eliminação nas semifinais temos escolhas textuais que remetem a sentidos de “vergonha”, “humilhação”, “ódio” e “repulsa”. Na capa de O Globo temos: “Mineiraten’ – Vergonha, vexame, humilhação - Em menos de meia hora Alemanha faz 5 gols e massacra Brasil com placar final de 7x1; seleção sofre em casa a maior derrota da história” (O GLOBO, 09/07/2014, capa). A palavra “Mineiraten” seria um neologismo que faria paridade ao “Maracanazo” de 1950 e serviria para nomear a derrota histórica de 2014. (BRINATI, 2015, p. 214)

Em um balanço da realização da competição no Brasil, foram abordadas as obras que ficaram prontas em cima do prazo, as duas mortes ocorridas devido ao desabamento de um viaduto, uma obra inacabada em Belo Horizonte. Também foi reforçado o investimento multimilionário em estádios construídos em cidades sem tradição no futebol e as situações em que torcedores tentaram invadir o estádio do Maracanã. Apesar disso, a hospitalidade brasileira foi valorizada.

Da Amazônia ao Rio de Janeiro torcedores entusiasmados. Apesar de estádios de última hora, previsões de bravos protestos e caos nos transportes, o Brasil arrancou. E torcedores de todo o mundo aproveitam mais do que bom futebol. Onde quer que eles vão, grandes corações brasileiros fazem eles se sentir não só bem-vindos, mas amados. (Reportagem⁸¹ “Como o Brasil lidou com a Copa do Mundo”)

Isso evidencia a força dos símbolos da intimidade, como a água e a terra, que acabam refletindo nesta proximidade dos brasileiros com as pessoas. Reflete também nesta tão falada hospitalidade.

⁸¹ Reportagem “Como o Brasil lidou com a Copa”. Veiculada em 14 de julho de 2014.

A violência também foi retratada. Torcedores chilenos invadiram e depredaram o centro de imprensa no Maracanã. Também foi mostrada a realidade colombiana. Durante jogos da Copa, houve ocorrências de briga e vandalismo. Quinze pessoas foram mortas e 500 pessoas ficaram feridas em meio as comemorações. O amor pelo futebol é levado ao extremo no país.

Torcedores colombianos podem ser emocionalmente destemidos para a Copa do Mundo. Andrés Escobar, um jogador colombiano que acidentalmente marcou um gol contra na copa de 1994, foi morto na volta ao país, dez dias depois (...) O governo da cidade de Cali postou um vídeo no YouTube chamando as pessoas para manter a paz. Esse vídeo do comediante colombiano Christian Ramirez também se tornou popular nas mídias sociais. “Sem mais gols com morte”, ele diz. “Sem vitórias sangrentas”. Autoridades colombianas baniram a venda de álcool na sexta em diversas cidades incluindo a capital. Também disporem de seis mil policiais e quatro mil soldados para monitorar as áreas onde a violência surgiu no último jogo (reportagem⁸² “Colombia controla as emoções da Copa”)



Figura 19 – Governo colombiano faz campanha para celebrar a paz durante os jogos
 Fonte: <https://www.youtube.com/user/CNN>

Foram mostradas a preparação para os jogos. A preparação do time da Alemanha para a semifinal contra o Brasil foi um dos destaques. Além disso, o uso de aplicativos de relacionamentos por torcedores no Brasil foi tema de reportagem.

Nesses dias qualquer lugar que você olha, é futebol ou devo dizer “soccer”. Quando eles não estão torcendo pelos seus times, parece que muitos torcedores estão procurando por amor. E cada vez mais usando aplicativos de encontros com dados de localização, como Tinder e Badoo. (reportagem “Torcedores procuram por amor online”)

⁸² Reportagem “Colombia controla as emoções”. Veiculada em 04 de julho de 2014.



Figura 23 – Paul, a tartaruga que “adivinha” qual time vai ganhar os jogos
 Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

O imaginário do descobrimento traçado pela primeira vez pelos portugueses em 1500, difundido até hoje, está presente nas reportagens. Na matéria⁸⁴ sobre “Paul, a tartaruga” realizada na Praia do Forte, na Bahia, é notada a valorização da natureza, como fonte de sabedoria, pois o animal tenta adivinhar quem serão os vencedores dos jogos. “E se o sentimento pela natureza é tão duradouro em certas almas é porque, em sua forma original, ele está na origem de todos os sentimentos. É o sentimento filial” (BACHELARD, 1989, p. 119). Também temos a imagem da praia, ligada à água, como símbolo da intimidade e do feminino.



Figura 24 – Praia do Forte, na Bahia.
 Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

⁸⁴ Reportagem Paul, a tartaruga. Veiculada em 12 de junho de 2014.

A praia também aparece em mais cinco reportagens. Como pano de fundo, nas reportagens sobre “Campeão das Embaixadinhas⁸⁵”, “Entrevista⁸⁶ com Eduardo Paes”. Na entrevista com o prefeito do Rio de Janeiro, o tempo todo são abordados os problemas da cidade, mas o cenário é a bela imagem da praia de Copacabana, onde se fundem as não tão belas situações da violência e falta de estrutura, assuntos tratados na entrevista, com a beleza natural do país. Tão belo e com tantos problemas. Paradoxos brasileiros apresentados no VT de forma implícita. Temos problemas, mas vivemos no paraíso.



Figura 25 – Entrevista com Eduardo Paes com a praia de Copacabana de pano de fundo
Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

Na “entrada” ao vivo⁸⁷ sobre a *Fan Fest*, a praia de Copacabana é palco da festa dos turistas, com um ambiente acolhedor e de descontração, onde as pessoas se divertem e fazem novos amigos. Já na reportagem sobre alternativas de hospedagem, a extensão de terra da praia é indicada pela repórter como alternativa para se instalar durante os jogos. A praia, representada pelo símbolo da água, remete aqui ao íntimo. Segundo Bachelard (1989) o mar é um dos mais constantes símbolos maternos. Isso pode ser relacionado com a hospitalidade brasileira, refletida em algumas reportagens. Pelo simbolismo do país estar ligado aos símbolos da intimidade, o Brasil é citado como um país acolhedor. “E torcedores de todo o mundo aproveitam mais do que bom futebol. Onde quer

⁸⁵VT Campeão das Embaixadinhas. Veiculado em 29 de junho de 2014.

⁸⁶ Entrevista com o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. Veiculada em 09 de junho de 2014.

⁸⁷ Vivo Fan Fest. Veiculado em 19 de junho de 2014.

que eles vão, grandes corações brasileiros fazem eles se sentir não só bem-vindos, mas amados” (reportagem⁸⁸ “Como o Brasil lidou com a Copa”).

Esse imaginário presente há mais de 500 anos, é reforçado constantemente, na publicidade e no cinema. O filme “Alô Amigos” da Disney, lançado em 1942, mostra o encontro entre os personagens Pato Donald e Zé Carioca, o malandro brasileiro. Nas cenas ⁸⁹que antecedem este encontro, são mostradas as águas, as árvores e os animais, que se movem ao ritmo da música Aquarela do Brasil. Todos os símbolos são ligados ao imaginário do descobrimento. Isso prova que este imaginário é reforçado constantemente ao longo dos anos.



Figura 26 – Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro.
Fonte: <https://www.youtube.com/user/CNN>

O imaginário da violência está presente em cinco reportagens. No VT “Tour pela Favela⁹⁰”, o guia turístico dá um importante recado aos turistas. “Nós não roubamos *Ipshones* aqui. Aqui, apesar de ser uma favela, é um dos lugares que me sinto mais seguro”, diz o guia turístico da favela da Rocinha. A sonora⁹¹ revela que apesar das comunidades terem uma imagem ligada à pobreza e violência, lá é um dos locais mais seguros para estar.

Nas duas reportagens sobre um protesto em São Paulo, uma da CNN e outra da BBC, é ressaltada a violência praticada pelos policiais. Eles, que

⁸⁸ Reportagem “Como o Brasil lidou com a Copa”. Veiculada em 14 de julho de 2014.

⁸⁹ Site Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CODjUu0Y6vs>. Acesso em 11 de outubro de 2016.

⁹⁰ Reportagem da CNN “Tour pela Favela”. Veiculada em 02 de julho de 2014.

⁹¹ Sonora – termo que se usa para designar uma fala da entrevista. (PATERNOSTRO, 2006, p. 220)

deveriam proteger a população, acabam também cometendo crimes, agredindo e executando atos de violência, como o incidente que aconteceu com a repórter da CNN, que acabou ferida no protesto. Segundo Durand (2002), isso pode ser considerado um processo de inversão.

Poder-se-ia definir uma tal inversão eufemizante como um processo de dupla negação. Processo de que tínhamos encontrado os pródromos a propósito da dialética do atamento e do personagem atador atado. Processo revelado por numerosas lendas e contos populares onde aparece o ladrão roubado, o enganador enganado, etc. (DURAND, 2002, p. 203)

Quem deveria proteger e zelar pelo bem estar da população, comete ele próprio atos violentos. Agride o agressor. Não dá o exemplo. A inversão dos papéis aqui está totalmente presente. O manifestante que coloca fogo em materiais no meio da rua, acaba levando bombas de efeito moral. A imprensa que está fazendo o seu trabalho ao redor também sofre as consequências. Como ter confiança de sair às ruas em um país onde a polícia se empenha mais em prender manifestantes em vez de ir atrás de criminosos? Policiais estes que recebem ordens de políticos da secretaria de segurança.

O imaginário da violência está presente até na reportagem sobre os índios da tribo Tukano. Eles revelaram que foram despejados da terra onde moravam à força pela polícia. Mais uma vez a polícia aparece não sendo usada para a sua função primordial, de assegurar a segurança. O trabalho dos policiais é usado para fins políticos.

Na entrevista com Eduardo Paes, o repórter perguntou sobre roubos de carteira e colares no Rio de Janeiro. Tudo isso evidencia a força desse imaginário no Brasil. A violência acaba sendo cometida até por quem se espera combatê-la. Deve-se temer ao andar nas ruas, ao lutar pelos seus direitos, ao trabalhar cobrindo as manifestações, no caso de jornalistas. Também deve-se ter medo de morar em áreas de interesse público. Violência e medo andam juntas.

O jeitinho brasileiro foi evidenciado, principalmente, na reportagem sobre a escada ⁹²temporária da BBC. O repórter da emissora mostrou a precariedade

⁹² Reportagem BBC "Escada temporária". Veiculada em 17 de junho de 2014.

da estrutura construída com andaimes e calçada com pedaços de madeira e partes “remendadas”, uma verdadeira gambiarra que, com certeza, não era totalmente segura, pois enquanto as pessoas subiam os degraus, a escada se movia. Em vez da organização do evento construir uma escada, fez essa “estrutura” temporária de qualquer jeito, arriscando a vida dos torcedores. Assim esta “forma brasileira de se levar a vida” é vista pelo seu lado negativo, de dar um “jeito” nos problemas em vez de solucioná-los da forma mais correta possível.



Figura 27 – Escada improvisada no Estádio Maracanã.
Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

A reportagem “Alternativa⁹³ de Hospedagem para Turistas” mostra os moradores das comunidades indo morar nos barracos de familiares para transformarem as suas casas em albergue para hospedar os torcedores. Assim, moradores da favela Santa Marta lucraram até 100 reais por pessoa hospedada durante a Copa. O trabalho informal também é um “jeito” de ganhar o pão de cada dia.

No VT sobre os índios despejados, os indígenas, que moravam próximo ao estádio Maracanã e foram removidos, contaram que apesar dos transtornos, aproveitaram a Copa para vender artesanato para os turistas. Já na comunidade de Paraisópolis, em São Paulo, como os moradores não têm dinheiro para comprar um ingresso para assistir aos jogos, então eles se reúnem na associação de mulheres da comunidade para torcerem unidos e comemorar com samba e churrasco. O movimento dos trabalhadores sem teto também

⁹³ Reportagem BBC “Alternativa de hospedagem para turistas”. Veiculada em 17 de junho de 2014.

aproveitou a visibilidade alcançada no período do evento na imprensa internacional para pedir casas ao governo.

Em todas essas situações, podemos perceber o jeitinho brasileiro sendo colocado em prática. Seja de forma positiva ou negativa. Na gambiarra e na forma de se “virar” para sobreviver, de complementar a renda, de criar alternativas para se divertir com o pouco que tem.

O imaginário do futebol está presente em oito reportagens. No VT sobre projeto social de futebol, são mostrados garotos que sonham em se tornar jogadores profissionais.

De acordo com a Universidade do Futebol, um grupo que promove o esporte no Brasil, para cada criança que atinge o nível profissional, em torno de seis mil não conseguem. Um caçador de talentos diz que é importante focar no comportamento fora dos gramados, tanto quanto os conhecimentos de futebol da criança. (reportagem⁹⁴ CNN “Jovens brasileiros, grandes sonhos”)



Figura 28 – Rostos de jogadores esculpido em melancias.
Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

Na reportagem sobre o Maracanã⁹⁵, o local foi divulgado como a casa das novas gerações, como um templo do futebol. Em um hotel do Rio de Janeiro, um *chef* esculpe rostos de jogadores, como Neymar, em melancias. A tartaruga Paul adivinha quem será o ganhador dos jogos. E o ex-jogador Carlos Alberto enfatiza que só a conquista da Copa pela Brasil é que vale, o segundo ou o terceiro lugar

⁹⁴ Reportagem CNN “Jovens brasileiros, grandes sonhos”. Veiculada em 11 de julho de 2014.

⁹⁵ Reportagem CNN “Maracanã, a casa do futebol”. Veiculada em 06 de junho de 2014.

no campeonato não tem importância. O campeão de embaixadinhos mostra toda a agilidade em frente à praia de Copacabana. O balanço feito pela repórter Shasta Darlington, trinta dias antes do evento, mostrou que muito dinheiro foi gasto em estádios em locais sem tradição de futebol, sem um único time na primeira divisão de campeonatos, como Brasília e Manaus.

A humilhação dos 7 a 1 chocou os brasileiros e a imprensa internacional. O futebol é um traço importante do imaginário e dos brasileiros.

O futebol seria popular no Brasil porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos. Numa sociedade internamente dividida em múltiplas esferas, cada qual com uma ética diferenciada, e até mesmo opostas (embora complementares entre si), instituições que permitem essas junções da casa com a rua, do cidadão com o pai de família, do membro do governo com a massa de pessoas da cidade, dos deuses que tudo sabem e podem com os homens que pedem aqui em baixo, são instituições fadadas ao sucesso e a servir como meios privilegiados pelos quais a vida se define com sua força e sua plenitude em sociedades como a brasileira. Se tudo, então, conduz à divisão do universo social no cotidiano, carnaval, futebol e as festas em geral juntam todas as coisas, permitindo, por um momento, ver o mundo repartido por meio de "escolhas", desempenhos e leis universais. No futebol, pois, somos também conduzidos ao reino da igualdade e da justiça social. (DAMATTA, 1982, p. 41)



Figura 29 – Torcedores festejam na *Fan Fest*.
Fonte: <https://www.youtube.com/user/CNN>

A caipirinha e o samba foram tema de três reportagens das emissoras. A equipe da BBC foi até a favela Santa Marta aprender a fazer a mistura de cachaça com limão e açúcar. Já a CNN, mostrou uma receita de feijoada e também falou das bebidas brasileiras. Na festa em Paraisópolis, a repórter Shasta Darlington caiu no samba com os moradores na vitória do Brasil nas quartas-de-final. Lembrando, que no filme da Disney “Alô amigos” (1942), Zé

Carioca leva o pato Donald para um bar e apresenta ao personagem o samba e a cachaça. Isso evidencia que este imaginário da festa também permanece há muitos anos e continua a ser propagado. Os estereótipos são frequentemente reforçados.



Figura 30 – Caipirinha, a bebida brasileira
Fonte: <https://www.youtube.com/user/CNN>

A teoria da falta, citada por Silva (1996) está presente na maioria das 51 reportagens. Os VTs revelam que faltam organização, infraestrutura, moradia, saneamento básico, investimentos nas grandes demandas sociais, oportunidades para todos, distribuição de renda, segurança, alternativas baratas para abrigar os turistas. A lista de demandas do país feita pelas emissoras é grande. Os problemas são constantemente declarados.



Figura 31 – Problemas que o país enfrenta apontados pela BBC. Ao fundo, imagem da praia de Ipanema, no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://www.youtube.com/user/bbcnews>

O mito do futuro deu lugar ao mito da mudança. Não se espera mais um futuro promissor. Vivemos o “futuro” hoje. Segundo as emissoras analisadas, o presente é repleto de problemas, de faltas, de desorganização. Os protestos nas ruas com confronto com policiais e as manifestações pacíficas nas ruas ou muros de bairros e favelas evidenciam que há uma parcela da população insatisfeita com o que vivemos no presente. Não se espera mais um futuro promissor, só a mudança do que se vive hoje.

A pesquisa⁹⁶ “O Jovem Brasileiro e o Futuro do País” realizada pelo núcleo de tendências e pesquisa do Espaço Experiência da Famecos/PUCRS, coordenada pelo professor Ilton Teitelbaum, buscou identificar o comportamento e expectativas do jovem brasileiro em relação ao seu futuro e ao país que deseja construir. A amostra da pesquisa foi de 1700 jovens das cinco regiões brasileiras. Entre os resultados do estudo, foi revelado que a maioria dos jovens não sente orgulho em ser brasileiro. Acredita que os aspectos negativos se sobrepõem aos positivos.

Para os jovens que participaram da pesquisa, os aspectos positivos do país são a riqueza cultural (música, gastronomia, costumes), o modo carismático do povo e sua receptividade e a forma de fazer acontecer. Também foram considerados importantes os movimentos de inclusão social, como Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), Programa Universidade Para Todos (ProUni) e Bolsa Família.

Já os pontos negativos seriam a má administração do país, a baixa qualidade de vida, através dos sistemas de saúde, educação política e segurança precários. A corrupção em pequena e grande escala e o modo de ser das pessoas. O brasileiro seria um povo trapaceiro, individualista e acomodado.

Até agora, já podemos identificar quase todos os imaginários traçados neste trabalho na pesquisa realizada pela Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. Os imaginários da festa (riqueza cultural), da violência e principalmente o jeitinho (modo de ser das pessoas). Quando os jovens dizem que não têm orgulho do Brasil, é rerepresentado o complexo de vira-lata de Rodrigues (2013) e a Teoria da Falta de Silva (1996).

⁹⁶ Portal G1. Disponível em <http://estaticog1.globo.com/2016/10/02/projeto-18-34-edicao-futuro-020916.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

Os jovens admiram países como os escandinavos (Dinamarca, Suécia, Noruega), os Estados Unidos (pela inovação) e o Japão (pelo desenvolvimento tecnológico). Parte dos entrevistados (quase 40%) tem interesse em sair do país em busca de oportunidades não oferecidas no Brasil.

Também percebemos nesta pesquisa o mito da mudança de maneira significativa. Esses jovens querem um país com mais oportunidades de desenvolvimento econômico, intelectual e tecnológico. Almejam uma nação mais igualitária e consciente, um país livre de corrupção e com mais investimentos em questões básicas, como saúde, educação e segurança.

Neste sentido, a maioria dos jovens considera possível a transformação do Brasil: – Eles têm consciência, entretanto, de que a mudança exige tempo e esforço de ambas as partes, tanto do governo (reforma política) quanto da população (na própria atitude). Acreditam que, apostando na educação das próximas gerações, haverá mudança no pensamento corrupto enraizado na sociedade. Surge a ideia de que é papel exclusivo dos governantes pensar em soluções para a situação atual do país. Os jovens acreditam que, para recomeçar, devem ser priorizadas a educação de base, a saúde e a segurança: – Através do investimento no ambiente escolar, em novos métodos de ensino, os jovens creem em uma nação com mais respeito e empatia; buscando a conscientização da sociedade sobre seus direitos e deveres. Outro ponto levantado, essencial para a mudança, é relacionado à política: – Os entrevistados revelam que os políticos deveriam assumir o cargo por vontade própria de mudança, a fim de representar os ideais do povo, e não apenas pelo interesse no retorno financeiro. (site⁹⁷ pesquisa, p. 47 e 48)

O discurso da mudança é o determinante neste contexto do país. Como enfatizado por Buarque (2013), espera-se uma modificação no nosso modo de vida. Há esperança pela reforma política, por uma mudança de direção do país. Esse mito está presente, pulsa na “boca” dos jovens, é tema de slogans políticos.

O corpus deste trabalho é composto por dois telejornais de duas emissoras com suas diferentes ideologias e forma de fazer jornalismo. Houve algumas diferenças entre as coberturas das emissoras. A BBC mostrou mais os problemas que o país enfrenta, a falta de infraestrutura para sediar os jogos. Já a CNN focou na desorganização, a falta de priorização dos investimentos e a função dos legados da Copa.

A CNN, por ser uma emissora privada, que depende da audiência para obter verba publicitária, tem um apelo maior. A emissora deu um enfoque mais pessimista à organização do evento. Abordou o atraso nas obras, o destino dos

⁹⁷ Portal G1. Disponível em <http://estaticog1.globo.com/2016/10/02/projeto-18-34-edicao-futuro-020916.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

estádios em locais sem tradição para o futebol. Deu destaque para o incidente em que a repórter Shasta Darlington e uma produtora ficaram feridas em um protesto em São Paulo. Também abordou a falta de saneamento nas favelas.

A emissora norte-americana evidenciou a desorganização e a falta de capacidade do Brasil sediar o evento. Esse foi o tema principal da cobertura. Foram mostradas as obras sem real necessidade de serem feitas, os gastos públicos. O segundo assunto que prenominou nas reportagens foi a violência, por parte da polícia nos protestos ou de torcedores nos estádios. Os protestos foram o terceiro tema mais discutido nas reportagens. E o quarto assunto mais abordado foi a favela, as condições dessas moradias irregulares e os modos de vida nesses locais.

Já a BBC apresentou os aspectos naturais e esportivo dos país. Mostrou a tartaruga que adivinha quem vai ganhar os jogos, o campeão de embaixadinhas e as previsões do ex-jogador da seleção brasileira de futebol, Carlos Alberto e a humilhação do 7 a 1 contra a Alemanha. Por outro lado, abordou a violência em entrevista com o prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes e a precariedade das obras, evidenciando a gambiarra feita na escada de andaimes do Maracanã.

A temática mais veiculada pela BBC foram os protestos. De forma pacífica até as manifestações com prisões foram mostradas. O segundo tema abordado foram as curiosidades, como receita de caipirinha e a história da tartaruga que adivinha os jogadores da Copa. Em terceiro foi abordado a desorganização do evento, como a falta de cuidado com as instalações e obras, e a insatisfação dos brasileiros com a organização da Copa, com o dinheiro gasto no evento, que poderia ser direcionado para áreas que necessitam no país, como saúde e educação.

Os símbolos que mais “apareceram” nas reportagens das duas emissoras foram Protesto e Rio. As matérias da BBC deram ênfase aos símbolos Rua, Problema, Pior e Manifestantes. Já a CNN deu maior destaque aos símbolos Favela, Casa e Pobre. Com isso, podemos entender que a emissora britânica teve um enfoque no mito da mudança, mostrando a rua, como um lugar de fala, de reivindicação, e os manifestantes, como pessoas que querem os seus direitos garantidos. E falou dos problemas e do lado negativo da expressão “pior”, trazendo à tona a teoria da falta.

A emissora norte-americana dinamizou mais símbolos que determinam o subdesenvolvimento do país. A favela, a casa e o pobre mostram a total evidência da teoria da falta. Do país sendo visto pelos seus aspectos negativos, pelo que precisa ser superado. Pelo medo da violência, da falta de saneamento nas comunidades, e da casa que falta a tantos brasileiros.

Os imaginários ligados ao Brasil remetem a esses símbolos. Nessa cobertura, identificamos os cinco imaginários já traçados pelo referencial teórico, mas os símbolos trouxeram novos olhares para esses espíritos brasileiros. Os temas redundantes também estão ligados aos imaginários destacados. Como já era esperado o futebol foi o tema mais abordado entre as emissoras. Tanto que separamos o conteúdo que falava especificamente do Brasil, com outros assuntos variados.

A partir dessa mitocrítica, foi possível abordar o imaginário coletivo dinamizado pela televisão internacional. Foram evidenciados os temas redundantes, através dos símbolos e imaginários presentes nas reportagens. Estereótipos foram reforçados, símbolos presentes desde o descobrimento do país foram evidenciados. Respondendo à questão inicial de qual seria o imaginário do país dinamizado pela televisão internacional: Ele não existe. Não há apenas um imaginário capaz de resumir todas as características do país. A complexidade da realidade vivida pelo Brasil reflete em inúmeros imaginários.

Com a delimitação proposta, foi possível traçar os imaginários presentes no referencial teórico e identifica-los no corpus. Cada imaginário é representado por diversos símbolos que puderam ser desvelados no conteúdo das reportagens. Esses símbolos que revelam a epifania de um mistério de Durand e que implicam em algo além do seu significado manifesto, como defendido por Jung.

Esses imaginários evidenciados no conteúdo pesquisado se referem a um período específico do tempo, a Copa de 2014. E esses espíritos do tempo foram vistos a partir das lentes dos jornalistas das emissoras analisadas. Esse imaginário não é neutro. Como foi explicado nos primeiros capítulos, há uma troca entre o imaginário do homem e do meio. Dos veículos com as experiências de cada repórter, com os valores de cada um, com o ideal de jornalismo de cada emissora. E esses imaginários foram traçados por uma pesquisadora, envolvida com um referencial teórico específico.

Neste trabalho, o imaginário do Brasil foi desvelado em suas dualidades. O país belo, privilegiado pela natureza, criatividade e calor humano, e a nação falida de perspectivas, desmotivada pela falta de políticas públicas eficazes, pela violência e pela falta de oportunidades para uma parcela da juventude que ainda vê no futebol uma saída para um futuro melhor. A Copa do Mundo evidenciou o amor brasileiro pelo esporte, fato já conhecido por todos, mas mostrou ao mundo um pouco do cotidiano do país e suas crenças, faltas e desafios. Apesar de ter exacerbados alguns estereótipos e problemas enfrentados, ainda assim o país ganha com a exposição do olhar do outro sobre a nossa cultura. Somos conhecidos pelo que temos de melhor e de pior. Nada é perfeito e nunca será. Se nos reconhecemos pelo olhar do outro, como diz Sartre, é preciso admitir nossos erros e fraquezas e potencializar o que temos de bom. Assim será possível construir um país melhor.

6 Considerações Finais

O imaginário é real. Está presente no inconsciente, no cotidiano e no jornalismo. Nos faz agir e une. É uma relação entre o homem e a sociedade. A troca entre as pulsões subjetivas e objetivas. O diferencial deste trabalho foi destacar e dar nome aos imaginários relacionados ao Brasil, descritos por diversos autores e reforçados nas reportagens do corpus. O país é envolvido por diferentes imaginários, formados ao longo do tempo, que se somam e traduzem o sentimento e espírito brasileiro. A diversidade brasileira está expressa em inúmeros imaginários. Neste trabalho, foram traçados cinco, que podem contribuir para novos trabalhos que possam ser feitos sobre a temática. E foi destacado um novo mito, que seria a narrativa atual da sociedade brasileira.

Esses imaginários foram desvelados a partir das reportagens dos telejornais *CNN Newsroom* e *BBC News*, aqui vistos como tecnologias do imaginário. A televisão e o jornalismo dinamizam visões de mundo, sentimentos e sensações. Têm o papel de laço social, informam sem distinções. O telejornalismo passou a ser visto através das telas do celular e de computadores. O conteúdo do aparelho de TV passou a ser armazenado na internet. Assim, se popularizando e diversificando as formas de acesso. Não é necessário mais ligar a televisão no horário do telejornal. É possível acessar o seu conteúdo horas depois de ser veiculado. O imaginário é dinamizado em diversas tecnologias, que compartilham ideias em conjunto e se somam ao imaginário dos telespectadores.

Esta dissertação demonstra que o conteúdo da televisão está repleto de mitos e símbolos, contrariando a crença de Gilbert Durand, que acreditava que as imagens televisivas eram “enlatadas”, sem valor simbólico. O telejornalismo é um dinamizador de imaginários. Reforça estereótipos e reafirma imaginários existentes. Depois de décadas sendo “demonizada”, como critica Lipovetsky, pode-se perceber que a TV traz uma força simbólica que deve ser valorizada. Os telejornais contribuem para a formação de imaginários, claro que estes passam pelos valores e sensações de cada indivíduo que os interpreta e usa seu livre arbítrio para aceitá-los ou não. “Manipulamos os nossos manipuladores”, como diria Silva. As imagens dos telejornais não apenas ilustram as pautas, mas estão carregadas de sentido.

O telejornalismo dinamiza o simbólico, mesmo tendo um tempo reduzido, entre um minuto e meio ou dois minutos em média, para falar sobre um assunto. Por essa pouca disponibilidade de tempo, os estereótipos são constantemente reforçados. Serve para fazer uma “economia” do pensamento, pois há muita informação, como enfatizado por Joron. O simbólico das reportagens foi desvelado através de uma adaptação da mitocrítica, metodologia elaborada por Gilbert Durand. Com certeza, foi a escolha certa para a análise pretendida. Com este método é possível dar destaque aos símbolos, que foram apresentados através de constelações de imagens, ou conjuntos simbólicos, representados com uma nuvem de palavras. Desta forma, os símbolos ficaram “visíveis” e puderam ser interpretados a partir do referencial teórico.

Desvelar o simbólico não foi tarefa fácil. Entre os questionamentos da autora, estes foram os cruciais: Como evidenciar a epifania de um mistério? Se é um mistério, como desvendá-lo? Como encontrar um sentido para sempre abstrato? Como mostrar o sentido daquilo que é além do que se vê? Foram muitas perguntas, muitas ainda sem resposta. A metodologia de Durand mostrou o caminho. Foram feitas as adaptações pertinentes às peculiaridades deste trabalho. Através do referencial teórico foi possível interpretar esses símbolos e fazer a ligação com os imaginários traçados. O desafio dos estudos do imaginário é compreender o que não é palpável, o que não pode ser visto, mas apenas sentido. Esta com certeza é a mais árdua tarefa de quem se atreve a se pautar pela Teoria Geral do Imaginário.

Outra dificuldade enfrentada foi na parte “operacional”, na transcrição das reportagens. A autora transcreveu o conteúdo de 51 reportagens em língua inglesa e fez a tradução em português. Em algumas reportagens, como uma delas feita no Paquistão e outra na Índia, o sotaque dos repórteres e dos entrevistados acabou dificultando o processo. Assim, cada reportagem foi analisada inúmeras vezes até se obter um resultado satisfatório. Espera-se que o trabalho tenha apresentado o mais próximo do real sentido do que foi dito.

O jornalismo internacional mostra, através do olhar do outro, diferentes culturas e modos de vida. Apresenta para as pessoas um novo mundo, sem sair de casa. A função desta prática é evidenciar que existe muito além do que podemos vivenciar no dia a dia, novas paisagens, diferentes costumes, formas

distintas do vivido. Apesar disso, o olhar para o outro exige comedimento. Sempre há o risco de tocar na “ferida” do outro, apontar o dedo para os defeitos, sem reconhecer que no mundo daquele que julga, também há falhas. A verdadeira relação com o diferente exige discernimento para entender distintos modos de vida. Deve haver um olhar atento para o que não é seu, em que não se vive a totalidade do cotidiano.

A alteridade demanda a sensibilidade. A empatia de perceber o estranhamento e não provocar a repulsa, o pânico, o preconceito. É difícil perceber o outro sem as lentes dos estereótipos constantemente reforçados. É complicado compreender que o lugar que precisa ser descrito, se desenvolveu de uma forma diferente do nosso mundo e por isso tem uma outra realidade, difícil de ser comparada.

Ninguém é igual. Cada ser humano que habita o mundo, tem as suas próprias crenças e modos de enxergar a realidade. Por isso, não se pode equiparar culturas e características sociais. Somos únicos, cada cultura é singular. “Mas o brasileiro não se parece com ninguém, nem com o sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionar e criador: a molecagem” (RODRIGUES, 2012, p. 44). Essa molecagem, descrita por Nelson Rodrigues, está relacionada com o imaginário do futebol e o imaginário do malandro.

O modo brasileiro de viver a vida é particular. Apesar dos inúmeros problemas enfrentados no cotidiano, somos contagiados pelo imaginário da festa, que está relacionado com os imaginários do futebol e do jeitinho. Comemoramos, vibramos, nos emocionamos com tudo, principalmente com o futebol.

Se o governo não nos dá alternativas, criamos nós mesmos. Se não temos dinheiro, arrumamos um “bico”, fazemos artesanato, moramos no vizinho e colocamos a casa para alugar. Tudo isso foi feito pelos personagens (conhecidos como *cases*, no telejornalismo) das reportagens analisadas. E evidencia que o jeitinho não é só negativo, não mostra só uma forma de burlar a lei descrita por Damatta. O jeitinho brasileiro é uma forma de viver, de superar os problemas, é a exacerbação da criatividade.

Mas como nada é perfeito, o jeitinho também é aliado da preguiça e da ineficiência. Se o governo não é capaz de fazer uma construção decente, é feita uma gambiarra, como aconteceu com a escada improvisada do Maracanã durante a Copa. Também se precisa de uma área para novos empreendimentos, não importa se índios precisarão ser despejados. Com o objetivo de ter um desenvolvimento sem avaliar os prejuízos, são desvalorizadas as raízes. Quem realmente são os “donos” da terra são deixados de lado.

O imaginário da violência resalta uma das nossas maiores deficiências, ter uma política eficaz de segurança. O medo alimenta o imaginário de grande parte dos 200 milhões de habitantes do Brasil. A insegurança vende jornal, ajuda a impulsionar os telespectadores a assistirem conteúdos desta temática. A mídia internacional se aproveita disso. Vende o nosso maior defeito e dinamiza o nosso imaginário menos glorioso. É o medo dos assaltantes, da polícia, de sair na rua à noite. O terror está presente diariamente.

O imaginário do descobrimento, presente há mais de quinhentos anos, ainda pulsa. Contrariando a previsão de duração do imaginário, de uma média de 150 anos, por Gilbert Durand, os símbolos deste espírito brasileiro ainda permanecem. Isso representa a força deste imaginário que já está impregnado no inconsciente. As praias, águas, paisagens paradisíacas, a valorização das belas mulheres e da natureza são as características desse imaginário. Nas reportagens da BBC e CNN, foram percebidos esses símbolos, que ainda marcam o pensamento estrangeiro.

Entre os estereótipos brasileiros está o de país do carnaval. Aquela celebração realizada 47 dias antes da páscoa, exerce um fascínio ao outro, que nenhuma outra característica do cotidiano brasileiro é capaz. Esse clichê marcado na imagem do país está ligado ao imaginário da festa. Povo festeiro e animado que se embala ao som de samba. Este imaginário está ligado à ideia do jeitinho e do futebol. Todos esses imaginários eles são interligados e transitam em diversos períodos da história.

Apesar das diferenças entre as ideologias das emissoras, pode-se perceber uma homogeneidade dos imaginários e símbolos. A CNN apresentou um conteúdo que privilegiou a desconfiança na incapacidade do país sediar o evento. Esse foi o principal tema abordado. A violência e os protestos foram outras pautas destacadas. A emissora norte-americana dinamizou mais

símbolos que remetem ao subdesenvolvimento do país. A favela, a casa e o pobre receberam destaque. Assim, foi reforçada a teoria da falta. O país acabou sendo visto pelos seus aspectos negativos.

A BBC priorizou a temáticas dos protestos. Também investiu em reportagens sobre as curiosidades, desorganização do evento e insatisfação dos brasileiros com a realização do mundial. Os símbolos que foram mais reforçados foram Rua, Problema, Pior e Manifestantes. Com isso, a TV britânica deu um maior enfoque no mito da mudança, evidenciando a rua como um lugar de reivindicação e de busca por novas perspectivas.

Como conteúdo jornalístico deixou a desejar pelo reforço de estereótipos, superficialidade e confirmação da imagem crítica sobre o Brasil. Apesar de ser um material com pouco tempo de duração, entre dois e três minutos, poderia incluir outros aspectos do Brasil, que é um país com uma realidade complexa que não pode ser reduzida a uma abordagem rasa. Ainda há um longo caminho para aprimorar o enfoque das reportagens dos telejornais analisados.

A Copa do Mundo de 2014 da FIFA demonstrou a força do imaginário do futebol no Brasil. Desta vez, o evento ajudou a impulsionar as manifestações. Jovens foram às ruas. Reclamaram do preço da passagem, da corrupção, do investimento no mundial, que poderia ser direcionado para áreas como saúde e educação, tão precárias no país. As reportagens da CNN e BBC deram espaço para algumas minorias, que lutam pelos seus direitos. O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto e a tribo Tukano. Os dois grupos querendo uma casa, um lar. Sendo este um símbolo da intimidade, que remete à volta a mãe. O Brasil está repleto destes símbolos, como a água e a terra. A água, que seria a mãe que nos embala, segundo Bachelard, é um deles. O país que detém a maior reserva de água doce do mundo não tem como se desconectar deste símbolo, também ligado à praia e ao mar.

A abundância de símbolos da intimidade integrando o imaginário brasileiro pode estar ligada à ideia de povo hospitaleiro, receptivo. Isto foi mencionado por turistas nas reportagens das emissoras analisadas. A CNN enfatizou que no Brasil os visitantes se sentiram além de bem recebidos, amados. No filme da Disney *Alô Amigos*, de 1942, o Zé Carioca que recém conhece o Pato Donald cumprimenta o personagem de uma forma bem amigável. “Venha me dar um abraço, um mesmo daqueles, um quebra costelas, um bem carioca, bem amigo,

seja bem-vindo meu caro⁹⁸". Esses símbolos são dinamizados constantemente e são inerentes ao espírito do Brasil.

Ao longo das leituras feitas durante quase dois anos, foi percebida a alternância de mitos. Zweig trouxe à tona o mito do futuro. O país seria a promessa de desenvolvimento e de exemplo mundial. Com o passar do tempo, Silva mostrou que o futuro deu lugar ao presente. Mas como ele mesmo destaca no último parágrafo da sua tese "Mudar o Brasil continua ser a tarefa essencial" (SILVA, 1996, p. 269). Assim, hoje vivemos o mito da mudança. É preciso mudar a realidade, renovar as políticas públicas, realizar uma reforma política, rever os investimentos, valorizar a educação, melhorar a gestão do país, a distribuição de renda e a vida dos brasileiros. Os protestos um ano antes da Copa e durante o evento mostraram a insatisfação e a busca por uma realidade melhor, por um novo caminho.

Enquanto a mudança não chega, continuamos a ser o país do futebol, das belezas naturais, da festa, da violência, do jeitinho e da malandragem. Pelo menos esse é o olhar do outro. De quem nos olha de longe e não vive o cotidiano do Brasil de longa data, como qualquer brasileiro. A Copa do Mundo de 2014 deu visibilidade ao país, ao nosso modo de vida e aos problemas. O futebol deu uma chance ao mundo para olhar novamente para o Brasil, com olhos atentos, nem que seja por trinta dias.

Nesta pesquisa observamos o olhar do outro através das lentes da teoria do imaginário, do simbólico e do sensível. As reportagens foram realizadas a partir dos valores de cada emissora. A pesquisadora se embasou em um determinado referencial teórico. Tudo isso pode induzir os resultados. Mas esse é o preço das escolhas que fazemos e faz parte da vida acadêmica. Ainda há um grande caminho para entendermos com complexidade todas as nuances do nosso país.

Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante. E justiça se faça ao escreto: - é ele que está promovendo, quem está anunciando o Brasil. (RODRIGUES, 2013, p. 23)

⁹⁸ Filme Alô Amigos. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=CODjUu0Y6vs>>. Acesso em 16 de outubro de 2016.

Que a mudança venha e traga uma nova perspectiva para todos os brasileiros.

7 Referências

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo Internacional em Redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **O ar e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**. Ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Tela Total**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECHTEREV, Wladimir. **La Psicologia Objetiva**. Buenos Aires: Paidós, 1953.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRASIL, Antonio. **Telejornalismo Imaginário**. Memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. **A construção da imagem do Brasil no exterior**: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. Revista Famecos: Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp. 775-194, setembro/dezembro, 2012.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten**: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Comunicação Social, 2015.

BUARQUE, Daniel. **Brazil: Um país do presente**. São Paulo: Alameda, 2013.

CABRAL, Cid Pinheiro; OSTERMANN, Ruy Carlos. **O admirável futebol brasileiro**. Porto Alegre: Gaúcha Gráfica e Editora, 1970.

CASCUDO, Luis da Camara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo: Itatiaia, 1983.

CATTANI, Antonio David. **E depois?** In: #protestos. Análises das Ciências Sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **A casa & a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, Malandros e Heróis**: Para uma sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

DAMO, Arlei Sander. **A Copa das Manifestações**. In: #protestos. Análises das Ciências Sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto: 1997.

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS. **Um esboço da História Americana**. Escritório de Assuntos Públicos, 2012. Disponível em: http://photos.state.gov/libraries/amgov/30145/publications-portuguese/OutlineofUSHistory_Portuguese.pdf

DURAND, Gilbert. **A imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. **De La Mitocrítica Al Mitoanálisis**. Figuras míticas y aspectos de la obra. Barcelona: Anthropos, 2013.

_____. **Mitos y Sociedades**. Introducción a La Mitodología. 1ed. - Buenos Aires: Biblos, 2003.

_____. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem: Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

_____. **Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica**. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo : USP, v. 11, n. 1-2, 1985. p. 243-273. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33348>>

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O Mito do Eterno Retorno**. Lisboa: Edições 70, 1985

FERNANDEZ, Dominique. **O Ouro dos Trópicos**. Passeios pelo Portugal e Brasil Barrocos. Porto Alegre: Sulina, 1996.

FEYERABEND, Paul. **Adeus à Razão**. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. **Contra o Método**. São Paulo: UNESP, 2007.

GILARDI, Juan José Torres. **1950: o olhar da imprensa**. Revista Contemporânea, n.10, UERJ, 2008/1. Disponível em <
http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_10/contemporanea_n10_juan_gilardi.pdf>

GLANVILLE, Brian. **O Brasil na Copa do Mundo**. Rio de Janeiro: Cia. Gráfica Lux, 1973.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

IMBERT, Gérard. **El transformismo televisivo**. Postelevisión e Imaginarios Sociales. Madrid: Cátedra, 2008.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

JOHNSON, Steven. **Tudo que é ruim é bom para você**. Como os games e a TV nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

JORON, Philippe. **A sacralização do cotidiano na mídia**. Revista contemporânea, Rio de Janeiro, nº11, p. 16-27, 2008/2.

_____. **A telerrealidade da violência no cotidiano**. Sessões do Imaginário, Porto Alegre, v, 18, n. 30, p. 155-158, ago. 2013.

_____. **Entrevista concedida à autora durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS**, em 16 novembro de 2015.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **O Homem e Seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. **Arquétipos e Inconsciente Colectivo**. Buenos Aires: Paidós, 1970.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2014.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A Melhor TV do Mundo: O Modelo Britânico de Televisão**. São Paulo: Summus, 1997. 107p.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno, TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

_____. **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1955.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da Cultura Liberal: ética, mídia e empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **Entrevista concedida à autora durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS**, em 16 novembro de 2015. Tradução de Juremir Machado da Silva.

MAFFESOLI, Michel. **O Imaginário é uma Realidade (entrevista)**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v, 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MORIN, Edgar. **O Método 3. O Conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

NEUSTADT, Mônica Nunes. **A favela como lugar**. A representação da comunidade no curta Acende a Luz. Revista Mídia e Cotidiano, Rio de Janeiro, nº 2, p. 124-138, jun. 2013.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. 5ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV**. Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro, Elsevier, 2006.

PITTA, Gabrielle Perin Rocha. **Diversidade cultural brasileira e a teoria sobre o imaginário de Gilbert Durand: correspondências e derivações**. Anais do Congresso Internacional do Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire. Porto Alegre, 2015.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROHTER, Larry. **Deu no New York Times**. O Brasil segundo a ótica de um repórter do jornal mais influente do mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. **O dia em que adiaram o carnaval**. Política Externa e a Construção do Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Anjos da Perdição**. Futuro e Presente na Cultura Brasileira. Porto Alegre: Sulina, 1996.

_____. **O que pesquisar quer dizer.** Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SILVA, Marcelo Kunrath. **#vemprarua: o ciclo de protestos de 2013 como expressão de um novo padrão de mobilização contestatória?** In: #protestos. Análises das Ciências Sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Televisão e Psicanálise.** São Paulo: Ática, 1987.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Seja o Primeiro a Saber: A CNN e a Globalização da Informação.** São Paulo: Summus, 2005.

TACUSSEL, Patrick. **Entrevista concedida à autora durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS,** em 17 novembro de 2015. Tradução de Roberta Simon e Bruno Maya.

TICHI, Cecelia. **Electronic Hearth.** Creating an American Television Culture. Estados Unidos: Oxford University Press, 1992.

TONIN, Juliana. **O imaginário infantil na publicidade contemporânea: a campanha da RBS "O amor é a melhor herança, cuide bem da criança".** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

WHITTEMORE, Hank. **CNN: A História Real.** São Paulo: Editora Best Seller, 2000. 388p.

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público.** Uma Teoria Crítica da Televisão. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Pensar a comunicação.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, país do futuro**. Rio de Janeiro: Delta, 1960.

Anexos

Tabela do Corpus

Assunto	Resumo	Data
Rio - A melhor selfie do mundo	Fotógrafo tira selfie no topo do Cristo Redentor.	02/06
Rio - Maracanã casa do futebol	História do estádio e reformas. Foi considerado o maior estádio do mundo. Falou da decepção da primeira copa do brasil, em 1950. A reforma começou em 2010, estava estimada em 300 milhões de dólares e ultrapassou os 530 milhões. Possui 79 mil lugares. Foi reaberto em 2013. Jornalista diz que a decisão de manter a estrutura antiga foi emotiva e não racional. "Foi um desperdício de dinheiro. O maracanã foi demolido e preservado o exterior". A nova geração de brasileiros vai fazer do maracanã a sua casa.	06/06
São Paulo - Acampamento perto do estádio da Copa do Mundo de São Paulo	Pessoas ocupam área para pedir subsídios de habitação para o governo. Querem parar de pagar aluguel. "Esta copa está fazendo o povo ficar irritado". A Copa do mundo não faz nada para ajudar as pessoas pobres. "O legado é aluguel altos e faz as pessoas irem para as periferias", diz uma das acampadas.	10/06
São Paulo, O Brasil está pronto para a Copa? Estádios incompletos.	O Brasil gastou 11 bilhões de dólares na Copa. A controvérsia é que as diferenças entre ricos e pobres são enormes. Protestos massivos, exército nas ruas para assegurar a segurança no Brasil.	11/06
São Paulo - Reporter atingida em Protesto contra a Copa	"They hit my arm". A repórter Shasta e uma produtora levaram tiros de bala de borracha. As pessoas estão protestando pelos gastos colossais. Têm muitas desigualdades sociais no país. "Os ricos estão ficando ricos e os pobres estão sofrendo" Não é o melhor uso do dinheiro. Cafu "apesar de ter vindo da favela, quer que deixem o brasil receptionar o mundo"	12/06
Rio - Vivo Fan Fest Copacabana	Apesar dos protestos, a maioria dos brasileiros apoia o time nacional.	16/06
EUA - Jogador da NBA dá a sua opinião sobre a Copa	Kobe Bryant fala sobre a Copa. Quem é o melhor, Messi ou Cristiano Ronaldo?	16/06

Rio - Alternativas de Hospedagens para os turistas	Argentinos ficam em vans. Comem e dormem dentro dos veículos. O preço das acomodações no Rio não deixa outra alternativa. O valor da hospedagem no Rio é uma das maiores no país. Mostra um argentino que decidiu morar na Favela Santa Marta. Ele fala que as pessoas da favela não são marginais, mas sim trabalhadores. Mostram o primeiro hostel da favela. Antes da Copa, era cobrado 15 reais a diária e durante o evento passou para 100 reais.	17/06
Rio - Projeto social de golfe para a comunidade	“Em Japeri, (mostra imagens de um homem em uma carroça), um dos lugares mais pobres do Estado do Rio de Janeiro, você provavelmente espera que as crianças joguem futebol nas ruas, mas aqui eles têm um esporte diferente, sim... golfe”	17/06
Rio - Torcedores chilenos destroem sala de imprensa no Maracanã	Vivo com sonora de jornalista que presenciou o vandalismo	18/06
Manaus - Estádio antes dos jogos da Copa	Estádio de Manaus como elefante Branco por não ter tradição no futebol na cidade. Quatro jogos aconteceram no estádio e que pode servir de local para shows. Fala dos protestos contra os quatro bilhões de dólares gastos nos estádios. O estádio de Brasília foi o mais caro, 900 mil dólares, e não tem na cidade nenhum time nas primeiras e segundas divisões dos campeonatos. Também fala da Arena Pantanal em Cuiabá. Dá espaço para a fala do secretário da Copa, dizendo que são a capital do país e que existe uma demanda para um estádio desse porte em Brasília. A dúvida é como serão usados esses três estádios citados depois da copa.	19/06
São Paulo - Preparativos jogo Uruguai e Inglaterra	Treino dos times	19/06
Rio - Índios despejados para construção de avenida próxima ao Maracanã	Índios foram despejados de prédio e vivem em containeres há mais de um ano. Eles falam que a retirada deles do local foi violenta. Os índios dizem que gostariam que a Copa mostrasse a cultura deles no país, porque eles estão esquecidos. O governo disse que a retirada foi necessária para a construção da avenida do Maracanã e que vai dar casas aos índios.	20/06

EUA - comidas e bebidas do brasil	Chef de Washington fala da culinária brasileira. Feijoada e Caipirinha.	20/06
Rio - Brasileiros usam arte como protesto	Artistas de rua protestam pintando muros. As desigualdades sociais são grandes no Brasil. 16 milhões de pessoas estão em extrema pobreza. O governo diz que as obras de infraestrutura e os empregos criados vão beneficiar a população. "Não é sobre o preço da Copa e sim sobre prioridades"	22/06
Rio - Rugby cresce no Brasil	O esporte está crescendo no Brasil.	25/06
Fotógrafo retrata o Brasil e o futebol em duas décadas	Entrevista - Christopher Pillitz retrata nas fotografias a relação dos brasileiros com o futebol, a partir de 1997. Todos podem jogar, ricos e pobres, homens e mulheres. Fotografou pessoas jogando futebol no topo de prédios, em plataformas no meio do mar, padres de batina. O trabalho não é sobre futebol, mas sim sobre um aspecto da cultura brasileira.	25/06
São Paulo - Torcedores procuram por amor online	Torcedores usam Tinder e Badoo para iniciar relacionamentos.	27/06
EUA - Atores Hollywood falam sobre a copa	Fala sobre as músicas feitas sobre a copa e celebridades que gostam do evento. "A final with spanish accent" (ator fala isso, acha que no Brasil falam espanhol)	01/07
Rio - Tour pela favela	Guia busca turista nos hotéis. "Não tenham medo de tirar fotos com os Iphones. A favela é um dos lugares que me sinto mais seguros" (guia - Rocinha). A vista é perfeita para selfies, mas não tanto para viver aqui, pequenos corredores, área colorida, tem o lado ruim, "o colorido é uma maquiagem", "não posso dizer para os meus amigos que eu sou da favela, não posso ser quem eu sou". Eles querem mostrar a pobre infraestrutura e falta de investimento. Bruno tenta mudar a realidade com os tours, parte do dinheiro vai para projetos da comunidade. "Eles querem desmistificar a ideia de viver na favela"	02/07
Rio - Alugue um amigo	Empresa "Rent a local friend" aluga amigos no país. São cobrados 150 dólares por hora e a empresa fica com 30 por cento.	03/07
Colômbia - Torcedores vândalos colombianos	Torcedores destoem cidade	04/07

São Paulo - Paraisópolis - Brasil vai as semi-finais	A repórter Shasta acompanha brasileiros assistindo ao jogo. Fala das emoções dos brasileiros com os jogos	05/07
Belo Horizonte - Pré jogo Brasil	Stand up - Repórter no treino	07/07
Belo Horizonte - Alemanha atordoou Brasil	Ao vivo - resultado do jogo. Alemanha atordoou Brasil 7X1	08/07
Rio - Projeto Social - Garotos sonham em ser jogadores de futebol	Menino diz que não tem agente por isso não vai para um grande clube. A cada criança que atinge o nível profissional seis mil não conseguem	11/07
Como o Brasil lidou com a Copa	Do Amazonas ao Rio de Janeiro, torcedores entusiasmados, apesar de estádios de última hora, protestos e caos nos transportes. O Brasil está se virando. Onde os turistas vão, eles se sentem amados. As reformas nos aeroportos não terminaram, mas os voos foram muito frequentes. Duas pessoas foram mortas em Belo Horizonte, um projeto da copa, que não foi finalizado, desmoronou. Torcedores invadiram a área de imprensa dos estádios, E a pergunta é o que vai acontecer com os multimilionários estádios, construídos em cidades como Manaus, sem tradição no futebol. Entrevista com Dilma. Brasil construiu uma das melhores Copas de Mundo, e ofereceu uma grande hospitalidade. As obras para as Olimpíadas no Rio estão atrasadas. Um dos maiores desafios é movimentar as pessoas nessa cidade caótica (Rio)	14/07

Reportagens BBC

Assunto	Resumo	Data
Rio apoia a copa do Mundo	Rua do bairro Flamengo é decorada por moradores para a Copa. Apesar disso, alguns desenhos feitos no local são feitos como protesto	04/06
Jogadores brasileiros falam sobre protestos	Jogadores são entrevistados sobre protestos	04/06

Washington - Pesquisa sobre a Copa	Segundo pesquisa, 72% dos brasileiros não estão felizes com a direção do Brasil. As pessoas estão preocupadas com o aumento de preços, violência, saúde e corrupção. Seis entre dez pessoas acreditam que a Copa tira dinheiro de outras áreas. Já três entre dez acham que a Copa é boa pela criação de empregos. Fala dos protestos de 2013, que 48% dos brasileiros disseram que esses manifestantes mancharam a reputação internacional do Brasil. 35% dos brasileiros acham que a Copa vai melhorar a imagem do país e 39% dizem que vai denegrir a imagem.	05/06
Rio - Esculturas em melancias	Chef esculpe o rosto de jogadores em melancias.	05/06
Copa no Brasil	Jogador fala sobre protesto. Carlos Alberto fala sobre a expectativa do vencedor da Copa.	05/06
México - Como são formados jogadores no país	Escola no México treina meninos para se tornarem jogadores de futebol. O México não se classificou para a Copa. "O futebol em todo mundo é um negócio, o mesmo acontece no México". Os mexicanos não encontraram um estilo de jogo.	06/06
Paquistão - Fábrica da Brazuka	Investimento em tecnologia para a produção das bolas oficiais da Copa. Mulheres vestindo burcas produzem as bolas.	08/06
Entrevista com Eduardo Paes	Prefeito do Rio é entrevistado. Diz que ainda tem muito a ser feito, mas que muita coisa melhorou na cidade. Fala que no Rio	09/06

	os pobres não são escondidos, eles vivem ao redor. Quando perguntado se os turistas vão sofrer com a violência, diz que o índice de criminalidade diminuiu. Ele disse que é seguro, que as pessoas não precisam se preocupar quando forem a cidade. Também fala que o Brasil não pode ser comparado com a Inglaterra. Diz que as pessoas têm o direito de protestar, por ser uma democracia, que antigamente essas pessoas seriam presas na ditadura. Informa que o Rio tem problemas de infraestrutura, mas vai sediar as Olimpíadas.	
Rio - Caipirinha	Repórter aprende a fazer caipirinha na favela Santa Marta	10/06
Rio - Torcedores de verdade	Depoimentos de torcedores de diferentes países	10/06
Bahia - Substituto para o Polvo Paul	Uma tartaruga, chamada de cabeção, adivinha quem serão os vencedores da Copa	12/06
Inglaterra - Truques de Futebol	No estúdio do jornal, homem faz em embaixadinhas e mostra truques com a bola	12/06
São Paulo - Policiais usam gás de pimenta nos protestos	Em estúdio. Off vivo. "Não são as imagens que os brasileiros queriam que o mundo visse". Mostra imagens de policiais, mesmo depois de imobilizar os manifestantes, colocando gás de pimenta nos olhos deles.	12/06
Inglaterra - Exoesqueleto	Deficientes da Inglaterra caminham com auxílio do exoesqueleto usado por cadeirante para chutar uma bola na abertura da copa	13/06

Inglaterra - Nova tecnologia de cameras na Copa	Apresentador fala sobre o número de gols feitos em cada copa	14/06
Rio - Preocupação com escada temporária do Maracanã	Uma escada de metal quase cai na entrada de torcedores no estádio.	17/06
Rio - Inglês caminha 2 mil km para ir à Copa	Quatro amigos ingleses saem da argentina caminhando até o Rio.	18/06
Índia - Casal viaja na sua nona Copa	Casal indiano viaja em todas as Copas desde 1982 e vai ao Brasil. Eles economizam, não comem peixe por um mês para acompanhar o evento.	20/06
Holandês mostra o acampamento dos torcedores	Mostra como torcedores vivem em um acampamento	23/06
Rio - Mordida de Suarez	Ao Vivo e entrevista com Suarez. Mostra que ele mordeu o jogador da Itália.	25/06
Rio - jogador do Uruguai, Luis Suarez foi suspenso	Coletiva - Fifa suspende jogador por morder outro jogador da Itália.	26/06
EUA - Por que o país ama futebol?	Depoimento de praticantes de futebol em Nova Iorque.	27/06
Rio - Campeão de embaixadinhas	Homem tira 27 camisas enquanto faz embaixadinhas.	29/06
Brasil em Choque depois da humilhação contra a Alemanha	Brasileiros envergonhados com o resultado do jogo	09/07

Transcrição Reportagens BBC

As traduções acompanham a descrição das imagens (em negrito e sublinhado).

Reportagens sobre Brasil

Rio apoia Copa do Mundo do Brasil

PASSAGEM⁹⁹ - (coberta com imagens - repórter caminha em uma rua, onde estão sendo feitas pinturas no chão, imagens de bandeiras do Brasil)

Finalmente se sente que a Copa do Mundo está aqui. Essa rua no bairro Flamengo, no Rio, começou a ser decorada pelos moradores. Essa é uma forte tradição no Brasil. É sempre muito colorido nas ruas antes da Copa do Mundo. Mas, neste ano, as coisas têm sido diferentes, têm sido o assunto na cidade. As pessoas não estão empolgadas, como resultado ao humor negativo. As pessoas começaram a decorar as ruas mesmo assim, mas querem acrescentar esse criticismo. Esse é um bom exemplo (fala enquanto aponta para um desenho no asfalto), a taça da Copa do Mundo com um grande cifrão bem no meio.

SONORA¹⁰⁰- Rodney Pinheiro Aires - Repórter - Esse é um dos organizadores pintando com a família, Rodney Pinheiro Aires, Qual a diferença nesse ano com o criticismo sobre a Copa? Entrevistado - "Na verdade a alegria de enfeitar a rua, de curtir a Copa do Mundo é a mesma, mas as pessoas não estão alienadas ao que está acontecendo no mundo político, né? elas querem demonstrar a insatisfação com os excessos de gastos públicos, em relação ao maracanã, estádios e a Copa do Mundo em si. (responde em português)

REPÓRTER TRADUZ SONORA - Ele diz que a alegria em decorar a rua ainda existe, mas as pessoas não estão ignorando o que está acontecendo no cenário político. Eles também querem expressar a raiva pelos problemas no Brasil.

PASSAGEM (coberta com imagens - Mostra moradores pintando o asfalto, bandeirinhas do Brasil) - Todos os moradores enviam decorações. Nas ruas, são mais de duas mil bandeiras brasileiras e isso acontece em todo lugar, mas o criticismo também está acontecendo em diversas partes do país. Têm pinturas sobre a copa em muros em todos os lugares. Definitivamente é uma Copa do Mundo com gosto diferente no Brasil.

⁹⁹ Passagem: gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações para serem usadas na matéria.

¹⁰⁰ Sonora: Termo que se usa para designar uma fala da entrevista.

Brasil em choque depois da humilhação da copa do mundo contra a Alemanha

Off¹⁰¹ – (mostra torcedores brasileiros na Fan Fest decepcionados e chorando) Nem nos piores pesadelos, alguém no Brasil pensou como isso terminaria. Essa era a cena no Estádio em Belo Horizonte e nas ruas do país. Essa foi a inevitável partida do Brasil para vencer a final da Copa do Mundo. Mas em todo lugar as cabeças ficaram baixas, as bocas abertas, e as pessoas choraram. Esse lotado país do futebol foi completamente humilhado. O estádio esvaziou e a Fan Fest ficou quieta. Ninguém do Brasil imaginava que isso ia acontecer.

Sonora – Acho isso muito triste, no fim, para o fim da competição, para o fim do campeonato esse tipo de resultado negativo

Sonora – Para o Brasil, para os brasileiros, não, é muita vergonha, você sabe?

Passagem – Todos os alemães estavam dispostos a ganhar do Brasil nesta noite. Foi uma completa humilhação futebolística e a ideia que o Brasil ia finalmente ganhar uma copa do mundo no próprio país foi completamente devastada. Essa foi uma montanha russa de torneio com desapontamento e constrangimento no país onde o futebol significa muito.

OFF 2 – (peçoas com a cabeça baixa, rezando, aflitas. Imagens do batalhão de choque da polícia afastando torcedores revoltados) Para a direção do progresso do país na Copa do Mundo, o país esteve calmo e estável. Os olhos de todos estavam no futebol. Mas o perigo agora está em algumas divisões de protestos e discussões que podem colidir com o torneio, pode fazer o país retornar à crise. Willy Davis BBC News – Rio de Janeiro

¹⁰¹ Off: locução do repórter

Para o Brasil só a vitória vai ser boa o suficiente, diz Carlos Alberto.

Off1 – (imagens do treino da seleção brasileira) Seleção Brasileira de Futebol. Contratos multimilionários. Planejando atacar o recorde de seis copas do mundo. Mas aqui no Rio, não está imune aos protestos nas ruas e um Brasil descontente sobre o dinheiro gasto no torneio.

Sonora 1 – Os manifestantes nos representam. A maioria dos jogadores brasileiros têm origem humilde. E nós também queremos coisas melhores para o país.

OFF2 – (imagens do treino da seleção) Com milhares de jornalistas, olhando cada passo deles, manter-se focado não vai ser fácil para Neymar e os seus colegas de time. Carlos Alberto, capitão do melhor lado Brasileiro, ele diz que o time de hoje estimula quem lida com a pressão. Quando nada dura, outro título virá.

Sonora 2- A pressão que o Brasil sofre é sempre a mesma, porque para nós o melhor é o primeiro lugar. O segundo lugar e o terceiro é a mesma coisa.

Off 3 – (imagens da arquibancada durante jogo no Maracanã) Há muito para esperar quando você considera o atual estado do jogo no Brasil

Passagem – Apesar da dominação do time nacional e óbvia paixão dos brasileiros pelo futebol, o clube regional está com problemas financeiros. Esse é o grande lado do jogo, Fluminense e São Paulo, dez mil pessoas no estádio no Maracanã

Off 4 – (imagens do jogo no Maracanã) Muitos dos jogadores jogam no exterior. As emissoras de televisão mostraram o último chute inicial perto da novela, ao menos que tenham desminado a atração do time nacional.

Sonora 3 – nós vemos o jogo tão estranho. Suspeito que eles queiram ganhar , as pessoas estão se sentindo bem sobre o futebol do Brasil de novo

Off 5 – (mostra meninos jogando futebol na praia) O futebol está no sangue aqui. Todo mundo quer que o Brasil vença a Copa, eles querem mascarar o crescimento desconexo entre os jogadores e quem comanda o jogo. Will Daves, BBC News – Rio de Janeiro

Os brasileiros têm o direito de protestar

(Prefeito do Rio Eduardo Paes sendo entrevistado por repórter, de fundo a praia de Copacabana)

Eduardo Paes - Quando você vem para o Rio você tem que comparar, nesse país, Rio ao Rio, Brasil ao Brasil, como eles eram há dez, 15, 20 anos. Então, cinco anos atrás, essa favela era completamente dominada por traficantes e o escritório do governador, o ex-governador, tinha janelas à prova de balas. Não é mais assim. Nesse lugar nós podemos ir toda hora agora.

Repórter – Mas o problema com a segurança não foi completamente resolvido?

Eduardo Paes - De modo algum. Quer dizer, o Brasil não está dizendo que nós resolvemos todos os problemas. Nós estamos dizendo é que esse é um lugar muito melhor do que era. A taxa de criminalidade no Rio caiu e em todo país. Ainda temos um longo caminho para percorrer. Continuamos com muitas coisas para fazer, mas as coisas estão muito melhores.

Repórter – Estou certo que muitas pessoas vão assistir isso em todo mundo. Eles estão embarcando em aviões, eles estão vindo para a famosa praia de Copacabana. Você está dizendo para eles “É seguro, vocês não precisam se preocupar quando vierem para cá?”

Eduardo Paes - Sim, é seguro. Você não precisa se preocupar quando estiver aqui. Quando nós falamos sobre problemas de segurança, nós estamos falando sobre a vida de todos os dias e esse é o motivo para trabalharmos. Rio está acostumado a sediar grandes eventos, com muitos turistas, especialmente no verão. Não tem nenhum histórico de violência contra turista, violência nas áreas turísticas da cidade.

Repórter – Mas tem muitos ladrões. Eu escutei muitas histórias de pessoas que tiveram armas apontadas, celulares, colares.

Eduardo Paes - Eu não estou dizendo que essa cidade não enfrenta problemas de segurança. Esse não é um país que não enfrenta problemas de segurança.

Está muito melhor. Nós não estamos preocupados durante grandes eventos. Nós estamos preocupados para a nossa vida de todos os dias. Isso é o que estamos buscando.

Repórter – Nas favelas mesmo, digo, a favela Santa Marta melhorou muito, mas ainda têm muitas favelas com muitos problemas. E uma das coisas que alguém nos disse foi que o governo pacificou a favela, mas o que acontece é que não existe investimento. Nós precisamos melhorar a infraestrutura, o saneamento, todos os outros problemas.

Eduardo Paes - De novo, essa é uma cidade que não esconde a desigualdade, nós não deixamos os pobres longes. Eles estão ao redor. Nós os vemos das partes mais ricas da cidade. É uma coisa que muitas cidades do mundo, você vai como turista, você só vai nos lugares mais ricos. Eles estão todos ao redor. Nós não estamos dizendo que não estamos enfrentando muitos problemas. Mas a situação das favelas, não somente na perspectiva do crime, da perspectiva da violência, a perspectiva da infraestrutura está muito melhor do que antes. Tem áreas pobres. Tem áreas com falta de estrutura, mas está melhor do que era.

Repórter – E sobre os hospitais, escolas, o saneamento básico, a drenagem, todos esses problemas?

Eduardo Paes - Eu vi você. Vi a sua entrevista. Vi você caminhando. Esse lugar onde você estava caminhando é asfaltado agora, é urbanizado. Na forma da favela, tem coisas feitas pelo governo. Não era assim há um tempo. Você poderia caminhar no barro. Em Santa Marta têm muitas escolas. Esta favela está em uma área da cidade que tem toda infraestrutura, tem hospitais perto, não é essa cidade que não tem serviços nessa área da cidade. Tem muito a fazer, mas tem muito trabalho sendo feito aqui.

Reporter – Quanto você acha que o Rio e o seu país vão ser julgados pelo sucesso ou fracasso na Copa do Mundo. Porque muitas histórias protagonizadas na copa do mundo são sobre paralisações, protestos, problemas nas favelas, pacificação?

Eduardo Paes - De novo. Esse é um país livre. Quer dizer, se você viesse para o Brasil 30 anos atrás, não teria protesto, mas os militares prenderiam essas

peessoas, só por eles estarem protestando democraticamente. As pessoas têm o direito de protestar. Têm o direito de pressionar as autoridades para ter as coisas feitas. Não vejo que tenha um problema para o nosso país. Vejo que essa é uma das nossas melhores conquistas. Nos tornamos um país democrático. Essa não é a história do Brasil. Nós somos jovens na democracia. Nós não podemos ser comparados com outras cidades como a cidade do Rio ser comparada com a cidade de Londres. O metrô de vocês tem 100 anos, o nosso é uma coisa que precisamos melhorar.

Repórter – Acho que você disse que a Copa do Mundo é a Fifa e os jogos Olímpicos é como vocês serão julgados, está certo?

Eduardo Paes - Quero dizer, nos jogos Olímpicos, tudo é no Rio. E as Olimpíadas no Rio, tem a ver com uma mensagem, um legado. Nós conquistamos as olimpíadas não porque somos melhores que Madri, Chicago e Tokyo. Nós conquistamos as Olimpíadas porque somos piores. Porque nós temos problemas de infraestrutura. Nós vamos entregar um grande legado.

Repórter – O vice-presidente dos Jogos Olímpicos John Coates disse que a preparação do Brasil é a pior na experiência dele.

Eduardo Paes - Você sabe o que ele disse no dia seguinte? Ele disse que não. Ele não disse isso.

Repórter – É óbvio que ele disse isso.

Eduardo Paes - Eu sei. Eu acho que nós temos que provar a nós mesmos o tempo todo. Você sabe. Especialmente nas Olimpíadas. A partir de agora, precisamos mostrar que estamos fazendo das Olimpíadas um legado. A maioria do dinheiro das Olimpíadas sairá da iniciativa privada. 60% disso serão de investimentos privados. Os locais não serão elefantes brancos. Isso é uma coisa que teremos que provar para nós mesmos o tempo todo.

Tartaruga - O novo Polvo Paul

Passagem – Essa é a praia do forte, Bahia, um dos lugares mais bonitos do Brasil. Os moradores tiveram a ideia de tentar encontrar uma nova versão de Paul, o polvo. Conheça agora Cabeção, a tartaruga.

Off1 – (mostra a tartaruga na piscina) 27 anos, louco por sardinha e futebol. Cabeção, ou cabeça grande, pesa 216 quilos. E tem duas grandes responsabilidades, deixar o mundo saber sobre tendência e ver tartarugas e também prever quem vai ganhar o próximo jogo da Copa do Mundo. sonora (Neca Marcovaldi – Biologist) Se as pessoas vão visitar, conhecerão a cidade de conservação no Brasil

Off2 – (mostra a tartaruga escolhendo qual sardinha vai comer e imagens da praia do forte) As sardinhas são cuidadosamente colocadas embaixo das bandeiras do Brasil e da Croácia. Se ele acerta a bola entre as bandeiras é empate. Uma opção que não foi dada para Paul, o polvo. Lá vai cabeção. A copa do mundo vai começar com um empate? Não de acordo com a tartaruga. Praia do Forte é também a base da Croácia durante a competição. Mas cabeção parece ter um coração fiel verde e amarelo.

Sonora (Tomislav Pacak – Croatia National Team's Press Office) Está muito bem organizado. Muito divertido. Tem um peixe de plástico embaixo da bandeira da Croácia. Então ele escolheu a brasileira, mas veremos o jogo para ver o que acontece na realidade.

Off3 – Nós vamos pacientemente esperar para ver se a tartaruga foi uma boa vidente como o polvo. Agora, a bola está na metade brasileira. Julio Gomes – BBC News.

Frágil escada do Maracanã

Passagem – (repórter em frente ao estádio do Maracanã) Até agora, a maioria dos estádios do Brasil estão novos e reformados, incluindo o Maracanã, aqui no Rio, muitas são as demandas da Copa do Mundo. Mas desde o começo eles estão preocupados com a segurança e integridade das novas estruturas. Esse vídeo está circulando na internet feito no jogo de abertura entre Argentina e Bósnia, destaca algumas das preocupações.

Off1- (imagens da escada balançando enquanto os torcedores sobem) As cenas chocam. De cima das escadas, mostra a estrutura inteira, o andaime forçando de lado a lado, enquanto milhares de torcedores pisam no estádio.

Passagem 2 – (repórter mostra que corrimão da escada não está fixo, mostra que a construção foi improvisada) Apesar disso, a preocupação óbvia tem sido nenhum esforço de fechar a escada para o próximo jogo. Quando novamente milhares de torcedores subirão os degraus. Tudo parece ter sido feito às pressas. Quando nós perguntamos sobre o vídeo, a organização local disse que era responsabilidade do governo local, eles pretendem dizer que é uma iniciativa do Estado. A Fifa está encantada como as coisas estão indo até agora. O problema dessas estruturas temporárias, quem pagou por elas e quando foram construídas, tem sido a discussão entre a organização local e a Fifa. Agora, uma semana de Copa do Mundo, a Fifa está encantada o caminho que as coisas estão tomando, mas esse tipo de coisa não inspira confiança

Dominando a arte da caipirinha

Passagem – (repórter caminha pela favela até a casa onde vai fazer caipirinha) Estar na favela o dia todo é um trabalho que dá sede. Nós vamos à casa do Tiago agora, onde nós vamos saber onde faz as caipirinhas. Então Tiago, nós vamos fazer as caipirinhas hoje, como faz?

Tiago – então, vamo lá, vou

Repórter – (Tiago ensina o repórter a colocar cada ingrediente para fazer a caipirinha) Então você pega o limão? Mais? E agora açúcar, certo? Uma colher de chá de açúcar. Agora vamos amassar isso.

Tiago – Hahaha. Caipirinha na favela.

Repórter – Essa é uma especialidade da Favela Santa Marta. Muito bom. É deliciosa. Eu posso beber no trabalho? Provavelmente não. Ok, então gelo. Tudo isso? E agora cachaça, quanto?

Tiago – Vira.

Repórter - Ok, muita cachaça. Isso não é Vodka, né?

Tiago – balança! Balança mais. Tá pronto.

Repórter – Olha isso!

Tiago – Agora é só provar.

Repórter – Oh! Está bom. Eu vou dizer, se eu beber tudo isso, não terá transmissão pelo resto do dia. Caipirinha a la Santa Marta.

Tiago - Caipirinha na Santa Marta. Aprendeu, aprendeu!

Repórter – É bom.

Conheça o campeão brasileiro de embaixadinha

Repórter – (repórter está no calçadão da praia de Copacabana com Marcelo que faz embaixadinhas durante a gravação. Mostra ele fazendo embaixadinha enquanto tira camisetas. Depois ele faz embaixadinhas com uma laranja e um limão) Ok, pessoal! Conheça Marcelo. Ele é o gênio da embaixadinha aqui no Brasil. Nós viemos para Copacabana para ver um das suas maravilhosas habilidades. Agora, Marcelo, francamente, com o futebol, embaixadinha, alguém pode fazer isso? Você faz um truque, não faz? Com camisas, muito impressionante. Vamos ver o que você pode fazer com as camisas, vamos.

Na verdade, Marcelo é o detentor do recorde mundial, tirando 27 camisas enquanto faz embaixadinhas em quatro minutos e 40 segundos. Ele fez o recorde mundial.

É impressionante, veja como ele continua fazendo isso, sua testa e camisas ao mesmo tempo

Está certo Marcelo, estou impressionado com isso.

Acho que podemos fazer melhor que isso. Marcelo, esqueça o futebol, eu tenho um desafio para você, olha a laranja. Vamos ver se o Marcelo consegue fazer uma embaixadinha melhor com laranja

Pega desse lado, lindamente. Controla com a sua direita e esquerda. Pega com o peito, isso é impressionante. No pescoço. Isso é legal.

Ok, isso é uma laranja, agora uma coisa menor, um pequeno limão. Esse é um lindo limão brasileiro. Oh, de novo, de lado. Esse é um pequeno pedaço. Ele beija. Isso é um pouco de arrogância. Muito bem. Marcelo é muito legal. Se você quer uma explicação porque o Brasil está se saindo tão bem na Copa, não como anfitrião, mas como favorito, talvez Marcelo seja a resposta.

Polícia usa gás lacrimogênio para acabar com protesto na Copa

Off Vivo - (mostra manifestantes jogando pedras e tijolos na polícia. Alguns dos manifestantes usam máscaras. Os policiais jogam gás lacrimogênio. Mostra a polícia se aproximando dos manifestantes e prendendo)

Manifestantes jogando pedras e tijolos para a linha da tropa de choque da polícia e eles respondem com gás lacrimogênio. Nosso cinegrafista encontrou abrigo, na esquina, você vê nos próximos segundos, a tropa de choque tentando combater esse protestos e eles se movem, em termos de localização geográfica, em torno das ruas de São Paulo. Como você vê a resposta da Tropa de Choque e os manifestantes reclamam sobre a resposta da polícia. Eles descrevem como mão pesada cedo do dia. Talvez, tenham mais explicações sobre esse protesto mais tarde. O número de feridos, sabemos que foram a minoria. As imagens circularam o mundo. Não parece que os brasileiros querem que o mundo veja. Eles querem que o mundo veja a celebração do futebol, a celebração de abertura. Mais tarde, sprays de pimenta foram apreendidos e manifestantes presos nas ruas.

O que os jogadores de futebol brasileiros realmente acham sobre os protestos

(apenas imagens das sonoras. Sem imagens para cobrir as sonoras)

Fred – Os manifestantes nos representam. A maioria dos jogadores brasileiros vem de condições de vida difíceis. Nós também queremos melhores coisas para o país, investimentos em saúde e educação. Nós sabemos que o povo brasileiro tem uma relação especial com os jogadores e nos incentivam durante a Copa do Mundo, nós esperamos isso.

Dani Alves – Se alguém tem dúvida que nós somos da classe trabalhadora, eles devem olhar as nossas biografias e as pessoas vão entender. Nossas histórias de vida são interessantes. Elas devem ser estudadas, porque nós viemos de baixo. Se nós estamos onde estamos hoje é porque lutamos por isso. Então pense que se tem um time nacional que representa o seu povo, somos nós.

Hernandes – Nós sabemos que os manifestantes não estão contra nós, porque nós viemos da classe trabalhadora. Nós sabemos que é uma oportunidade para as pessoas protestarem, ganhar mais visibilidade, até internacional, mas a maioria dos brasileiros nos apoia.

Maicon – As pessoas têm o direito de protestar mas nós estamos pensando em outra coisa agora. Nós estamos focados em ter uma ótima Copa e nós esperamos que não aconteça durante o campeonato, porque nós precisamos do apoio. E estou certo eles estarão do nosso lado, porque é um time muito importante e eu sei que quando tudo começar a acontecer, eles vão nos apoiar.

**O que os brasileiros pensam sobre a Copa do Mundo
(gráfico com uso de arte e fotos. Fotos da praia de Ipanema e dos protestos
de 2013)**

Então, todos os olhos no Brasil. Mas todas as tentativas de conter a emoção é outra história do país sede. De acordo com uma nova pesquisa, três quartos dos brasileiros (arte - 72% insatisfeitos) não estão felizes com a direção do país. Um grande número, com certeza, mas olhe isso, são 55% só nesse ano. A maior preocupação das pessoas são a alta nos preços, crime, saúde e corrupção política. São longas fontes de frustração. O descontentamento de hoje não tem relação com os últimos anos. A maioria dos brasileiros disse que a Copa do Mundo não irá ajudar em nada. Seis em dez pessoas pensam que sediar o evento tira o dinheiro de serviços públicos. Só três entre dez pessoas pensam que é uma boa coisa, por causa da criação de empregos. Você deve se lembrar das grandes manifestações em todo o país em 2013. Os protestos foram sobre as condições econômicas entre outras queixas. A pesquisa aponta que 48% dos brasileiros pensam que eles denegriram a reputação internacional do país. Então a Copa do Mundo vai mudar isso no país? Só 35% dos brasileiros disseram que a Copa do Mundo vai ajudar a imagem do país. E 39% disse que o campeonato vai denegrir a imagem. Dave boty – BBC News – Washington.

Neymar, Ronaldo e Messi esculpidos em melancias

(mostra chef esculpindo o rosto dos jogadores na melancia. Primeiro ele desenha o rosto na melancia, depois ele descasca o contorno para formar o rosto)

Esse é o chef brasileiro Rogério Holanda. E o que ele faz para homenagear seus jogadores de futebol preferidos é esculpir eles, como podem ver, em melancias. Talvez, não seja um meio fácil para esculpir. Você deve querer adivinhar quem é esse, se você consegue dizer, é o Brasileiro e atacante do Barcelona Neymar, que Rogério está trabalhando agora, um tanto complicado aparentemente. Isso com Ronaldo e Messi também. Leva de 15 a 20 minutos para fazer isso. Os resultados são muito impressionantes. Ele faz rápidos desenhos com sua faca afiada. O trabalho está feito. O hall da fama do futebol em melancias. Aparentemente, traz muitos clientes extras para esse hotel.

Outros Assuntos

Um olhar de perto para o exoesqueleto da Copa do Mundo

Off¹⁰² 1 – (mostra mulher em cadeira de rodas e usando o exoesqueleto, mostra ela caminhando) Valerie Fischer usa cadeira de rodas desde um acidente há sete anos, no único estágio de recuperação, Val estava determinada a andar novamente. Mas agora com a ajuda dessa roupa robótica, um exoesqueleto, ela pode.

PASSAGEM - repórter de scooter (ela também é cadeirante) - NIKKI FOX – Cada passo que Valerie dá está imitando um modelo natural de caminhar, assim como Mat atrás dela. Isso recupera a aderência e tem sensor de movimento, assim com quatro movimentos e milhares de passos

SONORA - VALERIE FISCHER – De repente, minha inteira visão de mundo sentada era totalmente errada. Quando eu levanto eu vejo o lado de fora. Eu olho a vista, eu olho no nível certo. Eu não sei como descrever isso. A altura certa onde o meu cérebro está.

Off2 – (Mostra Val andando com o exoesqueleto na grama) As próximas pesquisas nesse tipo de tecnologia estão desenvolvendo. Empresas ao redor do mundo estão competindo para substituir a cadeira de roda. Mas ainda tem um longo caminho.

Sonora– É fantástico porque você pode movimentar como você quer, tendo um completo e funcional exoesqueleto pode ajudar uma pessoa que é completamente paralisada. Mas ainda não podemos ter um exoesqueleto que se movimenta tão bem como o corpo

Off 3 – (mostra uma mulher usando o exoesqueleto, a menina e a família brincando. Mostra a menina com um equipamento ligado às pernas do pai que faz a menina caminhar conforme o pai caminha) Mas o exoesqueleto não

¹⁰² Off: locução do repórter

é a única ajuda para pessoas com necessidades especiais andar. Charlotte teve diferentes problemas que afetaram o movimento dos braços e das pernas. Tudo que ela quer é brincar com o seu irmão gêmeo. E esse novo equipamento, pode ao contrário, dar a ela outra chance de fazer isso.

Sonora – Eu olhava os gêmeos descendo a rua de mãos dadas. É tão emocionante e especial, uma ocasião especial para mim. É uma coisa que nós nunca conseguimos.

Off 4 – (repórter ao lado de cadeirante da associação de danos) Para pessoas que usam cadeira de rodas ou deficiência é a esperança de estar caminhando

Repórter – Você acredita muitas vezes que muitos desejam caminhar novamente, o que você pensa sobre isso?

Sonora – (Dan Burden – Spinal Injuries Association) É provavelmente encontrar outra forma saudável, coisas para voltar a trabalhar ou arrumar um trabalho, criar uma família, muitas coisas não necessariamente envolvem caminhar. O mais importante é querer se acostumar a se mover em uma cadeira de rodas.

Off 5 – (mostra duas mulheres caminhando com a ajuda do exoesqueleto) O exoesqueleto não significa o fim da cadeira de rodas, mas para essas moças está dando uma importante opção OFF - NIKKI FOX , BBC NEWS

Truques de Futebol que você não verá na Copa do Mundo

(Praticante de futebol freestyle, vestindo uma camiseta do Brasil, no estúdio fazendo truques com a bola. No estúdio tem uma bola de futebol, uma de golfe e uma garrafa. Ele apoia a bola em uma caneta e também em uma garrafa, faz embaixadinhas e truques durante toda a entrevista com a apresentadora)

Apresentadora – Ele está fazendo um truque, porque os meus conhecimentos nesse campo... eu não posso participar.

Entrevistado (Colin Nell – Football freestyler) – Só olha direto para a câmera., ok você sabe como funciona.

Apresentadora – Só nos diga por que você faz esses truques? Não só futebol, mas outros truques também, como você entrou nisso?

Entrevistado – Comecei quando tinha 15 anos. Só amo jogar futebol. A melhor coisa para mim é poder jogar futebol de qualquer forma.

Apresentadora – Continue fazendo os truques

Entrevistado – Jogar bem novo realmente

Apresentadora – Você prefere fazer os truques ou futebol normal?

Entrevistado – Na verdade, eu joguei futebol até os 19. Era um pouco de maior jogar futebol. Apesar disso, nenhuma dúvida, qualquer forma pode ser. É só uma das coisas que toda criança sonha jogar para o seu país, representá-lo no nível mais alto. É uma mistura de entusiasmo, paixão, que direciona o amor de jogar futebol.

Apresentadora – Continue fazendo os truques

Entrevistado – Todo o tempo, têm muitas formas de quebrar os truques. Você pode fazer o pé, joelho, ombro e cabeça. É um famoso movimento meu. É chamado de mágico sete. É dois pés, dois joelhos, dois ombros e uma cabeça. Qualquer coisa você pode dizer pra mim “Você pode me ensinar alguma coisa?”. Eu digo o sete mágico.

Apresentadora – Ok, me ensine, faça isso

Entrevistado – um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Mas falando nisso, você pode acabar com os truques. Você pode trazer coisas menores, se você quiser. Sentado os truques ficam mais difíceis. De novo, o estilo livre é só um nome. A primeira parte é livre. A segunda parte é estilo. Não tem regras reais. Enquanto você tiver estilo, fluência e atitude.

Apresentadora – E a competição? Para encarar a competição? As pessoas vêm com novos truques e muitas competições acontecem.

Entrevistado – Em qualquer lugar do mundo, você têm crianças que trazem novos truques, diferentes novos estilos, novas formas. Acho que tudo no estilo livre é futebol. O futebol é sobre qualquer coisa. As pessoas vão chutar. As pessoas vão quicar na parede. Estilo livre é a autoexpressão do futebol. Vai longe ao redor do mundo.

Apresentadora – Nós só temos 45 segundos. O que vocês pode fazer para a gente? Segundos finais do programa.

Entrevistado – Aqui está um truque. Usando uma caneta. Um, agora você vai mudar daqui. Descendo no pé. O truque vai ser cativante. Você vai deixar cair, você vai trocar agora por bola de golfe. Parece impressionante realmente. Muito difícil. Maradona fez com uma laranja. Colin agora usa uma bola de golfe, de jeito nenhum.

Apresentadora – Colin, obrigada. Obrigada por estar com a gente no estúdio.

Brazuka – A bola oficial que será usada na Copa do Mundo do Brasil

Off1 – (mulher de burca colocando a bola Brazuca em uma prateleira, mulheres fabricando as bolas, homem avaliando as bolas) Essas não são bolas comuns. Elas serão usadas durante as partidas da Copa do Mundo. Chutadas pelos mais famosos pés de futebolistas do mundo. Essa fábrica no noroeste do Paquistão, é uma das duas fábricas do mundo que foram contratadas para fabricar as bolas de futebol da Copa do Mundo. A outra é a China. mas o Paquistão foi deixado para trás quando foi desenvolvida a tecnologia da máquina de costura. Levou dez anos para a fábrica alcançar os competidores chineses. Isso significa uma década sem um contrato.

Sonora – As empresas paquistanesas não têm as tecnologias mais avançadas. As empresas chinesas são mais espertas e avançadas. Eles estão aptos para produzirem mais com bolas que com tecnologias à bons preços.

Off 2 – (partes da bola passando pelas esteiras da fábrica, mulheres cuidados dos detalhes de cada produto) Foram 1,1 milhão de dólares de investimento para modernizar a fábrica. Agora as novas máquinas estão no lugar. O contrato foi renovado e as bolas de futebol estão saindo da linha de produção. O trabalho aqui será um momento de glória ao ver as bolas nos estádios no Brasil.

Sonora – Dá muito trabalho para fazer essas bolas. Nós estamos orgulhosos que as bolas de futebol estão indo para o Brasil para a Copa do Mundo. Eu vou assistir aos jogos na TV com a minha família.

Off3 – (meninos jogando futebol, fazendo preparação física) Paquistão é melhor com o Cricket. O país tem um longo caminho antes de se colocar no mapa do futebol. Mas agora, as bolas colocarão o país de volta no lindo jogo.
Samalia Jeffrey – BBC News

Seleção Mexicana da Copa do Mundo espera seguir o exemplo de jovens jogadores

Off1 – (mostra os meninos treinando, o treinador passando instruções e os garotos atentos ao treinador) Esses meninos carregam a tradição vencedora mexicana. A nação ganhou a Copa do Mundo duas vezes nos últimos anos, mas não aquela Copa do Mundo. México venceu a competição sub 17, em 2005 e de novo em 2011. O técnico Jesus Ramirez diz que foi uma grande conquista para o México.

Sonora (Jesus Ramirez – Youth Coach) – No México, a paixão pelo futebol tem ampla disseminação entre homens, crianças. Todos acompanham o futebol.

Off 2 – (meninos treinando) Ramiro agora dirige a prestigiosa Academia Cruz Azul na Cidade do México. Alguns dos melhores jovens jogadores vem treinar aqui. Os garotos são mexicanos, mas os seus sonhos estão em outro lugar

Sonora – (Jose Carlos Ruis – Player) Eu quero ser jogador de futebol na Europa e jogador do Real Madrid, porque é onde estão os melhores jogadores do mundo.

Off3 – (imagens do treino) Talvez os garotos não falem sobre jogar para o time da seleção mexicana por causa dos fracassos do time. Os homens não passaram para a segunda fase nas últimas cinco Copas do Mundo. E mal se classificaram para o campeonato desse ano. Ramiro diz que os homens têm que vencer mais.

Repete Ramirez – Eu acho que a mentalidade está nos atrasando. Não têm mais preocupações. Não tem disciplina suficiente. Humildade suficiente. Eu acho que no México os jogadores ganham bem, têm carros novos, vida boa. Eles não estão interessados em lutar mais.

Passagem – (Jason Margolis – repórter) A maioria dos garotos na cidade do México começam jogando longe dos principais empréstimos e academias e lugares como esse. Tem uma grande fonte de debate e confusão que acontece com os garotos quando eles crescem e se tornam homens.

Off4 – (mostra imagens do documentarista e do documentário que ele produziu) Nabani Vera está fazendo um documentário televisivo sobre o futebol mexicano. Ele diz que têm mais fracassos no time nacional do que só dinheiro. Sonora – (Nabani Vera) – Futebol em todo o mundo é um negócio. É o mesmo no México. O problema aqui é que não é um negocio bom. Eles estão procurando por resultados imediatos. Se eles não derem resultados, eles são cortados pelo treinador.

Off5 – (imagens do entrevistado e repórter assistindo o documentário sobre futebol) Ele diz que os homens mexicanos também estão em desvantagem porque eles são menores que africanos e europeus. E eles não jogam bem como grupo.

Repete Nabani - Os mexicanos ainda não encontraram seu estilo. Os alemães são precisos. Argentinos são fortes. Brasileiros são suaves. Mexicanos, nós não temos um estilo.

Sonora (Carlos Camacho Gomez – Youth coach) – Eu acho que o time pode ir às quartas de final na Copa com certeza. Nenhum time, além do Brasil, teriam mais apoio no estádio como o México.

Off 6 – (imagem dos meninos jogando) Eles parecem ser minoria. Facunda Patron, 12 anos, respondeu como a maioria quando perguntado se o México iria bem na Copa do Mundo
Sonora menino – No, no.

Off 7 – (imagem dos meninos treinando) Até agora, as vitórias internacionais dos jovens talvez seja tão bom quanto o México recebe. Ao menos que os homens joguem como faziam quando meninos.

Suarez banido por quatro meses devido a mordida em Chielini no Brasil

Sonora - (imagens apenas da coletiva) O comitê disciplinar da Fifa chegou a uma decisão no caso relacionado ao jogador Luis Suarez do Uruguai seguido de um incidente que ocorreu durante o jogo da Copa do Mundo entre o Uruguai e a Itália, em 24 de junho de 2014. O comitê disciplinar da Fifa decidiu que o jogador Luiz Suarez está relacionado por ferir o artigo 4, parágrafo primeiro, da corte disciplinar e o artigo 27 da corte disciplinar da FIFA em um ato de comportamento antiesportivo contra outro jogador. A primeira partida da suspensão deve ser cumprida na próxima partida entre Colombia e Uruguai, em 28 de junho de 2014. As restantes partidas suspensas, enquanto o time se qualifique ou no tempo representativo subsequentes partidas oficiais, em acordo com o artigo 38 para, parágrafo 2.8 do código disciplinar da FIFA. A proibição do estádio está pronunciada contra o jogador Luiz Suares em acordo com o artigo 21 do código disciplinar da FIFA. O jogador Luis Suarez está proibido de entrar nos limites de qualquer estádio onde o Uruguai está jogando enquanto cumpre os nove jogos suspensos. O jogador Luis Suarez deve pagar uma multa de 100 mil francos suíços. A decisão foi notificada ao jogador do Uruguai nesta manhã e a comissão disciplinar da FIFA, Claudia Souza. Esse comportamento não será tolerado em nenhum campo de futebol, e particularmente não na Copa do Mundo, onde os olhos de milhões de pessoas olham o campo. O comitê disciplinar levou em consideração todos os fatores do caso e grau do do Sr. Suarez culpado em acordo com a relevante prova do código. A decisão vem e será executada assim que comunicada.

Mordida de Suarez em Chiellini, você não deveria se importar tanto

Vivo – (São usadas fotos e imagens de entrevistas com os jogadores para cobrir o vivo) Tem um incidente no fim da partida quando ele faz contato com o zagueiro Giorgio Chiellini. Chiellini mostrou seu ombro e no fim da partida ele reclamou que Luis Suarez mordeu ele. No passado, Luis Suarez foi considerado culpado e suspenso por morder na primeira liga holandesa, e mais recentemente jogando pelo Liverpool na liga inglesa. Tem duas perspectivas diferentes dos dois jogadores da partida, vamos ver.

Sonora Suarez – São coisas que acontecem fora de campo. E só dois de nós. Ele colidiu comigo e cortou um lado do meu olho assim. Tem muitas coisas que acontecem que você não deve se importar.

Sonora Chiellini – Foi ridículo não perceber Suarez. Está claramente cortado. E obviamente. Ele sabe muito bem que fez uma coisa que não deveria fazer.

Vivo – O técnico italiano disse que viu a marca da mordida. E o Chiellini disse que o juiz viu a marca da mordida também, mas ele não viu instantaneamente. Fifa vai esperar pelo relatório do juiz antes de fazer qualquer ação. Na terça-feira, dia 13, alto escalão de executivos da FIFA falaram com a BBC e disseram que é um caso muito sério para o comitê disciplinar. Realmente é responsabilidade da FIFA fazer o próximo movimento. Suarez diz que foi um acidente.

Por que os Estados Unidos estão apaixonados pelo futebol?

Sonora coberta (imagens de Manhattan ao fundo e um campo de futebol, homens jogando)

Dale Chonoodal – Fundador NYU Soccer – Quando eu criei o grupo, em 2007, ele tinha provavelmente dez membros, agora nós temos dez mil membros no total

Sonora coberta (homens assistindo aos jogo no bar)

Fillippo Della Casa – torcedor italiano – Agora as pessoas são realmente interessadas em futebol. Na verdade, tem pessoas mais interessadas que eu.

Sonora coberta (imagens de jogo)

Robert Cavanna – jogador, Williamsburg Soccer – Tem um estereótipo associado ao esporte, como muito masculino, sem contato. Na verdade, é muito físico e exigente. O ponto agora, eu acho que começa a ter êxito.

Sonora coberta (imagens da entrevistada no campo de futebol, do campo de futebol, de jogo, mulheres jogando futebol com homens)

Christine Cupo – jogadora NYC Soccer – Eu jogo futebol desde que tenho quatro anos. Por muito tempo, futebol era um esporte de garotas enquanto os meninos jogavam futebol americano. Tem uma comunidade global aqui em Nova York. Alguns dos nossos caras internacionais estão surpresos. Oh... tem mulher aqui e elas são muito talentosas, o que eu fico orgulhosa.

Sonora coberta (imagens de preparação antes do jogo, de homens assistindo os jogos na TV em um bar)

Leala Abbott – fundadora – Williamsburg Soccer – Eu tenho a oportunidade, nessa copa do mundo, de apresentar o futebol ao meu namorado. Cada “é um pouco chato” “porque você tem que esperar por um lindo momento”, às vezes com ansiedade. Os americanos não estão acostumados, porque nós só temos o futebol americano, que tem vitórias o tempo todo. E no futebol são poucos pontos, você ganha um ponto aqui e outro ali. E eu acho que o fato é um ponto jogando trinta minutos, talvez.

Sonora coberta (torcedores assistindo aos jogos em um bar, sofrendo, se abraçando)

Repete Fillipo – Um jogo de futebol às vezes é sofrer por 90 minutos e fazer um gol que não existe

Sonora coberta (imagens da entrevistada assistindo a um jogo no bar)

Nikkita Flavius – torcedora do Liverpool – Eu não acho o futebol muita coisa, mas eu assisto durante toda a minha vida. Eu sei que muito mais que jovens americanos, e eu deixo eles com vergonha. É muito legal. Agora é o momento deles começarem um história porque os Estados Unidos estão muito bem.

Sonora coberta (imagens de jogo)

Repete Robert – Eles estão jogando muito bem. E jogar a segunda fase da **Copa** do Mundo é completamente um novo jogo. Acho que os Estados Unidos têm boas chances.

Sonora coberta (imagens de Nova York com o campo de futebol)

Repete Christine – Eu absolutamente me apaixonei pela Copa do Mundo. Junto com o resto de Nova York. Nós realmente queremos ver os Estados Unidos vencer e surpreender todo mundo.

Dentro de um acampamento holandês no Brasil

Plano sequência - (mostra onde os holandeses estão hospedados, barracas, onde comem, como assistem aos jogos, torcedores gritando, bar onde bebem caipirinha, tomam sol, ficam no lago, onde jogam futebol, torcedores da piscina)

Oi! Eu sou Daniel. Tenho 20 anos. Sou da Holanda e eu estou visitando o Brasil com mais quatro amigos para a Copa do Mundo. Vou dar um rápido tour no entorno. Aqui é onde ficamos. Nós pagamos 125 euros por noite. Mas a barraca já estava aqui quando a gente chegou. Então, a única coisa que a gente teve que fazer foi entrar no acampamento e colocar a nossa mala lá. É um pouco bagunçado, mas tudo bem. Aqui nós temos uma cafeteria, onde nós podemos comer alguma coisa. Nós almoçamos aqui, jantamos, também assistimos aos jogos. Esses são os verdadeiros cantores holandeses. Eles vão se apresentar nesta noite. Provavelmente teremos uma boa atmosfera. Você sabe, os holandeses fazem muitas festas. Nós gostamos. Temos um acampamento no lago. Isso é perfeito. A maioria dos garotos estão se bronzeando aqui. Bebendo uns drinks. Temos um bar lá. Você pode pedir uma caipirinha. Não sei se é a típica caipirinha brasileira, mas nós fazemos o nosso melhor. Você pode fazer qualquer atividades que você quiser, ir no lago. É legal. Eu gosto. Especialmente no sol. Esse é o lugar onde os meus amigos e eu jogamos futebol. Nós adoramos o esporte, como estamos aproveitando a Copa do Mundo. Então, esse é o fim do tour em torno do acampamento holandês. Espero que vocês aproveitem a copa tanto quanto nós aproveitamos.

**Casal indiano parte para nona Copa do Mundo
(mostram fotos das viagens para as Copas do Mundo, mostram eles
comendo)**

Casal – Sobe Som – “América, Itália, Alemanha, Japão/Coreia e agora Brasil”

Mulher – Meu nome é _____. ¹⁰³Esse ano, quando nós formos para o Brasil, será a nossa nona vez.

Homem – Meu nome é _____. Tenho 81 anos. Vivo em Calcutá. A primeira vez eu fui para a Copa do Mundo em 1982. Foi tão cativante pela beleza de assistir à partida do estádio, que nós decidimos que nós iríamos a todas as Copas do Mundo.

Mulher – Não consigo expressar o sentimento manifesto até mesmo por quatro anos. Na TV a câmera só acompanha a bola, eles não mostram toda a imagem, a estratégia, as formações, e o movimento de cada jogador.

Homem – Alguns bebem, outros são viciados em chá e cinema, meu vício é o futebol

Mulher – Ele vai assistir ao futebol local. Ele caminha todos os dias para ficar em forma. Nós economizamos cada centavo por quatro anos. E tentamos da melhor forma não gastar isso. Às vezes não comemos peixe por um mês inteiro.

Homem – Sim, para compensar. Nós também cortamos os custos levando comida pronta, cestas, doces e lanches, nós também levamos chás. Comida nunca é a prioridade. É o caminho para assistir aos jogos.

Mulher – Quando eu vi Maradona em 1986, eu pensei como a força humana toca a defesa de uma única vez

Homem – Acho o Zidane melhor.

Mulher – Não, Maradona é incomparável. Maradona, Maradona.

¹⁰³ A autora não conseguiu entender o nome da entrevistada, pois estava falando na língua indiana.

**Caminhando dois mil quilômetros para a Copa do Mundo
(imagens dos amigos caminhando, empurrando os carrinhos de golfe, encontrando o cachorro, caminhando por estradas, ruas, lavoura. Eles entregam o cachorro para o dono. Conhecem o Rio de Janeiro, Pão de Açúcar e Cristo Redentor)**

Meu nome é Adam Bun. Sou de Newmarket Suffolk, na Inglaterra. Então, nós somos quatro amigos e nós queremos ir para a Copa do Mundo. Nós queremos ajudar as pessoas aqui e a caridade está perto do nosso coração. Nós percorremos 1166 km de Mendonsa argentina até Porto Alegre, no Brasil. A última vez que a Inglaterra venceu a Copa do Mundo foi em 1966. É um número icônico para os torcedores ingleses. Parte de mim não sabe o que esperar. Essa é a minha primeira vez na América do Sul. A realidade era crescente. Nós caminhamos três dias no deserto da Argentina, 35 graus, sem se barbear, os maiores mosquitos que eu já vi. Nós tivemos que dormir em estações de trem abandonadas. Nós dormimos com carros de golfe por cinco quilômetros e então percebemos que foi uma ideia ridícula. Nós caminhamos por um campo. Os campos das fazendas são grossos, muita lama. E nós fomos em uma cerca e tentamos levantar a cerca e empurrar o nosso carro de golfe e nós dois fomos eletrocutados e vomitamos. Então quando estávamos caminhando através do Uruguai, nós pensamos que era um cachorro de rua, ele nos acompanhava. Mijado e fedido Jafson. Três dias antes de terminarmos a caminhada, nós descobrimos que Jefson não era um cachorro de rua. Nós recebemos uma mensagem de um cara do Uruguai que colocou Jafson em um jornal local. Nós planejamos terminar a caminhada. Em Porto Alegre, eles se encontraram. Um fim muito emocionante. Eu acho que a Disney poderia filmar isso. O mais perfeito fim da história. Definitivamente, a jornada me ensinou sobre mim mesmo e resiliência.

Torcedores de Verdade

(imagens da entrevistada na praia de Ipanema, homens jogando futvolei, vendedores ambulantes, fotos de quando a Espanha foi vencedora da Copa, do calçadão de Ipanema, da entrevistada caminhando pela praia, entrando no mar)

Meu nome é Blanca Sanchoe, Sou de Saragoça, na Espanha. Eu terminei o colégio nos Estados Unidos. Eu comecei há cinco anos, agora eu recém terminei meu MBA. Estou procurando por um emprego agora, nos Estados Unidos e na Espanha. Agora estou só pensando no Brasil. Nós vencemos a Copa em 2010. Na final estava na Espanha, na minha cidade. Estava com muitos amigos na praça principal de Saragoça e nós assistimos ao telão. Quando nós vencemos, nós queríamos celebrar. Todos ficaram unidos pelo futebol. Todo o país ficou feliz. Eu não sei, foi muito bom para a Espanha. Estou na casa de amigos. Nós temos duas americanas, um venezuelano, e outros dois brasileiros. Desde a juventude, a copa do mundo é um dos meus lugares favoritos para ir. Alguns de nós vieram para o Brasil. Eu acho que é uma grande oportunidade para nós e nossos amigos nos convidaram e nós viemos. É muita pressão, porque vencemos três vezes seguidas. E acho que nós podemos vencer a quarta. Mas eu não sei porque o Brasil está jogando em casa. Final: Brasil e Espanha. Quero ver Espanha em Salvador na próxima semana e então estou indo para o Chile contra a Espanha, aqui no Maraca

Transcrição Reportagens CNN

A melhor selfie do mundo

Apresentadora - Lee Thompson tirou essa foto do topo da estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro. Ele levou meia hora para chegar ao topo da marca de 38 metros. Lee Thompson vai se juntar a mim ao vivo de Londres. E Chad Myers está comigo aqui. Lee, posso dizer que é a melhor selfie que eu já vi? O que você pensou e sentiu quando tirou aquela foto?

Lee Thompson/fotógrafo – eu estava pensando que era o homem mais sortudo que existe. Era o sentimento mais incrível e privilegiado. Foi de tirar o fôlego.

Apresentadora – É de tirar o fôlego. Estive lá nas escadas abaixo da estátua, foi um bom momento para mim. Você pode senhor, me diga como você chegou ao topo?

Lee Thompson/fotógrafo – Tem alguns andaimes embaixo dos pés do Cristo, tem uma escada em espiral que vai até os ombros, aí tem uma escalada dura até o topo e uma pequena escada. Acho que fui extremamente sortudo por permitirem estar lá.

Chad Myers – Vamos ver o Google Earth, porque eu sei que nós todos vemos o Cristo de concreto, mas eu não acho que alguém realmente entende o quão alto é porque está no topo de outra montanha. Deixa eu aproximar. As pessoas vão pensar que é inacreditável. Se você olhar ao redor no resto da topografia outros 800 metros abaixo em um grande penhasco. Então você sabe que está coisa é atingida por raios toda hora, certo?

Lee Thompson/ Photographer – É. Você sabe a estátua não é tão grande, mas no topo da montanha é inacreditável e realmente alto. Eu amei.

Apresentadora – Então, eu acho definitivamente toda a coisa da altura, mas a ideia de estar dentro, você mencionou essa escada estreita, eu sou claustrofóbica. Em algum momento você achou que não conseguiria?

Lee Thompson/ Photographer – Não. Eu só amei cada minuto disso e sem arrependimentos, foi absolutamente fantástico e o retorno que essa foto envolveu foi louco. É ótimo para o meu negócio.

Chad Myers – Você tentou dar uma olhada melhor na Copa?

Lee Thompson/ Photographer – Sim, mas eu não vi, você sabe.

Chad Myers – Muito longe.

Lee Thompson/ Photographer – Sim, muito alto.

Apresentadora – Você sabe você teve, talvez os seus amigos tiveram que ter permissão ao conselho de turismo para escalar. Quanto convencimento isso tomou?

Lee Thompson/ Photographer – Meus amigos e colegas trataram de convencer, mais importante a igreja e o conselho de turismo também, para nos deixar subir e fazer isso. Mais ou menos um mês antes. Provavelmente levou três a quatro dias para convencer. Foi maravilhoso que eles permitiram.

Apresentadora – O que vem depois disso?

Lee Thompson/ Photographer – Eu estava pensando sobre isso hoje. Tem um grande Cristo na Polônia, talvez eu tente esse.

Maracanã - casa do futebol

Off1 – Um estádio marcado na história do futebol. O Maracanã foi construído como modelo para a Copa do Mundo do Brasil de 1960, no coração do Rio de Janeiro. O Maracanã original desapareceu debaixo da cara reforma. Mas sua história continua para os brasileiros.

Luciano Júnior - jornalista - Rede TV – Foi feito em dois anos. Grande, bonito e glamuroso, então eles sediaram toda a paixão brasileira pelo futebol. Foi um grande sucesso mesmo sendo inaugurado com muito trabalho a fazer. Era o maior estádio do mundo. Eles falavam que 200 mil pessoas estavam na Copa do Mundo. Antigamente, as pessoas iam de terno e gravata assistir corridas de cavalo. A partir do momento que foi inaugurado era fonte de orgulho não só para o Rio de Janeiro mas para o Brasil, porque o maracanã sempre foi considerado o palco do mundo do futebol.

Off2 – O cenário foi preparado para o Brasil ser coroado campeão mundial na gloriosa Arena até que o impensável ocorreu. Precisando apenas de um empate contra o Uruguai, o favorito perdeu por 2 a 1, em frente a uma casa cheia. Mas como verdadeiro marco, o Maracanã continua a fazer história, como o gol 1000 do Pelé. Em 1990, estava em um estado lamentável. Acompanhando a decisão da Fifa de trazer a Copa do Mundo de volta ao Brasil em 2014, os pensamentos voltaram ao futuro do Maracanã. Apesar de planos concorrentes, a decisão foi fazer uma reforma no ícone lapidado em vez de derrubar e começar de novo. A reconstrução começou em 2010. A reforma iniciou com um orçamento de 300 milhões de dólares, mas ultrapassou 530 milhões. Agora, em vez de 200 mil torcedores se levantando e abraçando. O elegante estádio comporta 79 mil. Foi

reaberto em junho de 2013, a tempo da Copa das Confederações. O jornalista esportivo Marcelo Barreto diz que a decisão de manter a velha estrutura foi emocional, não racional.

Marcelo Barreto – Jornalista Esportivo -Sport TV – Foi um total desperdício de dinheiro. Eu estava falando com um engenheiro outro dia, que estava trabalhando na reforma, e ele disse que o Maracanã, na verdade, foi demolido centímetro por centímetro. Ninguém pode ver isso e preserva o exterior.

Off3 – Ele disse que o grande debate agora é sobre o “aburguesamento” do Maracanã, uma vez estádio do povo. Mas ele está confiante que a nova geração de brasileiros vai torná-lo sua casa.

Marcelo repete – A nova geração vai ter um novo Maracanã muito mais confortável agora, até a minha geração sabe disso. Nós sabemos que está mais confortável.

Off 4 – O que leva a grande questão. 64 anos depois do Maracanã se dar um novo nome como palco onde o Brasil finalmente banuiu o fantasma de 1960 e reivindica a coroa mundial em casa.

Invasores na Copa do Mundo reivindicam casas

Off1 – Um campo de manta de retalhos de plástico em um pedaço de terra vazia perto do estádio da Copa do Mundo de São Paulo. Mais de três mil famílias de baixa renda se juntaram a invasão de terra esperando usar o evento mundial para pressionar o governo por casas subsidiadas.

Passagem - Shasta Darlington - São Paulo – Então eles chamam esse acampamento de Copa do povo. Durante o dia nós podemos ver muitas pessoas aqui

Off 2 – Nós encontramos Jucilene de Oliveira, com duas filhas, ela paga 350 dólares de aluguel

Jucilene de Oliveira – Invasora – Nós pagamos aluguel, comida e roupas. É muito, ela diz

Off 3- No fim do mês, ela e o marido, não sobra nada para comprar uma casa própria. Ela nos mostra a cozinha onde os invasores preparam a comida. O acampamento é dividido em quadrantes. Alguns vivem aqui, outros só se uniram ao movimento para ter seus nomes na lista para ter uma casa. Essas mulheres são novas amarrando nos plásticos lonas para criar uma fila. Por causa da Copa, o aluguel subiu, disse uma mulher. Os alugueis dobraram nos últimos anos, mas não somente nos locais da Copa. À noite, um acampamento levanta, famílias voltam a trabalhar, outras saem para a reunião.

Sonora – Eu sempre gostei de Copa. Era uma verdadeira brasileira, mas essa Copa, nesse estádio, está deixando as pessoas bravas.

Off4 - Maria das Dores coordena invasões de terra para o movimento dos trabalhadores sem teto. Ela diz que a Copa do Mundo não tem nada para ajudar as pessoas pobres

Maria das Dores – Coordenadora do movimento dos trabalhadores sem teto – O legado são alugueis altos e empurrar as pessoas da cidade para a periferia

Off5 – O movimento dos trabalhadores sem teto se tornou uma grande força fora das ruas de São Paulo com protestos com mais de 10 mil pessoas. Eles fecham ruas principais e caminham a pé até o estádio de São Paulo. Toda pressão parece ser paga. Os governantes anunciaram que colocarão os invasores na lista para terem casas. Mas essas famílias disseram que estão prontas para caminhar até o estádio no momento que essas garantias fracassarem. Shasta Darlington - CNN São Paulo.

O Brasil está preparado para a Copa de 2014?

Off1 – É a contagem regressiva final para o começo da Copa do Mundo, minha questão: o Brasil está nos trilhos? Para descobrir, me encontrei com um especialista em infraestrutura Paulo Resende na mesma estação de metrô. A linha do metrô vai levar os torcedores até a Arena São Paulo. Ele está otimista que os torcedores poderão chegar ao estádio facilmente.

Paulo Resende - Diretor de desenvolvimento - Fundação Dom Cabral – Durante um mês, os torcedores no Brasil serão tratados como reis.

Off2 – Mas ele diz que não porque o Brasil vai entregar a prometida infraestrutura. É simplesmente porque nos dias de jogos serão feriados.

Repete Paulo - A Copa do Mundo será entregue, mas será entregue durante feriados, aeroportos alternativos e terminais temporários

Off3 – Por exemplo, o sistema de metrô de Salvador não está pronto. O aeroporto em Manaus, não está pronto. O metro de Belo Horizonte, nem começou. Agora é uma falta de investimento tangível in infraestrutura urbana

que gerou descontentamento. Protestos em todo o país “amarrou” o governo por gastar quatro bilhões de dólares em estádios em vez de ônibus, escolas e hospitais. Muitos protestos se tornaram violentos. No Rio de Janeiro, a polícia escoltada por soldados removeram uma dúzia de favelas para acabar com o crime e tráfico de drogas, especialmente em locais turísticos. Para a Copa do Mundo, o Brasil planeja dispor 157 mil policiais e tropas.

Gen. Roberto Escoto – Posso assegurar que o Brasil vai conduzir muito bem o plano de operações para manter as doze cidades seguras.

Off4 – Os estádios alguns estão mais prontos que outros. O ícone Maracanã está sobre maravilhosa reforma, mas a grama está “gravemente”. A Arena São Paulo é a grande dor de cabeça da FIFA. Dias antes do início, trabalhadores estão terminando a área VIP e os bancos da torcida. Partidas de última hora estavam com capacidade parcial.

Luciano Jr - Journalist - Rede TV – No dia de abertura, os assentos estarão 100% cheios, ele diz. Como os torcedores sentirão outra área da cidade foi testada.

Off 5 – Não parece afetar o recorde de venda de ingressos para torcedores ansiosos para lugares no maior show de futebol do planeta. Shasta Darlington - CNN São Paulo

Repórter é ferida em protesto da Copa

Shasta Darlington – São Paulo - A polícia jogou gás lacrimogênio. Eles acabaram prendendo uma pessoa. Parece que o protesto começa a se movimentar e eles estão empurrando, como vocês conseguem ver, eles estão atirando, eu tenho que ir, eles atingiram o meu braço

Estúdio – Ok, nós também temos fotos. É muito mais sério do que parece, na verdade, a equipe da CNN foi ferida seriamente. Elas estão sendo atendidas por médicos. Alex Thomas, junte-se a nós direto de São Paulo, nos fale mais sobre o que aconteceu com a nossa equipe.

Alex Thomas – Correspondente esportivo – Carol, uma estranha junção de festa e protesto na abertura da Copa do Mundo. Você está mostrando a foto para os telespectadores, e eu posso dizer para você, elas também, é a primeira coisa a dizer, estavam cobrindo aquele protesto e a polícia anunciou força toda a manhã aqui em São Paulo, uma operação de segurança de massa no caminho e a polícia tentou acabar com os grupos de manifestantes que estavam ficando grandes, então eles estavam usando bombas, bombas de gás, nós acreditamos que estilhaços devem ter atingido Shasta e a produtora Barbara Arvanitidis, elas estão feridas. Elas receberam atenção médica, no momento, na rua elas têm atendimento médico. Só pequenos ferimentos. As duas estão bem.

Estúdio – Eu achei que era Shasta, essa é Barbara, certo? Espero que as duas fiquem bem, mas é realmente assustador. Por que essas pessoas estão protestando Alex?

Alex Thomas – Eles estão realmente protestando sobre os gastos colossais para sediar essa Copa do Mundo de Futebol. A Fifa organizou, o futebol tem muitas demandas. O custo dessa Copa do Mundo é de mais de 11 bilhões de dólares, não inclui infraestrutura como sistema de transporte, os benefícios para o país seguir adiante, mas tem uma grande desigualdade nesse país e muitas

peças estão protestando, ricos estão ficando ricos e os pobres estão sofrendo e gastando bilhões de dólares com um evento esportivo, mesmo se é o maior do planeta, não é o melhor uso do dinheiro. Nós falamos com o Cafú, o homem que levantou o troféu da Copa do Mundo no quinto título recorde em 2002. Ele disse que ele entende porque as pessoas estão protestando, o que eles estão fazendo. Ele mesmo vem de um passado pobre, crescendo em favelas. Manifestantes devem deixar as objeções de lado e deixar o Brasil receber o mundo de braços abertos e aproveitar a festa do futebol nas próximas quatro semanas e meia.

Vivo Fan Fest Copacabana

Apresentador – Outro jogo está acontecendo hoje? Qual é o humor aí? Tem protestos e motim? Como está aí?

Repórter – Na verdade está maravilhoso, se você vai em volta do local, se você vai ao redor de Copacabana, as pessoas estão realmente felizes. Tem muitas pessoas, obviamente, muitas de diferentes países. Muitos argentinos, especialmente, porque teve jogo da Argentina ontem, mas se você fosse na cidade ontem, eu acho, muitas pessoas estavam um pouco descontentes com a forma que a Copa do Mundo foi organizada. Muitas pessoas não sentem que tem uma Copa do Mundo, que pessoas normais podem ir. Tem um grande show acontecendo agora para turistas, mas muitas pessoas normais só podem ir ao jogo. Está certo?

Repórter 2 – Correto, Michael. Tem muitos descontentes por causa do dinheiro que foi gasto aqui, mas a maioria dos brasileiros apoia o time nacional. Eles não são contra o futebol. Eles amam futebol, eles só não gostam da forma como tudo foi organizado por trás do jogo. Então, quando você vê um jogo brasileiro, eles vão sair para apoiar o time nacional, se eles fizerem quando, o que esperar, é mudar a política do Brasil também, ao menos Dilma Rousseff, para a eleição em outubro.

Kobe Bryant torcendo pelos Estados Unidos

Repórter – Que tal o debate sobre Cafu, o capitão brasileiro na copa de 2002. Messi e Ronaldo, eles não se tornaram grandes até vencer uma Copa, você concorda com isso?

Kobe Bryant - Los Angeles Lakers Guard - Isso é velho, nos encaramos a mesma coisa na NBA, você pode ser considerado um time grande até vencer um campeonato da NBA.

Repórter – Quem é melhor Messi ou Ronaldo?

Kobe Bryant – Pelos últimos cinco anos, Messi foi o melhor jogador do mundo. Eu acho que nesse ano Ronaldo fez seu jogo ter um outro nível, quando ele foi considerado o melhor do mundo no momento, o que todos sabem é que Messi está na esquina. Ele pode explorar, se ele tiver time. Acho que Neymar vai ser o jogador da próxima geração, você sabe?

Repórter - Uma das necessidades para ser grande na Copa é a mesma aplicada para o “La Rome” em casa agora?

Kobe Bryant – Tem nós dois. Para nós jogadores, realmente se torna quando nós conseguimos, parece absolutamente ridículo, certo? Porque você é realmente sortudo se vencer uma e agora se tornou tão cansativo, você só vence uma ou duas e deve vencer cinco ou seis, o que é absolutamente ridículo, todavia temos que desafiar o que fazemos

Repórter – Torcendo para os Estados Unidos nesse torneio?

Kobe Bryant - Claro

Repórter – E sobre o seu passado europeu?

Kobe Bryant – Italiano

Repórter – Se tiver Itália e Estados Unidos na final, para quem você torce?

Kobe Bryant – Eu vou de Estados Unidos.

Formas peculiares de economizar na hospedagem na Copa

Off1 – Eles vem da Argentina para torcer pelo seu time. E eles fizeram através de um pequeno orçamento. Para oito deles, essa é a casa por um mês. Aqui eles dormem, cozinham, para um café com salada de fruta.

Pablo Masson- Torcedor argentino – Nós não temos muito dinheiro, então nos cozinhamos espaguete e cachorro quente, algumas cebolas, cenouras e vegetais.

Repórter – Sim, vegetais ao menos são saudáveis de qualquer forma

Off2 – O custo de acomodação no Rio de Janeiro não deixou escolha senão ocupar uma avenida movimentada. Aqui Pablo fala em um orçamento de 250 dólares.

Pablo Masson- Na Argentina, nós temos inflação, então não sabemos quanto as coisas custam. Nós gastamos dois reais por dia para ficar aqui.

Off3- Isso não é nada comparado aos preços dos hotéis no Rio, que são os mais caros do país. Em média 445 dólares por noite, de acordo com o Trip Advisor. Com o choque dos preços, muitos argentinos chegaram aqui procurando por mais formas criativas de acomodação. Rene, campeão da Copa pela Argentina em 1978, decidiu fazer da favela Santa Marta sua casa para a Copa do Mundo. Eu perguntei porque ele decidiu ficar aqui e ele disse.

Rene Houseman – Vencedor da Copa do Mundo de 1978 - Mais que qualquer coisa, é importante as pessoas no Brasil ajudarem o turismo aqui valorizando a Favela. Não tem pessoas terríveis e delinquentes, eles são trabalhadores. Uma dessas pessoas trabalhadoras, Gilson dono do primeiro hostel da favela. Ele começou a alugar o andar de cima para Rene e seus amigos argentinos.

Gilson Fumaça – Fundador – Favela Scene – Ele me diz que a demanda continua e também aluga o barraco da mãe e da irmã

Repórter – Ele está dizendo que tem seu quarto ocupado antes da Copa do Mundo, normalmente ele cobra 50 reais, mas no momento, por causa da Copa, cobra 100 reais, 40 dólares.

Off 5 – Essa não é a única oferta de acomodação peculiar

Isa Soares – Rio de Janeiro, Brasil – A maioria dos turistas que falei contou que vai ficar no coração do Rio, e como nós descobrimos, muitos vão ficar em motéis, que são 25% mais baratos que hotéis, mas se ainda está caro para você, de graça você tem quilômetros de praia para deitar a cabeça. Isa Soares – CNN, Praia de Copacabana, Brasil.

Copa do mundo, mais que futebol

Off1 – Em Japeri, um dos lugares mais pobres no Estado do Rio de Janeiro, você provavelmente esperava crianças jogando futebol na rua, mas eles têm um esporte diferente, sim, golfe. Graças ao projeto do primeiro clube de golfe público brasileiro, jovens como Thuanne Oliveira tem a chance de dar uma tacada.

Thuanne Oliveira – jovem jogadora de golfe – Acho que tem muitas coisas que preciso melhorar, mas minha tacada de longa distância é muito boa. Tenho que aprender mais e tenho que querer mais.

Off2- O projeto social do clube de golfe reúne 120 jovens que moram no local, eles ganham comida e roupas, também assistência médica fornecendo o golfe que eles precisam e produzindo vencedores. Muitas das crianças jogam no Estado do Rio de Janeiro e Christian Barcelos também tornou-se um jovem campeão brasileiro.

Christian Barcelos – Campeão brasileiro juvenil – Acho que eu posso ir o quão longe eu quiser. Só depende quanto trabalho e determinação estou disposto para fazer isso.

Off 3 – O tipo de otimismo é raro nas áreas pobres brasileiras. Victoria Whyte, fundadora do projeto, ela diz, é tudo sobre dar as crianças a chance de suceder.

Victoria Whyte – Japeri Golf – Acho que as crianças são muito boas em nível nacional, percebemos que eles tiram daqui todas as chances para fazer alguma coisa para eles mesmos. O nível de alguns deles é fantástico considerando o que eles lidam aqui. Ninguém tem novos clubes, ninguém tem sapatos novos, tudo aqui é dado.

Off4 – Em sua casa pequena, Thuanne me mostra a coleção de troféus. A mãe dela, dona de um quiosque, disse que nunca pensou que a sua filha jogasse golfe, esporte sempre jogado por ricos no Brasil.

Simone dos Santos – Mãe da Thuanne – É uma esporte que oferece oportunidade for a da rua, ela disse, ela se dedica ao esporte da mesma forma que ela nunca se dedicaria a outra coisa.

Off5 – Nós a desafiamos

Fred Pleitgen – Japeri, Brasil – Ela ganhou tantos torneios, esse deve ser o maior desafio, me mostrar como se joga golfe. “Então eu vou assim?,Ok, bom?”

Off 6 – Em um país cheio de desigualdade, esse projeto mostra além de um esporte chamado elitista, pode fazer diferença para alguns pobres. Fred Pleitgen – Japeri, Brasil.

Torcedores chilenos atravessam barreira

Uma dúzia de torcedores chilenos invadiram o interior do Maracanã, atrás de mim, quebrado por torcedores e apedrejado em outro portão, no centro de imprensa. A FIFA disse que um dos intrusos entrou no estádio. Cinco pessoas foram presas pela polícia. Vocês podem ver o dano que foi causado ao local. Um torcedor também ficou ferido. Falei com jornalistas que viram o que aconteceu.

Martin Ziegler – Repórter Esportivo chefe – Press association – Muita gritaria, provavelmente centenas de torcedores atravessaram as portas principais do centro de imprensa desesperados tentando encontrar uma forma de entrar no estádio. Eles avançaram temporariamente. Foi três dias depois dos torcedores argentinos sem ingresso tentaram escalar as grades do estádio antes do jogo do país deles contra a Bósnia. Eles estão muito preocupados, considerando a final da Copa em 13 de julho.

Estádios a menos de trinta dias

Off 1 – Um jogo conduzido na Arena Amazonia, acabou em vitória para a Croácia contra Camarões. Mas há uma grande batalha, o que aconteceu com o estádio construído custou 300 milhões de dólares para a Copa de 2014, uma vez acabado. Críticos dizem que pelo menos três dos doze estádios construídos e reformados para a copa simplesmente não tem o público de futebol necessário para sustentar a longo prazo.

Shasta Darlington – Manaus – Brasil – Ele foi construído como uma cesta da amazônia, mas custa para manter em alta umidade, pode se tornar o maior elefante branco brasileiro.

Off2 – A Arena Pantanal em Cuiabá, o estádio nacional em Brasília e a Arena Amazônia em Manaus. 42 mil lugares no estádio, em um lugar que não tem nenhum clube na primeira divisão ou grande torcida. O processo de construção aponta ao orgulho para atingir as críticas.

Miguel Capobiango – Diretor – Arena Amazônia – Nós trouxemos mais de seis mil pedaços de ferro que teremos que montar aqui, ele disse.

Off3 – Sim, apenas quatro Jogos da Copa serão sediados aqui. Fontes oficiais também falam que ele será usado para grandes concertos. Brasileiros tomaram as ruas para protestar contra o alto preço da Copa, perto de quatro bilhões de dólares, gasto em estádios. A Arena em Brasília, a mais cara de todas, se estima que custou mais de 900 milhões de dólares. Em torno de 70 mil bancos e design único para fazer você se sentir na beira do campo, não importa onde sente. Mas também construído em uma cidade sem um período de futebol na primeira ou segunda divisão. Oficiais dizem que estão preocupados.

Claudio Monteiro – Secretaria Especial da Copa do Mundo de Brasília – Nós estamos na capital do país, temos a maior renda per capita e tem necessidade de ter um estádio desse tamanho, ele diz.

Off4 – Nós viemos ao subúrbio da classe trabalhadora para conhecer torcedores do time local, simples como Brasília. O clube tem centenas de torcedores, muitos adolescentes.

Integrante do time – Os ingressos custam muito, mas faremos um esforço para ir, ele disse

Off 5 – Especialmente para assistir times de classe mundial como eles de Brasília para competir pelo troféu dourado. Mas depois dos jogos acabarem, ninguém sabe quantas vezes poderão preencher os assentos de pelo menos três das majestosas Arenas. Shasta Darlington – CNN – São Paulo

Pré-jogo Inglaterra e Uruguai

Repórter- Quem você prefere no seu time, Wayne Rooney ou Luis Suarez?

Torcedor inglês – Hahaha!

Torcedores uruguaios -Luis Suarez

Torcedores ingleses – Luis Suarez

Torcedores uruguaios – Luis Suarez, ele é o melhor do mundo.

Off1 – Esse é um jogo dominado por dois atacantes. Para a Inglaterra Wayne Rooney, estrela do Manchester United, é quem deve marcar as três linhas na final da Copa.

Roy Hodgson – Técnico Inglês – Ao que me parece, estou satisfeito com a performance. É interessante ter as estatísticas de volta e encontrar mais que outro jogador inglês, mais que outro jogador inglês, talvez não é evidente

Off 2 – Depois da performance impressionante de Daniel Sturridge e Raheem Sterling, eles chamaram Rooney para serem excluídos juntos. Ex zagueiro da Inglaterra e do Manchester United, Phil Neville disse que foi ridículo.

Phil Neville – Ex internacional inglês – Você tem que jogar, eu digo, eu dou toda bola para o Rooney. Ele é o nosso melhor jogador, ele está indo para o Brasil ficar com Neymar, isso não acontece.

Amanda Davies – Para o Uruguai, é sobre Luis Suarez, ele passou por uma operação no joelho no fim de maio. O capitão uruguaio se recusa a confirmar se vai estar recuperado para jogar. Não tem dúvida do atacante Uruguaio provar um estímulo for bater por 3 a 1 a Costa rica no último tempo.

Oscar Tabarez – Técnico do Uruguai - Agora, ele é um dos melhores do mundo. Ele tem condições de superar muitas situações, sem falar. Para nós, ele é um jogador muito importante pela sua técnica e personalidade.

Repete Phil – Me senti incrível com 24 dias de operação. Eu tenho três operações no joelho e se recuperar em 24 dias é pedir muito.

Off 3 – Luiz Suarez marcou na primeira liga inglesa 31 gols, Rooney 17, suspeita-se que o jogador fará o maior impacto na próxima quinta, ele deve tomar o lado da vitória no encontro do grupo D - Amanda Davis – São Paulo - Brazil

Índios despejados para a Copa do Mundo

Off1- Próximo ao famoso estádio Maracanã, essa mansão está se degradando na chuva brasileira. Os habitantes foram despejados. Tem alguns índios de outros países, parte da orgulhosa tribo Tukano. Agora eles são forçados a viver em containers. O cacique Doethyro diz que as autoridades foram sem raízes ao despejar os índios.

Carlos Tucano – Cacique Doethyro – A remoção foi de repente, muito violenta, ele diz, não foi de uma forma respeitosa. Tentamos falar com eles de uma forma respeitosa, mas eles mandaram a tropa de choque

Off2 – O vídeo das redes sociais mostra a operação da polícia contra os índios em março do ano passado. O protesto para permanecer na terra sem ser reprimido pela força de segurança. Eles estão em contêineres por mais de um ano. Lutando para se manter seco na chuva. Cozinhando em uma cozinha básica e o lixo se empilhando nas instalações. Alguns deles se beneficiam com a copa, fazendo artesanato, eles vendem para os turistas.

Sonora - O lugar parece uma prisão, ele diz, é difícil viver desse jeito.

Off3 – Os contêineres ficam a mais de uma hora do Rio

Fred Pleitgen – Jacarepagua – Rio – Esse complexo é formado por um ex centro para leprosos com hospital e colônia para leprosos. Atualmente está disposto em muitos prédios sem reparo, mas ainda têm leprosos sendo tratados aqui

Off 4 – O Estado do Rio de Janeiro diz que os despejos são necessários para terminar o espaço do Maracanã e tem uma ordem da justiça para eles. As autoridades dizem que estão providenciando casas permanentes para a tribo em breve. Mas os Tukanos estão aqui há mais de um ano se amarguram da forma que são tratados.

Repete Carlos Tucano – Nós gostaríamos que a Copa mostrasse a cultura dos índios no Brasil, diz o cacique, porque até em Manaus, no meio da Amazônia, aqui no Rio somos escondidos, somos esquecidos.

Off5- Isolados em contêineres, longe de sua casa, a tribo tukano tenta manter o assunto aos olhos do público. Espera-se que eles possam deixar aqui em breve, se o governo brasileiro manter a sua palavra. Fred Pleitgen – CNN - Jacarepagua – Brazil.

Comidas e Bebidas da Copa

Off1 – Fora do Brasil é difícil recriar o espírito festivo do Rio durante a Copa do Mundo. Os sabores festivos, entretanto, não tanto

Matthew Britt – Chef – Muito tempero, muito complexo britânico de sabores, de influência africana no Brasil através dos anos

Off2 – O chefe executivo Matthew Britt de Washington disse que a inspiração para os dois lugares do menu da Copa do Mundo, primeiro a tradicional cozinha brasileira

Matthew Britt – Nós vamos temperar a barriga de porco, muito agressivamente, com sal e pimenta, nos dois lados, e vamos cozinhar em uma grande chapa usada na América Latina

Off3 – E o espírito esportivo deles se espalha para fora do estádio, nos bares de rua

Matthew Britt – Eles perceberam que eles quando eles vão para o Brasil, o lugar onde tem comida verdadeira brasileira é nos bares de rua

Off4 – Um resultado acaba com a clássica feijoada portuguesa com feijão, bife e porco

Matthew Britt – pimentão, alho e cebola e um pouco de “misso”, que é uma coisa nutricional nós usamos para fazer pratos, feijoada no Brasil, dá um ótimo, bom sabor, eu pego a minha crocante barriga de porco e coloco no molho

Off5 – Cada jogo e celebração por pelo menos metade dos torcedores

Matthew Britt – “Palma Louca” and Xingu é realmente preta, rei do licour stout, Palma Louca legal e refrescante para aqueles dias quentes no Brasil

Off 6 – A bebida nacional brasileira, caipirinha, feita com açúcar, limão e cachaça, uma bebida que vem da cana de açúcar

Brasileiros usam arte como protesto

Isa Soares – Em todo o país, muitos deles estão focando na mensagem política e social.

Off 1 – O artista de rua brasileiro Paulo Ito está pintando o seu protesto. Destacando o problema social do país. Hoje ele encontrou uma tela inesperada na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, uma das favelas mais pobres do Brasil.

Isa Soares – Então nós vemos um homem, um senhor em um terno e uma senhora de vestido e tem pessoas escondidas, sendo escondidas, quem são eles?

Paulo Ito – artista de rua – A população pobre. Quando você tenta esconder alguma coisa para mostrar para os estrangeiros outra realidade que a situação real.

Off 2- Apesar de metafórica, a mensagem é simples, desigualdade é abundante no Brasil com mais de 16 milhões de pessoas na extrema pobreza. O governo discute o dinheiro gasto em infraestrutura e empregos criados em todo o Brasil por causa da Copa do Mundo, que vai beneficiar a população brasileira a longo prazo. Você acredita que o governo está fazendo a coisa certa agora na Copa do Mundo?

Repete Paulo – Os pobres estão tendo que viver em outro lugar para construírem. Não é especificamente sobre o custo da Copa do Mundo, mas sobre prioridades e o que é realmente importante para o país.

Off 3 – A realidade é que muitos brasileiros como Paulo Ito encontram dificuldade em aceitar. Um jeito fácil é ou só sorrir. Isa soares – Rio de Janeiro – Brazil.

Rugby Sevens crescendo no Brasil

Christina Macfarlane – Rio de Janeiro – Brasil – O Rio se prepara para sediar os jogos Olímpicos de 2016. A cidade planeja a primeiro registro no futuro do esporte quando eles são palco do primeiro jogos olímpicos de Rugby Sevens.

Off1 – O parque da cidade é um lugar que em 24 meses é esperado 24 mil torcedores de rugby para o tempo Rugby Sevens dividido com Hong Kong, Londres a Las Vegas e Wellington a Tokyo

Christina Macfarlane – eles estarão secando por milhares que conheceram o jogo no Brasil pela primeira vez e por milhões mais na TV

OFF 2- Comerciais de TV usam humor para espalhar a mensagem que o Rugby está vindo para o Brasil

Mark Egan – Liga International de Rugby – Nós temos muito trabalho com o Rugby brasileiro em todo mundo em termos de desenvolvimento de programas, mas penso que quando você pode vir para cenários como esse no Rio, quando os jogos olímpicos serão sediados aqui. Faremos a primeira aparição do Rugby seven no palco olímpico engajado com a comunidade local, você tem que fazer isso ser divertido. Você tem que manter simples, quero dizer, se você olha para as crianças aqui, elas querem andar com a bola, com uma pequena estrutura, trazendo um jogo simples, então teremos alguma diversão, tendo interesse no esporte.

Off 3 – No sentido que o time avança a realeza do rugby faz o seu caminho para introduzir jovens brasileiros ao esporte. E a credencial oficial segunda de nove

Sobe som

Off 4 – A liga de rugby internacional recrutou a organização para fazer o mesmo trabalho nas escolas dos Estados Unidos com sessões aqui no Brasil.

Sonora – Eu vejo muitas coisas que nós tentamos com as crianças para se divertirem e essa é a ideia principal. Nós temos crianças muito talentosas, elas aproveitam e falam continuar até às nove da noite, eu digo que não que paramos antes das sete, mas foi antes das oito. É o que nós fizemos, é empolgante.

Sonora - Vejo na Inglaterra o inverso com futebol, não tão bem, é o mesmo aqui, relacionado as Olimpíadas, a inclusão é uma real cama elástica que o Brasil

pode pular e se envolver no alto nível do Rugby. Nós não tínhamos uma chance com a Copa, porque não qualifica. Aqui na terra natal deles, no país deles, é o melhor lugar para estar.

Off5 – A segunda sessão acontece e uma das maiores favelas. O jovem jogador recrutado é Thiago Martins, um ator que viveu na favela e se tornou o mais popular ator de novela.

Thiago Martins – ator – Eu uso a minha história como exemplo, como a arte mudou a minha vida, como o esporte muda a vida de muitas pessoas aqui. Acho que projeto como esses, iniciativas como essa, devem ser implementadas em todo o país, não só nas comunidades do Rio, mas em comunidades de todo o país, porque esporte, educação e cultura realmente abrem as cabeças das pessoas.

Duas décadas documentando futebol no Brasil

Christopher Pillitz – Meu nome é Christopher Pillitz, sou fotógrafo há 30 anos. Em 1997, eu comecei um projeto de futebol no Brasil e o que significa para os brasileiros. Qualquer um pode jogar futebol com uma bola, e qualquer um joga, jovens e velhos, mulheres e homens, ricos e pobres, você pode jogar em qualquer lugar. Eu fui na plataforma de petróleo na petrobras na costa do Rio e eles estavam jogando futebol em uma quadra, uma mini quadra, perto de uma gaiola, porque as bolas voam por toda parte, você sabe? Só momentos especiais. A cena no arranha-céu em São Paulo, que eu tive muita sorte de encontrar, com as crianças desafiando a gravidade, jogando futebol no topo de um prédio de trinta andares. Obviamente, o fato da bola voar sobre a beira do prédio e acabar caindo trinta andares abaixo. O Brasil é multiétnico, multicultural,

um país multirreligioso. Especificamente estava procurando por imagens que reforçam fatos inegáveis sobre a ligação entre a religião e o futebol. Pessoas vão ser abençoadas ou abençoar a boa sorte do tempo da Copa do Mundo, eles estão fazendo isso agora. Isso não é puramente sobre futebol. É sobre um importante aspecto da cultura brasileira, como o futebol presume.

Torcedores da Copa do Mundo procuram por amor online

Off 1 – Nesses dias qualquer lugar que você olha, é futebol ou devo dizer “soccer”. Quando eles não estão torcendo pelos seus times, parece que muitos torcedores estão procurando por amor. E cada vez mais usando aplicativos de encontros com dados de localização, como Tinder e Badoo. Torcedor americano, Scoot, diz que deu alguns matches no Tinder.

A maioria é brasileira

Off 2 – Esse casal disse que não está usando.

Na verdade, eu não tenho.

Nunca usei, mas sei muito sobre isso.

Off 3 – Com mais de 600 mil torcedores no Brasil para a Copa do Mundo, o download do Tinder aumentou 50%. A torcedora brasileira, Tatiane, diz que ela não está surpresa.

É bom conhecer pessoas, principalmente estrangeiros no Brasil, ela disse. Pessoas estão usando mais.

Shasta Darligton – São Paulo – Brasil – Os bares estão cheios durante os jogos, mas você olha em volta e muitas pessoas estão com o celular na mão, talvez estejam checando se deu match no Tinder.

Off 4- Decidi criar o meu perfil e acionar outras opções. Muitos deles. Deu match. Agora está na hora de bater papo. Essa é uma grande distração, o jogo na grande tela e na pequena. Shasta Darligton - CNN – São Paulo.

Hollywood pega a febre da Copa do Mundo

Sobe som -ator – Se o jogo chegar perto, eu morde.

Off1 - Will Ferrell iniciou o frenesi da Copa do Mundo, fazendo Hollywood e as estrelas do tapete vermelho pensarem no Brasil.

Sou uma torcedora. Queria estar no Brasil.

Não quero parecer um hipster, mas eu era um torcedor antes de todo mundo querer ser.

Eu não sabia que gostava de futebol antes desse ano. Tipo “yeah, Usa, USA”.

Off2 – Parece que o esporte realmente deixou todo mundo na jogada.

Não diga se você sabe quem ganhou

Olivia Munn – actress – Eu me importo. Me importo se os Estados Unidos ganhar.

Off 3- Pitt Bull e Jenifer Lopez abriram o portão para as celebridades para o show de abertura oficial da Copa do Mundo “We are one”. Não foi muito antes das estrelas terem um caso com a febre do futebol. Jay Z até Mick Jagger marcaram o seu amor pelo jogo. Celebridades estão enviando gritos nos jogos nas redes sociais, com o tweet ao vivo da Rihanna. Justin e Jessica de branco e azul e Hugh Jackman ficou viciado. Até atores apoiaram em diferentes países.

Uma final com sotaque espanhol

Eu escolho Gana

Off4 – A maioria das estrelas está torcendo para os Estados Unidos

Arnold Schwarzeneger – Está na hora de ir, Estados Unidos.

América sempre tem sucesso quando está ganhando.

Off5 – Junto com a onda de americanos está crescendo a febre do futebol.

É a primeira vez que os Estados Unidos realmente prestam atenção

Não tem nada como a alegria de torcer pelo seu país.

Um tour na favela do Rio

Off1- Do lado de fora de um dos mais exclusivos hotéis do Rio de Janeiro, o mundo espera pela sua abertura. Bruno busca o grupo de turistas para o dia. Trocando entre espanhol, hebraico e inglês, ele sobe o morro da favela da Rocinha, a maior do Rio de Janeiro, um lugar que ele conhece bem.

Sobe Som Bruno – Nós não roubamos iphones aqui. Aqui, apesar de ser uma favela, é um dos lugares que me sinto mais seguro

Off2 – Na chegada, o grupo gasta com turistas dos Estados Unidos e da Austrália. Para Bruno e Carlos é hora de começar a acabar com falsos conceitos.

Dou para vocês uma chance para entender o outro lado da sociedade brasileira, quando você faz um tour como esse.

Off 3 – A vista do topo é a primeira ferramenta para o turista despertar. Perfeito para selfies, não tanto para viver. Em breve, esta vista é chocante. Ele passa através de pequenos becos até o coração da vizinhança.

Bruno Schvidah – guia turístico – Você quer mostrar todos os lados da Rocinha. Você tem uma grande visão do topo, você pode ver a praia. Nós temos um bom fundo onde as pessoas tem no negócio toda a felicidade. Nós temos toda essa área colorida aqui e temos coisas ruins. Então nós atravessamos todos os lados, nós podemos ver todos. Todo a coisa colorida é maquiagem, eu diria.

Off 4 – Não leva muito para o grupo ver a favela desmascarada. Os becos se tornam pranchas caminhantes. O cheiro se torna avassalador, para lembrar o grupo onde o Bruno cresceu.

Bruno – Tive que mentir sobre meu endereço. Tive que mentir sobre arrumar um emprego. Eu não poderia dizer para os meus amigos que eu vivo na Favela. Eu precisava ser alguém que eu não sou. Então, agora, quando eu não sou daqui, quando eu não vivo mais aqui, eu digo isso é da onde eu vim.

Isa soares – Rio de Janeiro – Ambos Carlos e Bruno não fantasiam suas visitas. Eles gostam de trazer os turistas dentro da comunidade, dentro dessa favela, então eles realmente podem ver por eles mesmos o que é viver aqui. Eles querem expor a infraestrutura pobre e falta de investimento.

Off5 – É uma realidade que não reluz fora. Ele quer tentar mudar com o seu negócio. Todos na sua equipe é local e o dinheiro feito ajuda essa comunidade. Nesse caso, dois pequenos negócios e capoeira tem a chance de se tornar lucrativo. Finalmente, faz eles ficarem no caminho certo.

Isa – É para os turistas verem em primeira mão como é viver aqui. É uma experiência social. Eles estão tentando desmistificar a ideia de como é viver na favela.

Precisa de um amigo na Copa, alugue um

Off1 – Stéphane é um turista francês que está prestes a fazer um passeio com uma completa entranha. Um morador local aqui só tenta ser seu amigo por um dia. Ele está pagando para Laís, uma advogada moradora do Rio de Janeiro, para ser sua amiga e mostrar os lugares escondidos na cidade. Lugares que os guias de viagens falham em mostrar. Um amigo dele também se uniu ao grupo para ver como é. A primeira parada, provar um dos melhores salgados da cidade.

Sobe som Laís – Você pode ver a Mureta da Urca. Todo mundo vem no domingo para olhar o pôr do sol.

Off2 – Entre uma mordida e outra eles observam a vista. Quando Laís está aqui, não precisa de mapa. Alugar um amigo local se tornou popular nos negócios no mundo todo, especialmente no Rio de Janeiro, onde turistas buscam alternativas e passeios criativos durante a Copa do Mundo. Criado por Daniele Cunha, o site “Alugue um amigo local” tem mais de 300 membros, todos foram aprovados pela empresa.

Danielle Cunha – CEO, Rent a Local Friend – Nós temos chefs, bancários, médicos, advogados, pessoas que trabalham em start ups. Basicamente, tudo que você pode imaginar. A ideia é complementar o salário e para outros, a maioria, fazer para conhecer pessoas interessantes.

Off3 – Stéphane está visitando o Rio por somente três dias e não tem tempo a perder. Isso é mais do que fazer amigos. É uma oportunidade de ver como os brasileiros vivem e se divertem, o que é ser um brasileiro.

Off4 – Lais não vai levá-lo à praia de Copacabana, onde outros turistas vão, em vez disso, ela mostra praias intocadas do Rio.

Sobe som – Esse lugar é mais para pessoas locais?

Sim, mais para pessoas locais

Off5 – Para Lais, essa é uma oportunidade de mostrar o Rio dela

Lais Gonçalves – alugue um amigo local – Vivo sozinha no Rio e quero fazer amigos, mas, para mim, eu gosto de mostrar meus lugares favoritos e juntar um dinheiro extra no meu tempo livre.

Isa soares – Rio de Janeiro - Os amigos locais podem cobrar qualquer valor acima de 115 dólares por hora, a companhia tira 30%. Antes, os turistas nunca estiveram no Rio e vocês não iriam ver a cidade de dentro enquanto paga para contratar um amigo. Isa Soares – CNN – Rio de Janeiro.

Colômbia Controla as emoções da Copa

Cabeça - Rafael Lomo – Autoridades em Bogotá dizem que comemorações deixaram ao menos 15 pessoas mortas e mais de 500 feridos. Durante o último jogo, eles receberam seis mil ocorrências de brigas, vandalismo e outros atos de violência.

Vocês não sabem como comemorar, dizem os torcedores. Eles estão levando isso para o lado errado. Eles estão destruindo as coisas, ficando bêbados e matando.

Off1 – Torcedores colombianos podem ser emocionalmente destemidos para a Copa do Mundo. Andrés Escobar, um jogador colombiano que acidentalmente marcou um gol contra na copa de 1994, foi morto na volta ao país, dez dias depois.

Sonora – Nós definitivamente não estamos fazendo justiça nacional se nessa sexta pessoas morrerem se vencermos ou perdemos mesmo se empatar o jogo. Nós temos que entender somente as vantagens dos times.

Off 2 – O governo da cidade de Cali postou um vídeo no YouTube chamando as pessoas para manter a paz. Esse vídeo do comediante colombiano Christian Ramirez também limita urgentemente se tornou popular nas mídias sociais. “Sem mais gols com morte, ele diz”. “Sem vitórias sangrentas”. Autoridades colombianas baniram a venda de álcool na sexta em diversas cidades incluindo a capital. Também disporem de seis mil policiais e quatro mil soldados para monitorar as áreas onde a violência surgiu no ultimo jogo esperando que quando a colômbia perder a vitória na febre da copa do Mundo sexta vai estar sob controle. Rafael Lomo CNN Atlanta.

Brasil avança para a semi-final

Shasta Darlington – São Paulo – Aqui em Paraisópolis, uma das maiores favelas em São Paulo, pessoas estão fanáticas pelo futebol. Quando a bola começa a rolar tudo para para eles assistirem em suas casas e bares até aqui nessa associação de mulheres, onde eles festejam juntos com churrasco, cerveja e dezenas de familiares. E custa mais ou menos a mesma coisa que um ingresso do estádio e eles simplesmente amam.

Assistir junto dá mais força e é divertido.

Brasileiros nascem jogando futebol Gol (todo mundo pula)

As emoções são muito fortes. Nós não podemos ir ao estádio, mas a família e amigos não se importam.

Sobe som – (cantam - pagode)

Shasta – O lance final do Brasil no coração de Paraisópolis e o samba. Nada mais brasileiro que samba, futebol e a festa só começou e provavelmente vai até eles trazerem o sexto troféu para casa. Shasta Darlington CNN São Paulo.

Torcedores alemães empolgados para a partida com o Brasil

Fred Pleitgen – (imagens do treino) – Líder da grande semi-final contra o Brasil o time da Alemanha realiza a última sessão de treinamento aqui em Belo Horizonte. O time de Joachim Löw tem todas as estrelas disponíveis, apesar disso torcedores que nós falamos na cidade disseram que será uma partida difícil contra o pentacampeão do mundo Brasil

Acho que o jogo vai ser um jogo difícil. Acho a Alemanha forte e o Brasil forte. Acho que estamos no mesmo nível e talvez só no dia, o que será decidido no dia quem vai vencer amanhã.

Fred Pleitgen – Os alemães esperam quatro mil torcedores apareçam aqui nessa cidade e eles também vão mostrar a eficiência. É uma embaixada para conselhos e questões de segurança para torcedores, mas também os melhores lugares para realizar festas e eles acreditam que vai ser uma partida excitante contra o Brasil.

Acho que nossas chances são 50%, ele diz, nós temos um recorde contra as nações que sediam mas vamos fechar o jogo.

Off1 – Como lugares no Rio, nós não vemos muita empolgação sobre a Copa do Mundo aqui na cidade, nós falamos com alguns amigos brasileiros e eles dizem que têm simpatia pelos alemães, mas para eles é tudo sobre avançar para a final.

Fred Pleitgen (coberto com imagens do treino) – Gosto de torcedores alemães. Só quero que o Brasil vença. Um jornal local recentemente votou no time alemão como os mais participativos da Copa, apesar disso é absolutamente claro para quem a maioria dos torcedores do estádio vai estar torcendo na terça à noite.

Brasil avança para as semifinais

Vivo- Torcedores alemães celebrando. Vamos voltar ao esporte mundial ao vivo da copa do mundo com os sonhos do anfitrião de levantar a taça em casa se acabou em Belo Horizonte. A Alemanha destruiu por 7-1 para chegar à final, a nação anfitriã está ao redor, vamos direto para Belo Horizonte com Amanda Davis, a minha colega esportiva da CNN está provavelmente tão espantada como eu, como está aí?

Amanda Davis – Não tenho ideia. A semifinal é a mais bizarra experiência que eu estive presente. É sobre um lugar no final da Copa do Mundo. Está absolutamente quieto aqui. Tem poucos torcedores bravos. Isso significa uma noite cheia de sonhos do anfitrião chegar à final no domingo, em vez disso se tornou em um pesadelo. Neymar e Tiago, dois dos jogadores mais influentes, mas nós não percebemos o quanto eles estavam colados nesse lado juntos. Thomas trouxe o olhar da morte com 11 minutos, foi descrito por alguém perto de mim como o plug chefe, deixaram a água vazando e não parou. A Alemanha tem muito crédito. Teve muita pressão, recentemente, mas eles controlaram e mandaram no jogo e não deram esperança para os brasileiros, o gol de Miroslav Klose se tornou a maior marcação na Copa, com dois de Toni Kroos. Brasileiros saindo e alemães indo.

Jovens brasileiros, grandes sonhos

Off1 – Jogando pequenos torneios com um papel de se tornar grande. Esse é um projeto social de futebol no Rio, chamado Copa Social, quando áreas pobres se enfrentam. O time de André Rodrigues, o príncipe, que se chama Andrezinho está na final.

Andrezinho – jogador de futebol infantil – Meu sonho é me tornar um jogador de futebol, ele disse. Desde que eu era criança, eu disse para o meu pai eu queria jogar bola, agora eu tenho que realizar o sonho.

Off2 – Andrezinho foi formado como um grande jovem talento, até apareceu no vídeo da cerimônia de abertura na Copa do Mundo, mas a sua carreira foi roubada. Andrezinho ainda não assinou com um grande clube e tem que jogar na sua favela.

Repete Andrezinho – Eles falaram que eu não vou jogar no nível profissional porque eu não tenho agente, ele disse. Eu não tenho um agente, eu jogo bem, mais tem outros garotos que não jogam bem, mas eles têm um agente e eles sempre conseguem.

Off3 – Desenvolver jovens talentos se tornou uma questão no Brasil, desde que o time do país foi derrotado pela Alemanha na semifinal da Copa do Mundo, pergunto se o Brasil ainda vai ser um grande produtor de talentos.

Fred Pleitgen – Quase todas as crianças aqui têm sonhos profissionais e aspirações, mas somente poucos deles realmente chegam ao final. Muitos deles reclamam que o mundo se tornou um profissional em Brasil e é duro e desleal.

Off4- De acordo com a Universidade do Futebol, um grupo que promove o esporte no Brasil, para cada criança que atinge o nível profissional, em torno de seis mil não conseguem. Um caçador de talentos diz que é importante focar no comportamento fora dos gramados, tanto quando os conhecimentos de futebol da criança.

Marcos Reis – Caçador de talentos, FYD Estratégia e Consultoria - Os pais precisam entender que eles não deveriam olhar para isso como um bilhete para tirar a minha família daqui. É uma oportunidade das crianças perceberem o sonho que eles devem ter e se isso não significa que terão uma liberdade financeira, ao menos realizado alguma coisa. Ele pode levar isso para outras coisas na vida.

Off5 – Para Andrezinho, a probabilidade está ficando menor a cada dia. Outros jogadores dessa vizinhança já assinaram com grandes clubes, ele ainda está esperando pela chance, ele espera lutar para realizar seus sonhos e se tornar um jogador profissional. Fred Pleitgen – CNN – Rio de Janeiro.

Como o Brasil lidou com a Copa do Mundo

Off1- Da Amazônia ao Rio de Janeiro torcedores entusiasmados. Apesar de estádios de última hora, previsões de bravos protestos e caos nos transportes, o Brasil arrancou. E torcedores de todo o mundo aproveitam mais do que bom futebol. Onde quer que eles vão, grandes corações brasileiros fazem eles se sentir não só bem-vindos, mas amados.

Sonora – Eles escolheram a Amazônia para uma das partidas, só acho um pouco desleal. Eles estão respondendo com as boas vindas apaixonadas mais inacreditáveis.

Off2 – Muitas extensões de aeroportos não ficaram prontas, mas voos foram largamente imprevistos. O que não significou que eles não tiveram sérios problemas. Duas pessoas foram mortas em Belo Horizonte, um viaduto desmoronou. Parte de um projeto da Copa do Mundo não terminou a tempo. A altura não podia ser maior se fosse dia de jogo. No Rio, torcedores romperam a segurança em torno do estádio Maracanã em mais de uma ocasião, quebrando o centro de imprensa. E ainda a questão é o que vai acontecer com os estádios multimilionários construídos em cidades como Manaus sem nenhuma tradição de futebol. Mas vamos encarar o Brasil e a Copa do Mundo muito pior. A presidente Dilma Rousseff falou com a repórter da CNN Cristiana Manpor.

Presidente Dilma Rousseff – Brasil – O fato do Brasil estar organizando, eu acredito que será a melhor Copa do Mundo largamente devido ao povo brasileiro e a habilidade de oferecer larga hospitalidade e apoio as boas vindas em todo o mundo.

Off 3 – Tudo pode ser bom para as Olimpíadas em 2016, que será sediada no Rio de Janeiro. Os locais então atrás do programado e os transportes apenas começaram.

Shasta Darligton – Rio de Janeiro – Um dos maiores desafios é mover as pessoas em torno desta cidade caótica. Para a Copa do Mundo, eles recém entraram no estádio, mas é indicado conseguir por um triz. Shasta Darlington – CNN – Rio de Janeiro

Principais correspondentes CNN e BBC

Apesar do trabalho dos correspondentes da BBC e da CNN não ser o foco deste trabalho, serão trazidas algumas informações sobre os profissionais que mais apareceram nos veículos na cobertura da Copa do Mundo.

Shasta Darlington foi a principal representante norte-americana a retratar o Brasil, na Copa do Mundo, para a CNN. Tem mais de 20 anos de experiência jornalística na América Latina e Europa. Cobriu a morte de Hugo Chavez e a eleição do primeiro papa latino. Baseada no Rio de Janeiro, a jornalista acompanhou inúmeras histórias no país incluindo o surto de Zika vírus, o afastamento da presidente Dilma Rousseff e os inúmeros protestos ocorridos durante a Copa do Mundo. Como será visto nos próximos capítulos, Shasta ficou ferida em uma das manifestações.



Figura 5 – Correspondente da CNN Shasta Darlington
Fonte: <http://www.cnn.com>

Antes de trabalhar no Brasil, Shasta realizou coberturas em Cuba e Haiti. Trabalhou como correspondente da Reuters na Itália por quatro anos. Noticiou a morte do papa João Paulo II. De 1997 a 2000, foi correspondente da Bloomberg e da Reuters no Brasil. “Onde¹⁰⁴ ela cobriu a devastação da crise econômica, guerras do tráfico de drogas e rebelião nos presídios. Antes de se mudar para o

¹⁰⁴ Site CNN. Disponível em <http://edition.cnn.com/profiles/shasta-darlington#about>. Acesso em 22 de setembro de 2016.

Brasil, ela trabalhou para o Los Angeles Times na Cidade do México¹⁰⁵. É formada em literatura inglesa e espanhola pela Middlebury College, localizada no Estado de Vermont, nos Estados Unidos.

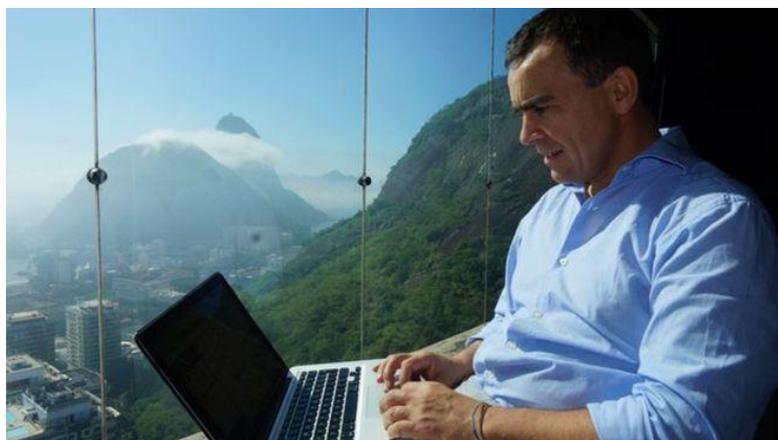


Figura 6 – Correspondente da BBC Wyre Davies
Fonte: <http://www.bbc.co.uk>

Wyre Davies foi o repórter com maior número de matérias da BBC no corpus deste trabalho. É formado¹⁰⁶ em estudos latino americanos, política, espanhol, economia e geografia pela Escola Politécnica Portsmouth. Tem pós-graduação em jornalismo – Rádio e TV pela faculdade Highbury, do Reino Unido. Davies foi correspondente na America Latina, Gales e Oriente Médio pela BBC.

¹⁰⁵ “where she covered the devastating economic crisis, drug wars, and prison riots. Before moving to Brazil, she worked for the Los Angeles Times in Mexico City, Mexico.”

¹⁰⁶ Currículo Linked In. Disponível em < <https://uk.linkedin.com/in/wyre-davies-593a5b38>>. Acesso em 22 de setembro de 2016.

Entrevistas

Entrevista com Philippe Joron

Larissa Fraga - Você acredita que a mídia dinamiza imaginários? Como é dinamizado pela mídia?

Joron - Com certeza. A mídia, ela permite transmitir imaginários. Permite transmitir não apenas imagens, imagens concretas, mas também, por trás das imagens, símbolos, mitos, mitos e símbolos variados. A mídia é um vínculo que vai difundir formas de pensamento, e não apenas formas de pensamento, mas também formas de sentimento, de afetos, que a gente encontra, por exemplo, nos esteriótipos, que a gente encontra nos mitos, enfim.

Larissa Fraga - A televisão, por ter um apelo maior de imagens, ela teria uma maior dinamização de imaginários, comparada a outros meios de comunicação?

Joron - Depende do que a gente entende por imaginário. São técnicas diferentes. Claro que a televisão vai transmitir os conceitos, uma linguagem, uma linguagem verbal, um certo raciocínio. Ela vai transmitir, ela vai difundir formas de análises, mas também transmitir então imagens físicas, que a gente chama de forma clássica, uma imagem. Mas, o conceito, na verdade, ele é apenas uma forma, o conceito que é vinculado na televisão ou jornais tradicionais, na imprensa escrita, é apenas uma forma, dentro de várias outras formas, uma forma de linguagem. Gilbert Durand explica que o conceito é uma imagem “apobrecida”, enfraquecida. A gente não deve, por exemplo, fazer com que o conceito seja confrontado à imagem. Na verdade, o conceito é apenas uma forma de produção imaginária. A televisão vai difundir isso, mas os novos meios de comunicação, a internet, por exemplo, é uma grande possibilidade dessas imagens, e das linguagens que estão por trás dessas imagens.

Larissa Fraga - No livro “O imaginário”, Gilbert Durand diz que a televisão possui um efeito perverso, a imagem enlatada, que anestesia o imaginário. Você concorda com isso?

Joron - Eu acho que talvez ele faz diferença entre a literatura, por exemplo, que é uma mídia que permite transmitir imagens, formas de imaginário. A literatura e a televisão, na época de Gilbert Durand, mesmo se ele faleceu há pouco tempo. A televisão era a nova mídia, a principal, mesmo se depois se chegou a internet. Então, eu não sei se realmente o imaginário enlatado, “apobrecido”, uniformizado, pode ser, talvez, mas ao mesmo tempo, são várias formas de imagem, vários registros do imaginário, que estão exprimidos nos novos meios de comunicação. Talvez o que queria dizer Gilbert Durand, é que na literatura, com as letras, literatura, poesia, a possibilidade de imaginar é muito maior atrás das palavras ou das frases do que nas imagens propriamente ditas, que de uma certa forma, vão indicar para quem visualiza a imagem, tô falando da imagem concreta, vai indicar uma forma de pensamento, pelo menos uma forma de sentimento, uma forma de recepção da imagem. Não sei se fiquei bem claro. Se você visualiza uma imagem, é claro que você não vê apenas uma imagem. Você têm outros registros, pode significar outra coisa, atrás da simples representação. Mas atrás de uma palavra, atrás de uma frase ou atrás de um livro, esse registro do imaginário, certamente é muito maior, porque não tem, são as possibilidades de visualização das imagens é muito maior. São várias formas de recepcionar, imagens que estão contidas dentro de uma frase, dentro de um parágrafo, dentro de um livro.

Larissa Fraga - O imaginário da violência no Brasil foi impulsionado pela televisão?

Joron - Eu pessoalmente, acho que a gente tem um imaginário da violência. A gente partilha um certo imaginário social em relação à violência. É claro que os meios de comunicação vão acelerar ou aumentar, não apenas a produção de imagens violentas, de um imaginário relacionado à violência. Então, vão difundir, divulgar essas imagens, mas também divulgar o que está por trás dessas imagens, que podem ser ideologias, dogmas, religiões, enfim, o que for. Os meios de comunicação, necessariamente, porque eles vão atingir um público muito mais amplo e sobretudo vão fazer com que essa recepção seja mais imediata. Os meios de comunicação, qualquer que seja, de certa forma, mas principalmente os meios de comunicação modernos transformaram a distância

em proximidade, e a duração em instantaneidade e isso, necessariamente, vai favorecer a recepção e a transmissão do imaginário em relação à violência.

Larissa Fraga - Então, a gente, às vezes, vê um caso de violência longe da gente, mas quando a TV veicula aquilo, a gente sente aquilo próximo e aumenta o medo?

Joron - É isso mesmo. Então isso é muito paradoxal, porque pode sensibilizar o público com medo. Vai fazer com que as imagens de violência vão aumentar a sensibilidade do público, em relação à violência, e provocar formas de medo, mas também, ao mesmo tempo, por isso que é paradoxal, a gente se acostuma, o público se acostuma, a formas de violência que ele nem conhecia antes, por exemplo, se você falar ao público, “vocês, nos anos 50”, se você falar com ele, se você pedir para ele, a opinião pública, o que a gente chama de opinião pública, se você perguntar para ele o que era a violência no Brasil, ninguém sabia nos anos 50. Agora talvez ele saiba um pouco mais, mesmo se a a produção, a transmissão e a percepção dessa violência no Brasil é de certa forma distorcida. Porque é sempre a mesma história. Uma informação não vai apenas de um lado A a um lado B. Ela depende também do receptor. Não é apenas uma relação entre a emissora, a produtora da informação, até a recepção. A recepção, onde está o telespectador, o internauta, ele produz também, ele vai criar também essa produção da informação. Necessariamente, para simplificar, eu acho que o receptor ele não é apenas passivo. Ele é muito mais ativo do que a gente acha. Isso tem um lado positivo e um lado negativo, no sentido em que, ele também vai interferir com o imaginário dele. Vai interferir com os estereótipos. Vai interferir com os “apriori” na recepção dessa informação.

Larissa Fraga - Como você vê o Brasil ser retratado na TV francesa? Que temas são falados sobre o Brasil?

Joron - Acho que melhorou bastante, porque têm muitos documentários que “permite” um grau de análise maior do que antes. São muitos documentários que vão tratar, por exemplo, do Brasil, não necessariamente da violência, mas formas de sociabilidade, como por exemplo, a vida nas favelas, que não mostram somente o lado ruim das favelas, mas formas de solidariedade que tem, por exemplo, que a organização das favelas pode ter um grande interesse, por

exemplo, para os arquitetos, ou pra quem organiza, para quem vai cogitar a vida urbana. Nesse sentido, acho que melhorou bastante. Apesar disso, é claro que vincula formas de esteriótipos, os cartões postais. Então, é a violência, e é bonita, a praia e o bumbum, os coqueiros, carnaval também. O problema, por exemplo, no período do carnaval, o que eles mostram na televisão é apenas o carnaval do Rio. Não tem outras formas. Existem outras formas de carnaval.

Larissa Fraga - Eles acham que o Brasil é só o Rio de Janeiro?

Joron - Melhorou bastante. Acho que eles não sabem que Porto Alegre faz parte do Brasil, mas já sabem que lá tem o nordeste, tem a Amazônia. Isso faz parte do Brasil para eles.

Larissa Fraga - Houve algum estranhamento sobre as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte público e corrupção durante a Copa? Daquela ideia do povo alegre? Haveria mudado a imagem do país no exterior?

Joron - É verdade que lá a gente acompanhou nos noticiários, sobre o que aconteceu, por exemplo, todas as manifestações que houve na rua, a gente teve acesso a esse tipo de informação. Não sei se mudou muito, é difícil de dizer se isso vai mudar realmente a opinião pública francesa em relação ao Brasil. Durante anos, uns sete, oito, dez últimos anos, se falou que o Brasil estava numa situação econômica muito boa, com grau de crescimento, taxa de crescimento bastante alta. Então, tudo isso a gente acompanhou, tinha reportagens sobre isso. E a gente, como a gente tava numa situação complicada, antes de 2010, a gente já tava numa situação complicada, com relação ao poder aquisitivo, a economia do país. E de repente a gente soube que tinha bastante problemas no Brasil houve um queda do poder aquisitivo. E que de repente, com o aumento do preço de uma passagem de ônibus, as pessoas iam às ruas reivindicar coisas contraditórias. De um lado você tinha a dona de casa, a doméstica que ia às ruas para reivindicar para dizer que não se devia aumentar o preço da passagem de ônibus, que o salário dela não era bom. Ao lado, também poderia ter uma dona de casa, que o salário da doméstica era alto demais para o salário dela. Então são coisas bem contraditórias, então a gente tinha dificuldade para acompanhar esse tipo de reivindicação.

Larissa Fraga - A televisão reforça estereótipos?

Joron - Ela participa, de qualquer forma participa. Mais uma vez, como tinha dito antes, é paradoxal, não quer dizer que seja irracional. É paradoxal, porque ao mesmo tempo ela pode vincular imagens uniformizadas, conformadas. Ela favorece uma percepção conformada da realidade, com uma certa linha de pensamento. É uma responsabilidade das produtoras, das emissoras, que tão dando aquela informação, que estão divulgando aquelas imagens. Ao mesmo tempo, como se fala nos meios jornalísticos, muita a informação, mata a informação. Então, como a gente tem a nossa, sendo público, nós temos a nossa disposição muitas informações, muitas imagens. A gente precisa fazer uma triagem. Às vezes não temos a energia, nem tempo para fazer essa triagem. Então, a gente conforma também, receber essas informações como foram propostas para gente. Não é apenas a culpa das emissoras, se a gente falar de culpa, também é culpa dos receptores.

Larissa Fraga - Qual é a diferença da realidade de uma cultura e imaginário de uma cultura?

Joron - O imaginário, de qualquer forma, faz parte da realidade. Não há confronto, existe forma de confrontações, não há separação entre o real e imaginário.

Larissa Fraga - Qual é a diferença entre a cultura e o imaginário da cultura?

Joron - O imaginário que a gente tem da cultura brasileira, faz parte da realidade da cultura brasileira. Tô sendo bastante básico. A cultura é muito mais ampla, muito mais rica do que a imagem que a gente pode ter desta cultura. Ao mesmo tempo, como eu tinha dito antes, o imaginário permite muitas interpretações possíveis. De qualquer forma, quando a gente fala de imagem, o símbolo é a forma de imagem, o símbolo ele é a emanção de um mistério, a epifania de um mistério, é o que fala Durand. Então, as interpretações, as maneiras de imaginar o real são infinitas e são diversas, e muito diversas. Então, por um lado, a cultura para vocês é muito maior que a imagem, representação de um francês qualquer, pelo menos de alguém que não é brasileira pode ter. Por outro lado, ela vai imaginar coisas que você nunca imaginou, então paradoxo.

Entrevista com Patrick Tacussel – Tradução Roberta Simon e Bruno Maya

Larissa Fraga - Como o Brasil é percebido na França?

Tacussel -Ele é percebido de forma muito contrastante. Há um contraste na forma que os franceses percebem o Brasil. Há distintas categorias de percepção: há os franceses que já foram ao Brasil, que não têm a mesma percepção dos que nunca foram ao Brasil, conhecem só pela televisão. Durante alguns anos, o Brasil foi associado a uma sociedade festiva, em que a festa cumpre um papel importante, com a influência da transmissão do carnaval do Rio. É associado igualmente ao futebol e a música. Podemos dizer que esses são os três pilares (festa, futebol e música), entre os europeus e os franceses, na representação do Brasil no imaginário europeu e em particular no francês.

Em seguida, quando digo que é contrastante, há outro aspecto, que é a violência. O Brasil, até hoje em dia, em particular pelos franceses que nunca foram ao Brasil, é concebido como um país extremamente violento, porque frequentemente vemos as imagens de gangues nas favelas do Rio. Mas sabemos muito bem que a violência não é mesma se você vai ao nordeste ou ao sul do país. Se vamos a um bairro menos violento ou uma favela que não é controlada, não é pacificada.

Quer dizer que a imagem do Brasil é uma imagem contrastada. De certa forma um país atraente, pela música. Há uma grande admiração pela música brasileira. Nós podemos dizer que os grandes músicos brasileiros são muito conhecidos na França: Vinicius de Moraes, Gilberto Gil, Chico Buarque, mesmo agora a Ivete Sangalo começa a ser conhecida por lá.

Então, a cultura musical brasileira é muito conhecida na França, tanto que ela é regravada pelos cantores franceses, que já regravaram clássicos como Garota de Ipanema. Para os franceses que foram ou não ao Brasil, existe já uma imagem ligada à música.

Em seguida há outra imagem que é compreensível, que é a do Brasil cartão postal, associada à beleza da praia ou da mulher. Para vender os produtos de praia, por exemplo, no mês de julho na França, eles não filmam a praia europeia, mas sim a brasileira. Compramos produtos, como filtro solar, com a imagem da praia de Ipanema, no Rio, quando na verdade são para a praia do mediterrâneo.

Isso é muito interessante do ponto de vista do imaginário, pois quando as marcas francesas querem vender um produto, os produtos que estão ligados ao sol (protetor solar, imagino), muito frequentemente filmam não as praias da Espanha, Itália; mas quase sempre as do Brasil ou de países como a República Dominicana.

Existe essa ideia de um Brasil entre o paraíso e o inferno. É um país que está associado aos dois. O paraíso: a música... Eu lembro que antes de vir ao Brasil, havia uma publicidade na televisão, era uma propaganda de tênis. Nela víamos umas pessoas fazendo corrida, acho que era em Ipanema ou Leblon. A propaganda tinha o slogan: se você quer ficar na moda, não se estressar, faça como eu, compre esse tênis. Nas revistas femininas, como Marie Claire, existem páginas muito comuns, nas páginas de beleza, antes das férias de verão, no meio de julho. Eu lembro de outra publicidade que dizia: como ter, nesse verão, o corpo de uma brasileira.

Então, há uma espécie de padrão (standard) de beleza feminina, que passa pelo cânone da publicidade. Não fazem publicidades de beleza que dizem para mulheres parecerem italianas, alemãs, espanholas etc. Com respeito à moda de roupas, a partir do mês de julho, em todas as lojas, há o chinelo *Havaianas*. Elas são vendidas como se fossem brasileiras, mas na verdade foram feitas na França. A copa do mundo se adicionou a tudo isso.

Esse é o lado bom, uma imagem próxima a uma vida que os utopistas do século XIX falavam do Taiti. Similar à viagem de Bougainville que Diderot comentou, e que descreveu o Taiti como um paraíso terrestre, no qual todos são gentis.

O futebol brasileiro era considerado na Europa, durante algum tempo, como algo imbatível. Agora mudou um pouco. Mas existe essa imagem de grandes jogadores brasileiros. Quando a França ganhou do Brasil, na copa do mundo, é que a coisa mudou um pouco. Houve também a noção de que os franceses também poderiam ganhar.

Há uma imagem do Brasil associada da música, ao corpo, à diversão do corpo, principalmente para as mulheres, mas igualmente para os homens, porque na publicidade vemos os homens que estão na praia. Uma ideia que é vinculada pela bossa nova, por Gilberto Gil, por Chico Buarque, é a sensualidade. Há um aspecto de sensualidade que nós não podemos dizer de

uma jovem da Alemanha. E então, não usam as alemãs (como a Cláudia Claudia Schiffer, por exemplo) pra vender a beleza, mas pra vender carros.

Resposta 2 – Sim, porque é um imaginário que se reduz. O imaginário é bem mais vasto. A imagem mental é mais vasta que a imagem televisual. A imagem televisual é o guia da leitura.

Eu penso também que essa afirmação está ligada também ao fato de que Gilbert Durand testemunhou a Segunda Guerra Mundial. Ele tem uma imagem dos meios de comunicação de massa associada aos regimes totalitários. Evidentemente, quando nos vemos a utilização da televisão ou do cinema por regimes totalitários, notamos que lá a *mise-en-scène* causa um problema.

Eu acho que atualmente nós não podemos dizer as coisas totalmente assim. Nós podemos dizer que as coisas hoje são contrastantes. No final, os jovens se apropriam da imagem um pouco como eles querem. Há quarenta anos a televisão era limitada, tinha poucos canais, um ou dois. Hoje há uma grande quantidade de canais: um canal de música, outro de compras. Podemos dizer a paisagem televisual é a imagem da sociedade, um mosaico.

Não podemos retomar uma ideia de uma televisão perversa, por que há uma perversão na imagem. Nós podemos dizer que todas as imagens são perversas, não apenas as da televisão. Como Freud disse, mesmo as imagens do sonho.

Entrevista Gilles Lipovetsky – Tradução de Juremir Machado da Silva

Larissa Fraga - Qual o papel social da televisão na hipermodernidade?

Lipovetsky - A televisão tem e sobretudo teve um papel capital. Vou pegar um exemplo Europeu, cada um assiste de três a três horas e meia de televisão por dia. É o meio de informação mais geral, mais disseminado, a maioria das pessoas obtém informações pela televisão. É o lazer, disparado, mais importante para a maioria. Três horas e meia por dia é bastante. E depois tem a questão das crianças expostas à televisão. A televisão tem um papel de informação, mas sobretudo de um modelo lúdico. A questão que se coloca é “isso vai continuar?”. A televisão como mídia de massa sofre a concorrência da internet. Nos Estados Unidos e na Europa, o tempo que os jovens assistem a televisão está caindo muito, ficam mais nos tablets. Quando a gente conversa com diretores de televisão, eles estão muito inquietos. Uma nova televisão está surgindo, está se construindo. Passa da televisão linearizada, a televisão que era uniforme, todo mundo olhava o mesmo programa na mesma hora, agora vamos para uma televisão segmentada, que agora é ao contrário, deslinearizada. Então, a televisão do replay, por demanda. A gente pode olhar os programas que já passaram, que gente vai escolher. A televisão foi o grande meio de massa. E hoje esse modelo está se apagando. O modelo unilateral da comunicação. O modelo um- todos é atacada por um modelo cada um-cada um. Cada um vai no google e procura as suas próprias informações. O futuro eu não sei, mas é o grande desafio do amanhã, os consumidores querem poder escolher os programas, e nesse sentido é uma boa coisa.

Larissa Fraga - Como vê a demonização da televisão?

Lipovetsky - É uma obsessão dos intelectuais. Eles veem o diabo por toda a parte, na televisão, na moda, na publicidade. Tudo é satã. Inimigo radical da democracia, da liberdade, da individualidade. Esse intelectuais não observam a realidade das coisas. Por exemplo, existe um exagero em relação ao poder da mídia. A mídia tem o poder, mas não todo o poder. Desde os anos 1950 que se diz que a publicidade cria necessidades, é verdade, mas todas as necessidades. Já escrevi isso “Se você não gosta de Whisky, pode olhar 50 milhões de

publicidades sobre Whisky que não vai beber Whisky. Essa necessidade não se cria. Logo o poder midiático da televisão e da publicidade não é tota, não é Big Brother. A gente subestima a capacidade de distanciamento, a capacidade de crítica dos indivíduos. Em relação às crianças até estaria de acordo. Elas sofrem a influencia da mídia. Mas se a gente olha, o que fazem os telespectadores? Eles ficam zapiando, quando veem a publicidade, mudam de canal. Tem uma vitimização sistemática em relação à televisão. Não se considera suficientemente que a sociedade individualizada. Nelas as pessoas também são atores sociais. Não são objetos apenas, não são objetos que se podem ficar massacrando. Não se pode ficar matraqueando. Eles reagem. Nós devemos reagir contra a estigmatização sistemática da mídia e da televisão. É claro que a mídia tem vícios, defeitos. Por exemplo, não é muito bom para a vida intelectual. A vida intelectual na TV só depois das onze e meia da noite. Mas a pergunta é “temos que ficar denunciando a mídia todo o tempo?”. A mídia não é escola. A mídia não tem essa vontade de destruir a qualquer preço a cultura. Imagina 150 milhões de brasileiros que querem escutar Lipovetsky. Se as pessoas quisessem, teria programas na televisão. Se não tem, as pessoas querem outra coisa. É um modelo de mercado. A verdadeira crítica não é em relação à mídia. Pode criticar, se o público não muda, a mídia não vai mudar. É a escola que se deve criticar. É a formação de base. Mudem as pessoas que a mídia mudará.